Cláudia Tarpani

INFORMAÇÃO, BIBLIOTECA E EXTENSÃO RURAL:
estudo de caso na CATI-SAA/SP

Belo Horizonte

1992

INFORMAÇÃO, BIBLIOTECA E EXTENSÃO RURAL:
estudo de caso na CATI - SAA/SP

CLÁUDIA TARPANI

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Administração de Bibliotecas da Escola de Biblioteconomia da UFMG, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Biblioteconomia.

U. F. M. G. - BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA
252049309
NÃO DANIFIQUE ESTA ETIQUETA

Área de Concentração:
Biblioteca e Informação Especializada

Orientador: Prof. Eduardo José Wense Dias
Co-Orientador: Prof. Valdir de Castro Oliveira

BELO HORIZONTE
1992

A concretização deste trabalho foi possível graças à:

- Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (CAPES);

- Coordenadoria de Assistência Técnica Integral, da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do estado de São Paulo (CATI-SAA/SP)

"Assim como o direito de fala, do voto, de receber serviços sociais, o direito do acesso à informação é verdadeiramente o quarto direito de cidadania"

GREEN (1986)

Aos meus pais e irmãos

SUMÁRIO

Lista de Quadros

Lista de Figuras

Lista de Abreviaturas

RESUMO

APRESENTAÇÃO 01

1 METODOLOGIA 08

1.1 Descrição dos procedimentos 10

1.1.1 Universo teórico 11

1.1.2 Universo institucional 12

1.1.3 Universo empírico 13

1.1.4 Critério de amostragem das entrevistas 13

1.1.4.1 Tipologia dos entrevistados 15

1.1.5 A técnica da entrevista 15

1.2 Tratamento e análise dos dados 16

2 A INFORMAÇÃO NA SOCIEDADE MODERNA 18

2.1 Conceito de informação 20

2.2 A evolução da importância da informação 24

2.3 A dinâmica da informação na sociedade moderna ... 27

3	O PROCESSO DE TRANSFERÊNCIA DA INFORMAÇÃO	31
3.1	A biblioteconomia e a informação	32
3.2	O ciclo da informação agrícola: a comunicação rural	36
4	A INFORMAÇÃO E O MEIO RURAL: A EXTENSÃO	40
4.1	Meio rural e o desenvolvimento	43
4.1.1	O papel da informação no desenvolvimento rural ..	46
4.2	A Assistência técnica e a Extensão rural	46
4.2.1	Origem e objetivos	46
5	A ASSISTÊNCIA TÉCNICA À AGRICULTURA NO ESTADO DE SÃO PAULO	52
5.1	A Coordenadoria de Assistência Técnica Integral- CATI	54
5.2	Os setores que produzem/processam informação	67
5.2.1	O DEXTRU	67
5.2.2	O CECOR	73
5.2.3	A Biblioteca da CATI	75
6	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	77
6.1.1	O CECOR - Centro de Comunicação Rural	77
6.1.1.1	Grupo Técnico de Editoração	78
6.1.1.2	Grupo Técnico de Som e Imagem	82
6.1.1.3	Grupo Técnico de Programação	83
6.1.2	O DEXTRU	83

6.1.2.1 O Centro de Produção Animal 83

6.1.2.2 O Centro de Produção Vegetal 84

6.1.2.3 O Centro de Recursos Naturais 85

6.1.2.4 O Centro de Sócio-Economia 85

6.1.3 A Biblioteca da CATI 86

6.2 Extensão e desenvolvimento rural - concepção 88

6.2.1 A opinião dos profissionais da área de comunicação 88

6.2.2 A opinião do bibliotecário e de sua chefia 96

6.2.3 A opinião dos profissionais da area técnica 105

6.3 Condições de trabalho 111

6.4 Papel da biblioteca da CATI na circulação da informação 117

7 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES 138

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 148

ANEXOS 152

LISTA DE QUADROS

QUADRO I - Materiais produzidos pelo Grupo Técnico de Editoração (CECOR - CATI)

QUADRO II - Acervo da biblioteca por tipo de material nos últimos 3 anos

QUADRO III - Recursos humanos da biblioteca nos últimos 3 anos

QUADRO IV - Consultas, por tipo de material nos últimos 3 anos

QUADRO V - Empréstimos por tipo de material nos últimos 3 anos

QUADRO VI - Empréstimos entre bibliotecas por tipo de material nos últimos 3 anos

LISTA DE FIGURAS

FIGURA I - Relação da biblioteca da CATI com o meio ambiente

FIGURA II - Sistema Paulista de Assistência à Agricultura

FIGURA III - Processo de Transferência Tecnológica Agropecuária

FIGURA IV - Coordenadoria de Assistência Técnica Integral

FIGURA VI - Integração da biblioteca da CATI ao meio ambiente interno (organizacional) e externo

LISTA DE ABREVIATURAS

CATI-SA/SP - Coordenadoria de Assistência Técnica Integral da Secretaria de Agricultura e Abastecimento de SP

CECOR - Centro de Comunicação Rural

CECORT - Centro de Comunicação Rural e Treinamento

CETATE - Centro de Treinamento em Assistência Técnica

COSESP - Companhia de Seguros do estado de São Paulo

CPA - Centro de Produção Animal

CPV - Centro de Produção Vegetal

CRN - Centro de Recursos Naturais

CSE - Centro de Sócio Economia

DAS - Departamento de Assistência Supletiva

DATE - Divisão de Assistência Técnica Especializada

DEXTRU - Departamento de Extensão Rural

DIRA - Divisão Regional Agrícola

DOT - Departamento de Orientação Técnica

DPV - Departamento de Produção Vegetal

EMBRAPA - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

EMBRATER - Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural

GT - Grupo Técnico

IAC - Instituto Agronômico de Campinas

SCR - Serviço de Comunicação Rural

SIBRATER - Sistema Brasileiro de Assistência Técnica e Extensão Rural

SNIR - Sistema Nacional de Informação Rural

RESUMO

O presente estudo investigou o papel da biblioteca e da informação na extensão rural, tomando como objeto de análise a Coordenadoria de Assistência Técnica Integral da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do estado de São Paulo (CATI-SAA/SP). Tendo como hipótese que o papel da biblioteca da CATI é determinado pelo meio ambiente interno (organizacional) e externo (contexto no qual a organização está inserida), além da organização e administração da informação, foram efetuadas entrevistas com os responsáveis pelos setores que produzem/processam a informação. Essas objetivaram verificar como os fluxos de informação são organizados e administrados, considerando-se:

a) a concepção dos profissionais a respeito da informação, extensão e desenvolvimento rural;

b) o entrosamento entre os setores responsáveis pela produção, organização e disseminação da informação;

c) as condições de trabalho desses profissionais e os fatores que interferem na atuação dos setores.

Através das entrevistas e da coleta de dados quantitativos foi possível identificar a relação da

biblioteca da CATI com a organização, sua contribuição no processo de circulação da informação, bem como a opinião dos profissionais a respeito da Instituição e da importância da informação para o desenvolvimento do meio rural.

APRESENTAÇÃO

APRESENTAÇÃO

No mundo moderno é imprescindível que adequados fluxos de informação cheguem a todos os setores da sociedade. Entretanto, nem sempre isso ocorre pois, na maioria das vezes, a organização administrativa bem como variáveis políticas interferem negativamente nesse processo, comprometendo o desenvolvimento social e econômico. Na extensão rural isso não é diferente. Tratando-se de uma atividade educativa baseada na difusão de informações, objetiva alterar significativamente a prática de seus usuários, os agricultores. Analisando-se essa atividade verifica-se que inúmeros fatores interferem limitando o alcance político e as possibilidades de informação na extensão rural. Pode-se inferir que estas causas vão desde as políticas agrícolas preconizadas para o setor rural até o tipo de dinâmica atribuída a esse setor. Além dessas deve-se mencionar a forma como os fluxos de informação são organizados e administrados e o grau de integração entre os vários setores que compõem as instituições de extensão rural. Considerando-se a biblioteca uma instituição centrada no processamento e disseminação de informações pode-se lhe

atribuir grande responsabilidade nesse contexto. Desse modo, o objetivo desse trabalho está relacionado ao estudo da biblioteca e da difusão de informações com vistas à promoção do desenvolvimento rural. Para tanto, é importante esclarecer em que sentido pretende-se enfocar a biblioteca e a informação.

A maioria dos estudos desenvolvidos sobre a informação e a biblioteca tendem a estudá-la como um sistema fechado, isolado em suas partes, como uma organização suficientemente independente onde cada processo é analisado fazendo-se referência apenas à estrutura interna, desconsiderando-se o ambiente externo (TARAPANOFF, 1984). A informação é geralmente considerada do ponto de vista metodológico na literatura biblioteconômica, sob o enfoque de estudos operacionais estruturados dentro do sistemismo. Embora reconheça-se a importância dessas e outras abordagens metodológicas acredita-se que deva ser salientado o caráter relacional da informação "a informação não pode ser pensada fora de um contexto social ou fora de uma organização; ela é essencialmente relacional e portanto organizativa e organizadora" (ALMINO, 1986), e o papel da biblioteca na sociedade, particularmente sua contribuição para o desenvolvimento do meio rural. Desse modo, nesse estudo serão enfocadas as variáveis externas do objeto de pesquisa, a informação, bem como os fatores que interferem positiva ou negativamente no fluxo

informacional, tomando como objeto de análise a Coordenadoria de Assistência Técnica Integral da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do estado de São Paulo - CATI-SAA/SP.

Procurou-se conduzir o estudo considerando as especificidades do meio rural na sociedade brasileira, a intervenção de instituições públicas e privadas visando ao desenvolvimento do meio rural, a extensão rural como um processo de difusão de informações e, inserida nesse contexto, a biblioteca.

Para alcançar esse objetivo o trabalho apoia-se em três universos:

1) Universo teórico;

2) Universo institucional;

3) Universo empírico.

Partindo de aspectos teóricos da informação/biblioteca e do desenvolvimento rural, o estudo analisa os pressupostos da biblioteca da CATI, as condições de funcionamento e circulação da informação (universo institucional) além da percepção dos usuários e do bibliotecário quanto ao meio rural e desenvolvimento, à xtensão rural e à informação e biblioteca (universo empírico).

Tem-se como premissa que através desses

instrumentos poder-se-á delinear de maneira clara a importância e o papel da biblioteca no processo de informação para o meio rural.

Há que se considerar a evolução que a extensão rural vem sofrendo ao longo dos anos (tanto no que se refere aos objetivos quanto às metodologias para alcançá-los) e o fato de ser basicamente um trabalho pautado na disseminação de informações. Assim se a biblioteca tem por objetivo o processamento da informação e sua disseminação pode-se indagar qual seu papel em uma atividade eminentemente educativa que não tem outro produto a oferecer senão a informação. Nesse sentido a biblioteca é aqui entendida como uma instituição que atua na formação de seus usuários e cujo profissional, o bibliotecário, deve dominar além dos aspectos técnicos do tratamento/recuperação da informação aqueles conceituais sobre as características do público ou usuário com que trabalha, no caso aspectos relativos ao meio rural, desenvolvimento rural e à extensão.

Na CATI há três setores distintos que trabalham com a informação:

1) o Departamento de Extensão Rural (DEXTRU): adaptando a tecnologia/informação gerada pela pesquisa agropecuária;

2) o Centro de Comunicação Rural (CECOR): editando o material informativo para a rede de assistência técnica e para os produtores rurais;

3) a biblioteca: prestando suporte informacional à Coordenadoria.

Considerar-se-á as relações da biblioteca com seu meio ambiente organizacional (CATI) e específico e geral (políticas de informação para o setor rural, meio rural e sociedade brasileira), conforme modelo expresso na Figura I.

FIGURA I RELAÇÃO DA BIBLIOTECA DA CATI COM O MEIO AMBIENTE

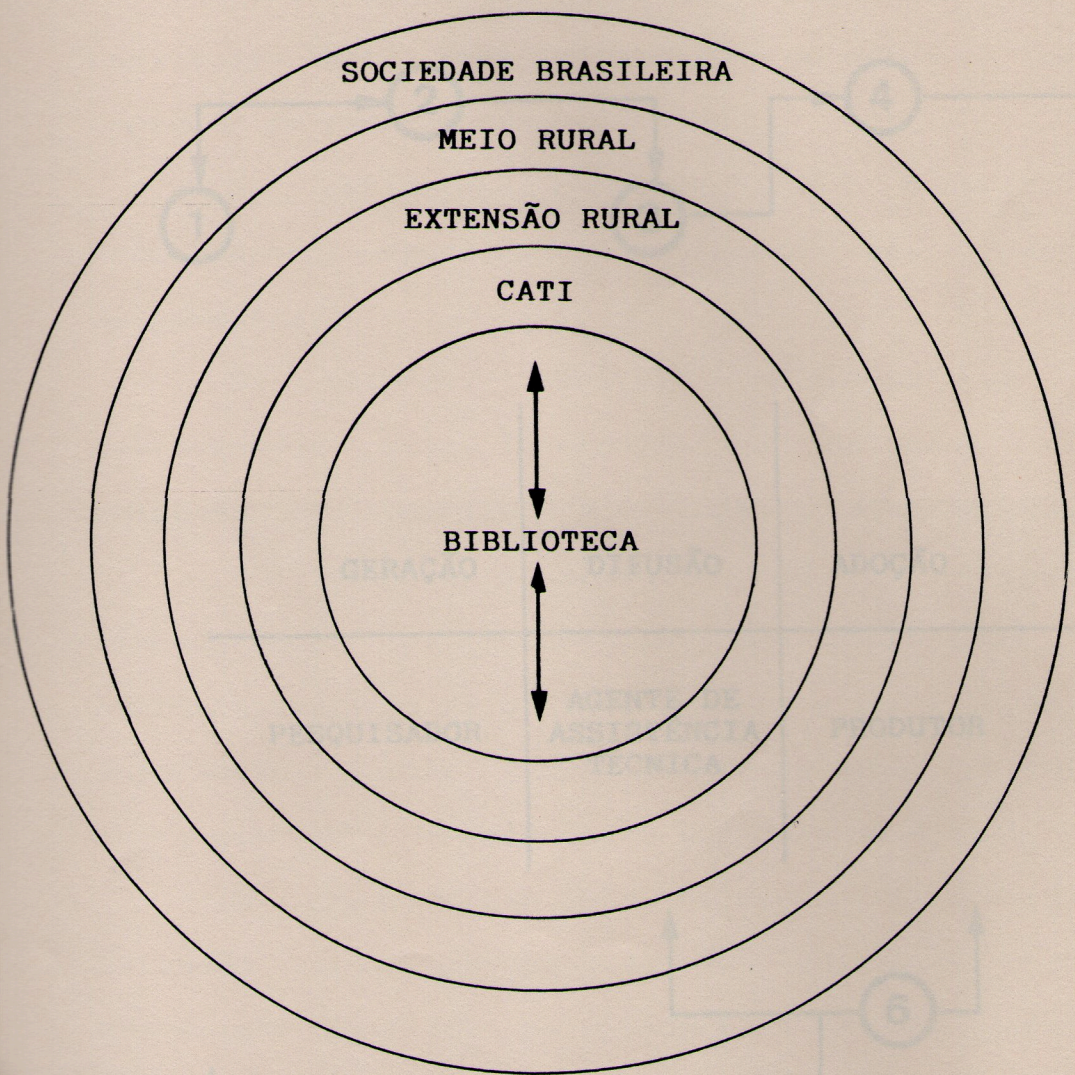
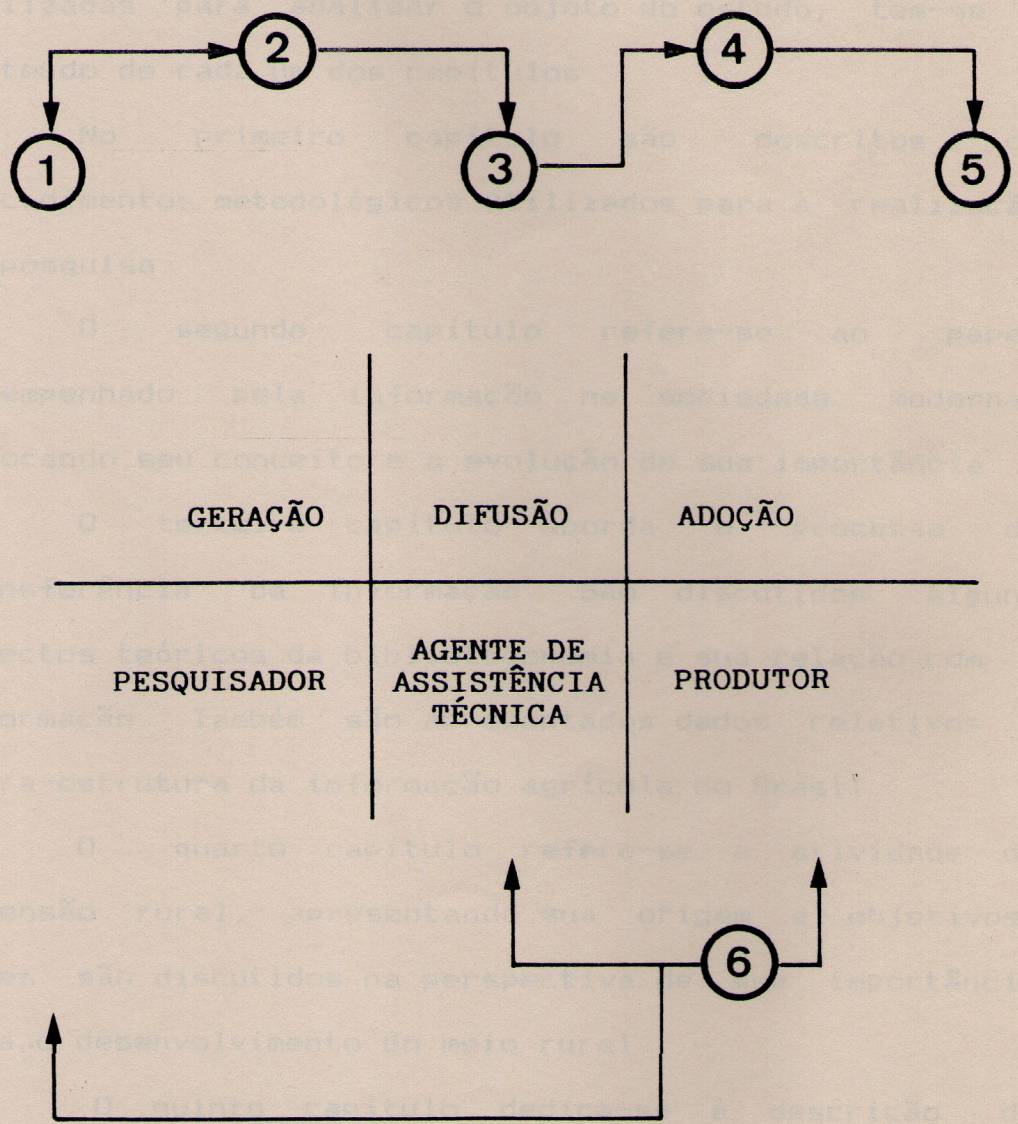


FIGURA II PROCESSO DE TRANSFERÊNCIA TECNOLÓGICA AGROPECUÁRIA



Acredita-se que a biblioteca deve ser analisada não somente em nível estrutural mas também como um sistema aberto e sujeito às influências do meio. Além disso, considerando o aspecto relacional da informação, a biblioteca deve assumir uma função dinâmica no ambiente no qual está inserida.

Para uma melhor compreensão das operações realizadas para analisar o objeto do estudo, tem-se o conteúdo de cada um dos capítulos.

No primeiro capítulo são descritos os procedimentos metodológicos utilizados para a realização da pesquisa.

O segundo capítulo refere-se ao papel desempenhado pela informação na sociedade moderna, enfocando seu conceito e a evolução de sua importância.

O terceiro capítulo aborda o processo de transferência da informação. São discutidos alguns aspectos teóricos da biblioteconomia e sua relação com a informação. Também são apresentados dados relativos à infra-estrutura da informação agrícola no Brasil.

O quarto capítulo refere-se à atividade de extensão rural, apresentando sua origem e objetivos. Esses são discutidos na perspectiva de sua importância para o desenvolvimento do meio rural.

O quinto capítulo dedica-se à descrição da assistência técnica à agricultura no estado de SP, bem como ao papel da Coordenadoria de Assistência Técnica

Integral - CATI, órgão responsável por tal atividade. Tem-se nesse capítulo dados sobre a CATI desde sua criação até os dias de hoje.

O sexto capítulo apresenta os resultados do estudo, subdivididos de acordo com os objetivos propostos.

No sétimo capítulo são apresentadas as conclusões e recomendações do estudo.

METODOLOGIA

1 METODOLOGIA

O estudo do fluxo de informações na extensão rural é tarefa complexa já que a comunicação rural é um processo que envolve pesquisadores, extensionistas e produtores rurais.

Pelo modelo de FONSECA (1977), a respeito do processo de transferência tecnológica agropecuária tem-se (Figura II):

Etapa 1 - Geração: corresponde ao arranjo institucional para produzir informação científica e tecnológica, tendo em vista a necessidade dos produtores rurais e dos programas de desenvolvimento do setor público;

Etapa 2 - Esta informação tem que ser transferida ao agente de mudança, através de meios ou canais específicos, o que implica em um processo de re-codificação da mensagem;

Etapa 3 - Difusão: As instituições que se ocupam da difusão têm que se organizar para cumprir sua função: corresponde portanto a ao aspecto de comunicação em organizações formais;

Etapa 4 - O agente de mudança tem que utilizar variada metodologia para transferir sua informação ao produtor;

Etapa 5 - Adoção: O produtor atua sobre a informação e utiliza seu sistema como uma "caixa de ressonância" para suas decisões com respeito à mensagem. Está considerada aqui a propagação através do efeito indireto da mudança;

Etapa 6 - Retroalimentação: o próprio produtor deve retroalimentar o sistema de difusão e de geração, reiniciando, portanto um novo ciclo.

A extensão rural, que será abordada neste trabalho, inicia-se na segunda etapa do modelo de FONSECA (1977) e corresponde à recodificação da informação oriunda da pesquisa agropecuária para difusão aos agricultores.

1.1 Descrição dos procedimentos

O estudo de caso que ora é apresentado tem como objetivo levantar dados referentes ao papel da informação e da biblioteca na extensão rural, a fim de que se possa estabelecer a relação entre a informação e o meio rural na perspectiva desenvolvimentista.

Para tanto tomou como objeto de análise uma Instituição que atua na produção e difusão de informação ao meio rural, a Coordenadoria de Assistência Técnica Integral - CATI, da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do estado de SP, mais especificamente os setores que produzem/processam a informação.

A fim de verificar como os fluxos de informação são organizados e administrados considerar-se-á:

a) a concepção dos profissionais a respeito da informação, extensão e desenvolvimento rural;

b) o entrosamento entre os setores responsáveis pela produção, organização e disseminação da informação;

c) as condições de trabalho desses profissionais e os fatores que interferem na atuação dos setores;

d) a contribuição da biblioteca da CATI na circulação da informação.

Considerando o fato de as políticas e práticas de

informação para a extensão rural apresentarem-se vinculadas a um contexto que inclui a modernização tecnológica do meio rural, a complexidade das relações de produção na agricultura brasileira, bem como questões relativas ao objeto da extensão rural, à definição de seu público, às suas diretrizes e prioridades, procurou-se desenvolver o estudo partindo da análise deste contexto (universo teórico), passando pela prática de trabalho da CATI (universo institucional), evidenciando as opiniões dos profissionais que atuam na produção/processamento da informação (universo empírico). Essa análise objetiva destacar o papel da comunicação e da informação, vinculando-as a seu meio ambiente interno (organizacional) e externo (meio rural).

1.1.1 Universo teórico

O uso da terminologia "meio rural" "meio urbano" confere a cada um características próprias. Tal diferenciação tem produzido inúmeros estudos referindo-se também aos processos relativos a cada meio: comunicação rural, informação rural.

O meio rural tem sido objeto de transformações que incluem a modernização tecnológica, o aumento de mensagens e veículos de comunicação, a crescente penetração do capitalismo na agricultura. Diante desse quadro preconiza-se a importância da informação para o

meio rural.

Ao se pensar em estudar a difusão de informações ao meio rural e o papel da biblioteca nesse processo, deve-se fazê-lo considerando esse cenário, (relacionando-o aos outros instrumentos de análise do estudo). Desse modo foram focalizados aspectos relativos à informação, à extensão e ao desenvolvimento do meio rural.

1.1.2 Universo institucional

Tomando como objeto de análise uma Instituição de reconhecida importância junto ao meio rural, procurou-se estabelecer as condições de trabalho e o entrosamento entre os setores que produzem/processam a informação; no caso DEXTRU, CECOR e biblioteca. Destes, procurou-se dar maior destaque à biblioteca, uma vez encarregada de prestar suporte informacional a toda a Coordenadoria e de ser a preocupação central do estudo.

Os dados referem-se ao planejamento de atividades, estrutura, orçamento, recursos humanos, etc. Esses foram cruzados com os dados obtidos no universo empírico objetivando estabelecer com clareza as condições de produção e circulação da informação na CATI.

1.1.3 Universo empírico

Procurou-se através de uma série de entrevistas e observações "in loco" levantar opiniões e dados relativos ao papel da informação e da biblioteca na CATI, objetivando compreender as condições efetivas que interferem na produção e circulação da informação.

1.1.4 Critério da amostragem das entrevistas

Como já foi mencionado, o fluxo de informações na comunicação rural é bastante complexo. Da mesma maneira a extensão rural é um processo que pode ser compartimentado para fins de estudo, já que estão envolvidos nessa atividade os profissionais que trabalham na adaptação da tecnologia (informação) gerada pela pesquisa e aqueles encarregados de difundi-la junto ao meio rural.

Assim, optou-se por enfocar nesse estudo a opinião dos profissionais que trabalham na Coordenadoria (que atuam no planejamento de atividades), excluindo aqueles que atuam diretamente na extensão rural, lotados nas DIRAS e Casas de Agricultura.

Essa delimitação fez-se necessária em função da estrutura do Sistema Paulista de Assistência Técnica que abrange praticamente todo o estado. Obviamente outros

estudos, enfocando as demais etapas do processo de comunicação rural complementariam esse trabalho.

Decidiu-se por entrevistar os responsáveis (diretores e/ou chefes) pelos setores que *produzem/processam a informação a saber:*

DEPARTAMENTO DE EXTENSÃO RURAL (DEXTRU)

. Centro de Adaptação e Transferência de Tecnologia da Produção Animal;

. Centro de Adaptação e Tranferência de Tecnologia da Produção Vegetal;

. Centro de Sócio Economia;

. Centro de Adaptação e Transferência de Tecnologia de Preservação de Recursos Naturais.

CENTRO DE COMUNICAÇÃO RURAL (CECOR)

. Diretoria;

. Grupo Técnico de Som e Imagem;

. Seção de Radiodifusão;

. Grupo Técnico de Editoração.

CENTRO DE TREINAMENTO (CETATE)

. Diretoria;

. Seção de Biblioteca.

Vale mencionar que o Centro de Treinamento não atua diretamente na produção/processamento da informação.

No entanto, a biblioteca da CATI subordina-se hierarquicamente ao Centro, o que levou à decisão de verificar a opinião do responsável pelo mesmo, sobre os aspectos já mencionados.

1.1.4.1 Tipologia dos entrevistados

Foram entrevistados 10 profissionais da Coordenadoria, todos ocupando cargos de chefia/diretoria, subdivididos da seguinte maneira:

. 6 diretores de Centro;
. 2 diretores de Grupos Técnicos;
. 2 chefes de Seção.

Os profissionais inquiridos apresentam diferentes formações acadêmicas: comunicação/jornalismo, biblioteconomia, sociologia, agronomia, medicina veterinária.

1.1.5 A técnica da entrevista

Optou-se por utilizar como técnica de coleta de dados a entrevista, devido à flexibilidade que a técnica apresenta no que se refere à compreensão das questões por parte dos entrevistados, como também à própria natureza dos dados a serem obtidos (opiniões), já que tal técnica

permite explorar sobremaneira o assunto abordado. A técnica de entrevista para coletar dados dessa natureza foi utilizada anteriormente em trabalhos da área de biblioteconomia por LUCAS (1987) e BIANCHI (1991).

As entrevistas foram realizadas no período de novembro de 1989 a janeiro de 1990, na Sede da Coordenadoria em Campinas, SP. No momento da entrevista foram prestados esclarecimentos relativos à natureza e objetivos do estudo.

As entrevistas foram efetuadas com base em um roteiro, de modo a permitirem obter dados relativos a:

1) papel da informação e da extensão no desenvolvimento rural;
2) papel/contribuição da biblioteca da CATI na circulação da informação;
3) linhas de trabalho/prioridades dos setores abordados.

1.2 Tratamento e análise dos dados

Pretende-se relacionar os vários dados coletados, relativos às condições de trabalho dos setores e opiniões dos profissionais.

A análise das entrevistas será efetuada com base em instrumentos da análise do discurso, técnica utilizada

na área de lingüística que trabalha com recortes significativos do texto e não com a sua extensão.

As entrevistas foram transcritas e analisadas separadamente, conforme o objetivo do trabalho. Como recomenda a técnica de análise foram criadas categorias e destacados os trechos relevantes. Certos trechos foram privilegiados, considerando a quantidade e a qualidade de dados de que dispunham.

A INFORMAÇÃO NA SOCIEDADE MODERNA

2 A INFORMAÇÃO NA SOCIEDADE MODERNA

Para compreender o papel da informação na sociedade moderna há que se registrar que antigamente o acesso à informação era restrito a uma elite. Além disso, os custos de reprodução dos registros do conhecimento eram muito altos. Nesse contexto de difícil acesso à informaçao surgiram técnicos que, segundo MELODY, citado por FREIRE (1987) faziam mais do que guardar o conhecimento em instalações físicas; tomavam decisões com respeito a quem poderia ler, que livro e por quanto tempo. A sociedade moderna entretanto demanda outro tipo de profissional, considerando o advento da "explosão documentária" (1). Esse termo parece ser mais apropriado que "explosão da informação", pois acredita-se que haja grande produção de documentos, um grande número de publicações disponíveis no mercado, dentre as quais há que se identificar e selecionar aquelas que contribuem significativamente aos usuários, cumprindo o objetivo de informar. é esse o papel que se espera do bibliotecário; selecionar informações organizando-as e tornando-as disponíveis. Pode-se inferir que não é a falta de informação que prejudica um melhor andamento e a inserção

(1) *Conceito utilizado para indicar o grande aumento da* produção documental ocorrido neste Século.

do indivíduo na sociedade mas sim o tratamento, a organização e formas de disponibilidade dessa informação para os usuários. Desse modo, o profissional que trabalha com a informação e a biblioteca, instituição encarregada de disseminá-la, assumem grande importância já que para atingir tal objetivo, a informação deve ser trabalhada técnica e pedagogicamente.

A situação característica da sociedade da informação é aquela onde a demanda de informação excede a oferta. Assim, os profissionais da informação não estão apenas armazenando ou processando tecnicamente a informação mas orientando os usuários para diversos suportes do conhecimento que atendam suas necessidades concretas no menor tempo e com o menor custo; possibilitando aos usuários a escolha e o discernimento quanto ao tipo de informação que lhes é pertinente.

Pode-se afirmar que a importância da informação cresce à medida em que o conhecimento ganha um novo papel na sociedade contemporânea e que são implementadas novas tecnologias de comunicação e informação.

A implementação dessas tecnologias e o surgimento da teoria da informação indicam a redefinição do espaço sócio-cultural da transferência de conhecimentos e da comunicação organizada.

"A informação aparece nesse contexto, ora como fator causal de uma crise, ora como fator de mudança, de poder econômico e de realização cultural" (GOMEZ, 1987).

A grande variedade de sentidos que se dá ao termo, aliada aos vários papéis e campos aos quais ele se aplica, são indicativos de sua importância e requerem considerações em nível de conceito.

2.1 Conceito de informação

No ano de 1965, durante a realização dos "Colóquios filosóficos internacionais de Royamount", cujo tema central era a cibernética, filósofos e teóricos da área, envolvidos na discussão a respeito do conceito da informação na ciência contemporânea (analisando as implicações do conceito em diversas áreas), viram-se diante da necessidade de explicitar em que sentido e em que contexto se utiliza o termo informação:

"A palavra informação é utilizada pelos físicos e matemáticos em um sentido muito determinado e é utilizada pelos biólogos em outro sentido, e tenho a impressão de que os metafísicos e os sociólogos a utilizam em um sentido completamente diferente..."

Da discussão resultaram algumas opiniões por parte dos participantes :

Para GOLDMANN (1966) informação significa a transmissão de certo número de mensagens, de afirmações verdadeiras ou falsas a um indivíduo que as recebe, as deforma, as aceita ou rechaça ou permanece indiferente à recepção".

"Para mim, o conceito de informação é puramente relativo à qualidade que tem o receptor de decifrar a informação... Pois bem, a utilização da informação não tem sentido para mim senão na medida em que as letras significam algo... creio que a quantidade de informação não tem sentido a não ser que haja um receptor capaz de decifrá-la" (FESSARD, 1966).

"A palavra latina informare, de onde se originou a palavra informação significa por em forma, dar uma forma ou um aspecto, formar, criar mas também representar, criar uma idéia ou uma noção. É possível compreender a informação em geral como algo que está posto em forma, em ordem... uma informação em si não é nada, não tem nada de informação se nada é informado ou se a informação recebida não é utilizada por quem a recebeu" (ZEMAN, 1966).

"A informação não é um termo puramente matemático como também filosófico, já que está relacionada não só à quantidade como também à qualidade. É assim a qualidade de a realidade material estar organizada e sua capacidade de organizar, de classificar um sistema, de criar" (ZEMAN, 1966).

Outros autores parecem ser mais rígidos quanto à necessidade de uma definição precisa do termo informação, como EPSTEIN (1986) quando comenta que o primeiro passo para formular-se uma teoria científica da informação é delimitar univocamente o significado deste termo:

"As palavras empregadas pelas ciências podem ser as mesmas da linguagem corrente ou inventam-se palavras novas. Em ambos os casos, todavia, seus significados devem ser definidos univocamente. O trabalho científico tem início quando os significados das palavras e dos conceitos é circunscrito com precisão". No caso da teoria da informação a dificuldade em se chegar a um consenso com relação ao significado do termo parece estar relacionada ao diferente conjunto de conhecimentos e de experiências das pessoas que passaram a se interessar por esse campo.

O que se considera importante destacar com base nas opiniões selecionadas é o fato do conceito da informação estar diretamente relacionado às abordagens dadas ao termo que por sua vez dizem respeito às várias áreas do conhecimento às quais o termo se aplica: cibernética, filosofia, ciência da informação, biblioteconomia, computação, comunicação, matemática, dentre outras.

Importante também é salientar o caráter dinâmico da informação e sua relação com o processo de comunicação, no qual está implícita.

Nesse sentido bastante acertada é a observação de MORIN, citado por ALMINO (1986) "... ela não é nem uma coisa, nem um conceito puramente formalizador. É um conceito físico relacional".

Considera-se a conceituação do autor bastante

abrangente e próxima da acepção em que se acredita o termo deva ser apreendido.

Tal conceituação sintetiza as idéias anteriormente apresentadas:

"A informação não pode ser pensada fora de um contexto social, ou fora de uma organização. Ela é essencialmente relacional e portanto organizativa e organizadora. Sua mensagem ou sentido dependem da relação entre emissor e receptor. Ela se define socialmente, no desejo de saber de uns, no interesse de outros em reforçar imagens, sentidos, mensagens, conhecimentos; no desvendamento daquilo que se ocultou, na resposta às questões que se elaboram quando da tomada de decisões".

Comumente o termo informação é também associado à redução de incertezas e à tomada de decisões, o que reforça seu valor e aplicação à diferentes necessidades.

Dentre os textos revistos da área considera-se o de MARTELETO (1987) bastante significativo por apresentar de maneira objetiva um quadro conceitual sobre a questão informacional na sociedade moderna, traçando paralelos de conceitos extraídos da ciência da informação e das ciências sociais.

Assim, segundo a autora, a informação pode ser visualizada de acordo com várias abordagens:

a) abordagens comportamentalista / funcionalista: surgidas em função da análise da informação em um plano

técnico de comunicação, tendo como referentes a eficácia, a regulação e a homeostase; tais abordagens enfocam a informação enquanto elemento regulador de sistemas;

b) abordagens críticas ou dialéticas: enfocam a informação como fator de mudança e de alteração de estruturas;

c) abordagem que percebe a informação enquanto fenômeno pós-moderno: tenta estabelecer uma ponte entre os dois planos de análise da informação: o técnico e o social.

Reiterando a idéia de ALMINO (1986) a respeito do aspecto relacional da informação acredita-se que independentemente das abordagens nas quais o conceito se insere, seja importante destacar neste estudo o papel da informação como algo que contribui para o usuário no sentido de auxiliá-lo a solucionar seu problema, a responder sua pergunta. Assim, a informação é mais do que um dado, ela deve causar impacto, contribuindo para a redução de incertezas e tomada de decisões.

2.2. A evolução da importância da informação

É inegável a importância que a informação possui modernamente. ALMINO (1986) registra que a informação existe desde que existe linguagem. Porém o alcance político da informação e o papel simbólico do acúmulo ou

detenção das informações como instrumento de poder cresceram no mundo moderno com a expansão das trocas, com a formação dos grandes impérios coloniais, com a revolução tecnológica e a sociedade industrial, com a independência do mundo contemporâneo. O crescimento do alcance político da informação tem origem nas próprias invenções que vão surgindo (desde o Renascimento com a invenção da Imprensa), mas sobretudo desde o século XIX, com a proliferação dos jornais e o surgimento do telégrafo e posteriormente do rádio, do cinema e da TV.

A mudança na concepção da informação pode ser ressaltada quando, a partir dos anos 60 inicia-se a "Revolução da Informática", trazendo consigo a grande modificação do papel da informação, passando "da passividade da oferta à dinâmica da produção" (ARAÚJO, 1986). Assim, além do valor de uso a informação adquire valor de troca, tornando-se um bem, uma mercadoria.

ROSZAK (1988) salienta a evolução da importância da informação quando relata:

"Anos atrás pensava-se em informação mais como um lubrificante que auxiliava na produção de mercadorias, ou talvez a conclusão de um serviço como o diagnóstico de um médico ou parecer legal de um advogado...mas atualmente a informação é livremente chamada de produto, recurso, capital, moeda. Não há limites para as altas aspirações da retórica".

Poder-se-ia relacionar inúmeras afirmações

indicativas da importância da informação, como:

"A informação é o insumo e o produto do desenvolvimento tecnológico" (LEITÃO, 1985);

"A informação é poder e seu controle uma forma de dominação" (ALMINO, 1986).

Tais afirmações indicam que a informação tem importância quando assume uma dinâmica, relativa ao contexto em que está inserida.

Ela pode ser relacionada com a participação popular e democracia:

"A democracia concerne à participação não privilegiada da vida social. Esta participação dá-se através de informações que se possui, se produz, se recebe ou através dos benefícios usufruídos em decorrência das mesmas. Por isso Marilena Chauí observa que talvez a condição social mais premente da democracia seja a questão da informação" (ROHDEN, 1982);

como em contrapartida à detenção de poder econômico/político:

"...a informação assume caráter cada vez mais político podendo-se dividir o mundo em países ricos em informação e países pobres em informação - os primeiros detendo o poder tanto da tecnologia da informação quanto da própria geração da informação" (ARAÚJO, 1986).

Alguns autores afirmam que a Era pós-industrial será determinada e sustentada pela informação, essa considerada como o "petróleo do século XXI". Dentro dessa

nova dimensão a informação deixa de ser um serviço público como o que vem sendo oferecido em bibliotecas e centros de documentação, para converter-se em unidades mensuráveis como qualquer mercadoria distribuída e vendida em forma de dados brutos ou processados. Diante dessa situação a informação exige: aplicação de novas tecnologias para seu controle, processamento e novos veículos para difundí-la a fim de que ela seja eficiente na tomada de decisões e na execução de políticas e projetos de todas as ordens (ORDOÑEZ, 1980).

A importância que se dá à informação atualmente é tanta que ROSZAK (1988) atenta para um certo folclore em torno da informatização: "pessoas que não têm idéia clara do que quer dizer informação, ou por que poderiam precisar dela, são preparadas para acreditar que vivemos numa Era da informação, que faz de todos os computadores ao nosso redor aquilo que as relíquias da Cruz significavam na Idade da Fé: emblemas de salvação".

2.3. A dinâmica da informação na Sociedade Moderna

Diz-se que nós vivemos atualmente na Sociedade da Informação, depois de termos saído da Industrialização, associada ao período do pós-guerra (1939-1945).

- O que significa Sociedade da Informação?

Pode-se descrever a Sociedade da Informação como

sendo uma organização sócio-econômica que produz sistematicamente a informação, sob qualquer forma, no sentido de fazer seu comércio. Cada um procura apresentar sua informação mais atraente a fim de ganhar fiéis ou eliminar os infiéis. Cada vez mais nossa sociedade gera informação sobre tudo e sobre nada (LEVEILLÉ, 1990).

A informação é hoje um produto de consumo no sentido mais primário do termo.

Ainda que a informação seja vista como mercadoria, possuindo um valor, é difícil estabelecer uma relação mensurável entre esta e o desenvolvimento. Nesse sentido, o que se observa é a tentativa de relacionar a informação com o que ela representa para a Ciência e Tecnologia..

Os países desenvolvidos conscientizaram-se, já há algum tempo, da importância da informação para o desenvolvimento da Ciência e Tecnologia, centrando suas metas na elaboração de políticas de informação e na organização de sistemas de informação, para atingir tal propósito.

Dentro dessa perspectiva, considerando a informação como o insumo básico do desenvolvimento e ao mesmo tempo como um bem econômico, pode-se dizer que ela é privilégio de poucos. Como afirma CUNHA (1985) "a progressiva passagem das sociedades a uma economia de mercado, a universalização dos sistemas econômicos, leva a que a informação se transforme em ação de sentido único

- o monólogo informativo: informa quem tem o poder sobre os meios de comunicação (em nível nacional e supra nacional)".

A dependência informacional dos países subdesenvolvidos é suprida em parte pela transferência de tecnologia.

Por sua vez o processo de transferência de informações, implícito na transferência de tecnologia, pode ser visualizado sob dois ângulos distintos: é um processo através do qual a ideologia do grupo dominante circula na sociedade como forma de reproduzir as relações sociais; é um veículo de mudança social, um meio de superar as contradições presentes na própria estrutura de relações da sociedade.

Dessa forma, a transferência de informações "colocando-se como processo de comunicação social tem importante papel na produção ou na transformação das relações sociais, quer através da incorporação dessas informações ao processo de produção de bens e serviços, quer através do seu potencial de introduzir mudanças qualitativas nas estruturas de significação da Sociedade" (FREIRE, 1987).

A dinâmica que a informação assume atualmente criou novos empregos e assim suscita novas atitudes tanto por parte dos usuários quanto dos gerenciadores. Surgem novos especialistas: os programadores, os produtores de vídeo, os jornalistas.

O comércio da informação é, no fim do Século XX, tão importante quanto o comércio do ouro no Século XIX ou do petróleo no pós-guerra.

A produção, o comércio e o consumo de informação criaram novos valores sociais, econômicos, políticos, educativos e morais. O papel do profissional da informação nesse contexto deve ser tão dinâmico quanto os recursos que administra.

A informação enquanto objeto produzido socialmente e sujeito às determinações do mercado, possui aspectos tanto de objeto técnico (formatação, tratamento e recuperação automáticos), quanto de objeto cultural (conhecimento). Pela maneira como é produzida e veiculada a informação tem propriedades tanto de um bem de produção (aumento da produtividade, do lucro), quanto de um bem cultural (veiculação do conhecimento).

O PROCESSO DE TRANSFERÊNCIA DA INFORMAÇÃO

3 O PROCESSO DE TRANSFERÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Diante da importância da informação, e conseqüentemente do fenômeno a que se convencionou chamar "explosão documentária" colocam-se vários problemas interferindo na obtenção da informação correta, em quantidade suficiente, no momento exato.

Aliada à "explosão documentária", relacionada à quantidade informacional, menciona-se atualmente a "poluição de documentos", relacionada diretamente à qualidade da informação produzida. Nesse contexto é bastante complexo o trabalho do bibliotecário que não deve restringir-se ao armazenamento de documentos produzidos. Esse deverá identificar e selecionar dentre esses informações relevantes para a comunidade com o qual trabalha, organizando-as e promovendo o seu uso.

Como tentativa de solucionar esses problemas desenvolvem-se dia a dia novas tecnologias de produção/processamento da informação, bem com as relacionadas ao processo de transferência da informação.

O processo de transferência da informação é bastante complexo já que envolve a informação, a comunicação e os sistemas de informação e faz-se através de todos os meios de comunicação, incluindo material não documentário, os chamados canais informais - comunicação

oral, contatos pessoais, etc.

Esses canais apresentam, quando utilizados, diferentes resultados que se relacionam às características do usuário e à necessidade de informação que se apresentam. Inúmeros estudos têm investigado esse processo, abordando diferentes etapas e aspectos do complexo fluxo de informações na transferência da informação.

Objetivando minimizar as barreiras existentes entre a informação e o usuário os sistemas de informação foram uma parte da civilização humana quase desde seu início. "Não há civilização sem sistemas formais de informação para acumular, preservar e disseminar o conhecimento registrado" (SARACEVIC,1974).

Dentre os mecanismos formais de transferência da informação deve-se mencionar aqueles que representam elemento chave nesse processo : as bibliotecas.

3.1 A biblioteconomia e a informação

Quando se fala em biblioteca é comum explicitar em que sentido está se usando o termo. Ele tanto é utilizado para designar centros de documentação, serviços de informação, quanto centros de análise de informação, banco de dados. Tal qual o conceito de informação, o de biblioteca é dinâmico produzindo discussões e

investigações sobre sua situação e a evolução da biblioteconomia.

Essa por sua vez tem se caracterizado por duas orientações principais, segundo SHERA (1973):

"No início, os bibliotecários eram eruditos que ... ocupavam-se em reunir e classificar sistematicamente todos os conhecimentos registrados em forma documental... o bibliotecário erudito e biblíófilo dominou a profissão até o início do Século XX, quando o interesse pelo homem do povo e a fé na perfeição começaram a estender-se, ao mesmo tempo em que se desenvolveram as tendências democráticas, cujo êxito dependia da existência de um eleitorado instruído e informado. Com a criação das primeiras bibliotecas públicas tomou corpo o ideal de serviço para a comunidade e se passou a considerar que a educação era um meio eficaz de aperfeiçoamento individual".

O autor conclui que a biblioteconomia não tem chegado a um estado de desenvolvimento que possibilite estabelecer um conjunto de noções gerais comuns a outras áreas (documentação, ciência da informação), de modo a permitir diferenciá-la das mesmas. Propõe assim a criação de uma nova disciplina, a epistemologia social, que constituiria um campo de conhecimento sobre o próprio conhecimento, tendo aplicação direta à biblioteconomia.

É dentro desse contexto que se estabelece a discussão sobre ser a biblioteconomia ciência ou técnica

científica. ANDRADE ; METCHKO ; SOLLA (1981) em uma revisão sobre as várias abordagens epistemológicas da biblioteconomia constatam, dentre outros aspectos que:

- a biblioteconomia apresenta conceitos básicos vagos, carentes de precisão não havendo um consenso sobre o que é a biblioteconomia e sua abrangência. Além disso, as pesquisas, mesmo quando baseadas em métodos científicos, permanecem estanques, não contribuindo para elaboração de um corpo teórico.

A biblioteconomia cujo objeto é a informação é intrinsecamente interdisciplinar, uma vez que não a produz.

A condição inicial para desenvolver um corpo teórico para a área parece ser a investigação quanto ao objeto, objetivo e público para quem o profissional executa suas atividades.

A discussão e preocupação com a definição da biblioteconomia e delimitação de um corpo teórico, enquanto área do conhecimento aumentam na medida em que cresce a importância e a dinâmica da informação. Assim, a Sociedade da Informação cria novas categorias profissionais e "coloca em risco" as já existentes.

Entre a tradicional posição do bibliotecário e as tentativas de desenvolvimento da profissão em direção às novas tecnologias permanece um vazio, uma defasagem entre a realidade das bibliotecas e seu público e a moderna tecnologia (FARINAS, 1973).

ROSZAK (1988) relata que é um fato curioso que a discussão contemporânea da informação toque tão raramente na questão das bibliotecas. Para o autor a biblioteca pública parece ser o elo perdido da Era da Informação, entre o computador e o público.

A idéia expressa pelo autor e que se quer registrar aqui é a de que por trás do culto à informação existem razões comerciais as quais relegam muitas vezes a um plano secundário importantes mecanismos de transferência da informação. Desse modo, o papel da biblioteca é determinado pela própria sociedade e dinâmica que a sustenta.

MUELLER (1984) analisa a evolução da interpretação de função e papéis da biblioteca na sociedade. A autora mostra que a biblioteca tem evoluído, acompanhando a sociedade e procurado em função dessa evolução uma "filosofia para a biblioteconomia".

A idéia básica oriunda dessa análise é a de que a biblioteca não é "uma entidade independente, capaz de declarar quais e como serão oferecidos seus serviços, ou quais serão seus objetivos. Depende inteiramente de uma série de circunstâncias e está sujeita a pressões existentes no ambiente onde atua".

A biblioteca também influencia seu meio ambiente, devendo assumir tanto quanto possível uma atitude ativa, inovadora em suas ações.

Assim "a sociedade determinou o que foi a

biblioteca do passado e é a sociedade que irá determinar o que será a biblioteca do futuro" (SHERA, 1972).

É dentro dessa perspectiva que TARAPANOFF (1984) propõe um referencial teórico para o estudo da biblioteca como organização, embasada no referencial da teoria dos sistemas e das organizações sociais.

Em resumo a autora propõe a integração da biblioteca a seu meio ambiente interno e externo, enfocando-a como um sistema aberto e assim integrado à sociedade da qual participa.

Pretende-se nesse trabalho utilizar esse referencial já que se tem como hipótese que o papel desempenhado pela biblioteca da Cati é determinado pelas diretrizes da instituição, pelo contexto no qual tal instituição está inserida, além obviamente da atuação de seu profissional na organização e administração da informação.

3.2. O ciclo da informação agrícola: a comunicação rural

O processo de transferência da informação está implícito no processo de transferência tecnológica. Aplicado à área agropecuária, está portanto implícito na transferência de tecnologia agrícola. O conteúdo desse processo, a informação agrícola está presente desde a

geração da tecnologia (pesquisa) até a difusão ou transferência aos produtores rurais (extensão). É então peça fundamental desse processo que se estabelece entre pesquisadores - extensionistas - produtores rurais, denominado comunicação rural.

BORDENAVE (1985) define a comunicação rural como o "conjunto de fluxos de informação, de diálogo e de influência recíproca existentes entre os componentes do setor rural e entre eles e os demais setores da nação afetados pelo funcionamento da agricultura ou interessados no melhoramento da vida rural".

Para CURVO FILHO (1984) ela é "o intercâmbio de idéias, opiniões e experiências entre o produtor, o extensionista e pesquisador num esforço constante de analisar os problemas e de se adotar tecnologias que conduzam à maior produtividade".

A informação, como conteúdo desse processo pode advir de vários meios de comunicação, o que ressalta a complexidade do fluxo de informações na comunicação rural e a necessidade de mecanismos que facilitem o acesso à informação. A biblioteca ocupa lugar de destaque na tarefa de coletar, organizar, recuperar e disseminar a informação agrícola. Esse é um desafio se se considerar que a maior parte dos estudos sobre a transferência de tecnologia agropecuária aponta a importância e a preferência pelos canais informais (ARAÚJO, 1979; BORGES, 1981; CURVO FILHO, 1983).

No Brasil, a pesquisa agropecuária é coordenada pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), e a transferência tecnológica agropecuária pela Empresa Brasileira de Asssistência Técnica e Extensão Rural (EMBRATER), recentemente extinta. Em função da importância cada vez maior da pesquisa agropecuária, criou-se o Sistema Nacional de Pesquisa Agropecuária com o objetivo de coordená-la e promovê-la em todo o território. Da mesma maneira, objetivando a coordenação das atividades de divulgação dos resultados de pesquisa, criou-se o Sistema Brasileiro de Assistência Técnica e Extensão Rural (SIBRATER). Concomitantemente à criação desses órgãos, estruturou-se um sistema de informação que pudesse servir de suporte ao trabalho do Ministério da Agricultura: o Sistema Nacional de Informação Rural - SNIR, cujos objetivos foram assim definidos:

a) disciplinar o processo de informação técnica, científica e econômica do Ministério da Agricultura;

b) aumentar a velocidade e confiabilidade das informações à disposição do setor;

c) intensificar os fluxos der informação entre as subunidades do sistema.

Para compreender a evolução da informação agrícola

no Brasil, tem-se como referência o trabalho de NOCETTI (1978), um estudo analítico da informação agrícola no Brasil. A partir da identificação das instituições vinculadas ao setor agrícola o autor procedeu a análise dos seguintes aspectos, relativos aos setores de informação: informações gerais, acervo, pessoal, edifício e equipamentos, processos técnicos, serviços aos usuários, finanças, problemas e soluções. Foram analisadas 134 bibliotecas agrícolas sendo 10 da região Norte, 41 da região Nordeste, 41 da região Sudeste, 27 da região Sul e 13 da região Centro Oeste. O autor conclui que, de modo geral, a infra-estrutura de informação agrícola no Brasil apresenta carência de planejamento, sendo sub aproveitada em termos de seu potencial informativo. Sugere que os planos de desenvolvimento do setor sejam elaborados considerando os parâmetros e prioridades estabelecidos nos programas de governo, as diretrizes nacionais quanto à política científica e as diferenciações regionais observadas. Recomenda ainda o aperfeiçoamento de pessoal (especialização e pós-graduação), base para o desenvolvimento dos setores de informação agrícola.

4 A INFORMAÇÃO E O MEIO RURAL : A EXTENSÃO

Acredita-se que antes de abordar o serviço de extensão rural seja necessário esclarecer a quem ele se dirige uma vez que se pressupõe haver características próprias que diferenciam o meio rural do urbano. Esse serviço é dirigido ao homem rural.

- O que caracteriza o meio rural?

É impossível separar esse conceito de outros tópicos como as relações econômicas e sociais que se dão no setor agrícola. É essa noção que se pretende salientar nesse estudo.

A pesquisa de comunidade é o tipo mais comum de pesquisa sociológica do meio rural. Todavia, o conceito de comunidade é um tanto impreciso e como afirma KOTTER, citado por SZMRECSANYI ; QUEDA (1979) é tanto um instrumento metodológico para a pesquisa, como objeto de investigação.

O mais razoável então seria tentar analisar alguns traços que dizem respeito à vida rural.

Há um consenso com relação à diferenças fundamentais entre o mundo rural e o urbano.

SOLARI (1979) descreve uma série de traços que os diferenciam. Para se chegar à diferenciação sociológica dos universos rural e urbano há que se considerar a

combinação de vários traços típicos e não enfocá-los separadamente.

1. Primeiramente a ocupação: a sociedade rural é essencialmente a sociedade na qual os indivíduos trabalham em atividades agrícolas;

2. Há também diferenças ambientais: o habitante rural está muito mais exposto às condições do meio físico, às variações dessas condições em contato muito mais estreito com a natureza (o que determina diferenças psicológicas entre as sociedades urbana e rural);

3. Tamanho da comunidade: os grupos rurais tendem a ser numericamente menores que os urbanos (diferença na densidade da população);

4. Homogeneidade e heterogeneidade dos integrantes da sociedade urbana e rural: as comunidades rurais tendem a ser, em suas características psicosociais mais homogêneas do que a população das comunidades urbanas.

As diferenças referem-se também ao processo de comunicação. De acordo com vários estudiosos da informação para o meio rural as características estruturais e culturais desse meio contribuem para inibir um fluxo de informações capaz de auxiliar o homem rural rumo a um processo de desenvolvimento onde ele seja mais sujeito do que objeto das políticas agrícolas. Ao se

A INFORMAÇÃO E O MEIO RURAL:
A EXTENSÃO

BIBLIOTECA "PROF.ª ETELVINA LIMA"
Escola de Biblioteconomia da UFMG

reiterar esse entendimento negativo a respeito do homem rural acentua-se o caráter verticalista da comunicação, exacerbando o processo de incomunicação (BELTRÃO, 1980). É por essa razão que DIAZ BORDENAVE (1987) diferencia o processo de comunicação rural da urbana: "os homens e as comunidades resultantes da ocupação agrícola e do habitat rural, pensam, sentem e agem de maneira diferente da dos habitantes das cidades, comunicando-se também através de códigos e meios próprios". A incomunicação é para esse autor determinada pelo isolamento geográfico e socialmente determinada pelo analfabetismo e baixo nível de instrução.

Outro fato que merece atenção diz respeito à imagem do rural. Alguns autores parecem interpretar o meio rural como um ambiente social "homogêneo e não estratificado, sem conflitos internos de interesse" (citado por QUEDA ; SZMRECSANYI, 1979).

Não se pode considerar a população rural como não estratificada. A complexidade das relações de produção na agricultura brasileira é enorme. (FIGUEIREDO, 1984a; SILVA,1986). Grande parte dos produtores de mercadorias são também trabalhadores assalariados, representando ao mesmo tempo "operários" e "camponeses".

SILVA (1986) classifica os diferentes grupos de trabalhadores rurais:

a) proprietários minifundistas;

b) pequenos posseiros;

c) pequenos rendeiros;

d) empregados assalariados (permanentes e temporários).

Nos primórdios da extensão rural numa visão ideologizada, a imagem do rural reflete o tradicional, o atraso, o passivo, a estagnação que impede o desenvolvimento, em contraposição ao urbano representando o inverso. Vista pelo urbano, a comunidade rural representa a sociedade de folk (pequena, isolada, homogênea e ao mesmo tempo estática, arcaica e resistente à mudanças) (STAVENHAGEN, 1974).

4.1 Meio rural e desenvolvimento

A partir de década de 30 inicia-se uma nova fase de transição na economia brasileira. O setor industrial aos poucos se consolida e o país vai deixando de ser "eminentemente agrícola".

O meio rural caracterizado como tradicional e resistente à mudanças é visto de certa forma como obstáculo ao desenvolvimento.

Por volta de 1948, no período da política desenvolvimentista, foi introduzida em Minas Gerais, a prática de extensão rural. Baseada no modelo americano,

objetivava levar à comunidade rural ensinamentos a fim de propiciar o desenvolvimento e melhoria de suas propriedades, elevando assim a qualidade de vida dos produtores e de suas famílias.

Desse modo, a imagem do rural, do atraso e estagnação impedindo o desenvolvimento poderia ser alterada, segundo a filosofia do serviço de extensão rural, dentre outros meios, através da difusão de novas idéias, essas representadas pelo desenvolvimento da produção capitalista na agricultura. A idéia é modernizar para desenvolver.

LEWIN (1974) analisando a temática do "mundo rural" nos planos brasileiros de desenvolvimento econômico, mostra que o planejamento procura atuar sobre a agricultura - definida como setor retrógrado do país - no sentido de criar estímulos favoráveis ao aumento da produtividade agrícola e diminuir as diferenças regionais.

Assim, a estrutura agrária brasileira que historicamente reflete uma grande desigualdade na repartição da renda, é visualizada pelo Estado como obstáculo à tecnificação / modernização agrícola e posterior desenvolvimento rural.

Entretanto inúmeros estudos têm demonstrado que a tecnificação ao invés de ajudar a resolver vários problemas no campo, tem servido mais para agravar e reforçar tanto as desigualdades sociais quanto o grau de

dependência dos agricultores face ao capital urbano industrial, conforme salienta FIGUEIREDO, 1984b) "a expansão da tecnificação da agricultura que se expressa de forma mais marcante no aumento do uso de tratores, fertilizantes e defensivos químicos concentrada nos estabelecimentos maiores, age no sentido de acentuar a concentração de terras e renda. A tecnificação faz-se pela subordinação do pequeno produtor à agroindústria ou cooperativa, levando à perda de autonomia do produtor e a sua definição como um quase proletário.

Em consequência, nem sempre o público da extensão rural aparece como beneficiário, mas como objeto de uma política mais ampla onde os verdadeiros beneficiados são os grandes proprietários. Infelizmente, uma grande parte dos estudos a respeito dos processos interacionais e fluxos de informação para o meio rural tem deixado de lado essas considerações. Não é por outro motivo que a informação na extensão rural tem sido vista muito mais pela ótica instrumental do que por sua dimensão ética, pedagógica e política, dificultando assim um melhor entendimento e reais objetivos de suas práticas, principalmente se indagar-se a respeito do tipo de modernização que se vem impondo ao campo.

BIBLIOTECA "PROF.ª ETELVINA LIMA"
Escola de Biblioteconomia da UFMG

4.1.1 O papel da informação no desenvolvimento rural

O modelo brasileiro de extensão rural enfatiza a difusão de tecnologia como mecanismo de elevar a produtividade agrícola. Considerando-se que no processo de difusão tecnológica está implícita a transferência da informação conclui-se que nessa concepção a informação é fundamental para o desenvolvimento do meio rural:

"... o Sistema EMBRATER não tem outra mercadoria a oferecer senão informação ao produtor rural" (BORGES, 1981).

Há que se considerar que a essência do serviço de extensão rural baseia-se no processo de comunicação.

Para compreender dentro de que perspectiva a extensão visualiza a informação para o desenvolvimento rural faz-se necessário analisar o serviço de extensão rural quanto à origem e objetivos.

4.2 A Assistência Técnica e Extensão rural

4.2.1 Origem e objetivos

O serviço de extensão rural tem suas origens nos Estados Unidos, na década de 40, baseado na difusão de tecnologia aos agricultores. Acreditava-se que através

desse processo denominado difusionismo poder-se-ia promover a modernização rural. O difusionismo parte do princípio de que a modernização tecnológica é sinônimo de desenvolvimento e analisa as sociedades como desenvolvidas/subdesenvolvidas, cada qual com características próprias: moderna/atrasada. Assim, esses extremos além de inibirem o desenvolvimento criam tensões sociais que colocam em risco o equilíbrio do sistema. Para modificar tal situação há que se modernizar o pólo atrasado levando-o ao desenvolvimento. Como metodologia de trabalho os difusionistas utilizam-se da comunicação que tem objetivo de persuadir e de promover a integração entre o atrasado, o tradicional e o moderno.

A teoria difusionista recebeu inúmeras críticas pela concepção simplista das diferenças entre as sociedades desenvolvidas/subdesenvolvidas e pelo caráter mecanicista com que visualiza o processo de comunicação.

No Brasil, inicialmente a prática de assistência técnica ao meio rural baseava-se exclusivamente no fomento e se restringia ao fornecimento de insumos para a produção vegetal e animal relegando a segundo plano o fator humano.

Por volta de 1948 introduziu-se o serviço de extensão rural concebido como "assessoramento a agricultores, suas famílias, seus grupos e organizações, nos campos de tecnologia da produção agropecuária, administração rural, educação alimentar, sanitária,

ecológica, associativismo e ação comunitária" (FIGUEIREDO,1984a). A comunidade rural foi vista por esse serviço como sendo homogênea, desconsiderando-se as complexidades da nossa estrutura agrária. No âmbito educativo, tal ação foi alvo de inúmeras críticas, incluindo-se o sentido do termo extensão. Pelo modelo de FREIRE (1980) tem-se:

EXTENSÃO

Transmissão;

Sujeito ativo (o que estende);

Conteúdo (escolhido por quem estende);

Recipiente (do conteúdo);

Entrega (de algo que é levado por um sujeito que se encontra "atrás do muro" àqueles que se encontram "além do muro", "fora do muro").

Messianismo (por parte de quem estende);

Superioridade (do conteúdo de quem entrega);

Inferioridade (dos que recebem);

Mecanicismo (na ação de quem estende);

Invasão cultural

Questionando o mecanismo de interação implícito no conceito de extensão rural, FREIRE (1980) afirma que a ação educativa aí expressa deveria ter como pressuposto a comunicação (processo onde os homens buscam transformar a realidade tendo como referência a capacidade de receber e emitir idéias e informações) e não o de estender onde o pólo ativo (extensionista) estende suas informações a um pólo passivo e depositário de informações.

Inegavelmente os sistemas de assistência técnica e extensão rural têm, nos últimos anos, evoluído no sentido de questionar sua ação, sua função social, abandonando "a fantasia de harmonia social e de sociedade apolítica" (FIGUEIREDO, 1984a).

Atualmente o serviço de extensão rural utiliza, como metodologia, a educação participativa que pode ser definida como a criação de grupos capazes de diagnosticar e analisar os seus próprios problemas, decidir coletivamente sobre as ações, sem a influência externa ou tutorial; desenvolver tais ações sem a influência externa ou tutorial. Nessa abordagem a educação é vista como um processo onde ela em si é o objetivo e não um meio para atingir outros objetivos. Para que esse processo participativo ocorra consideram-se importantes aspectos a que se refere DIAZ BORDENAVE (1987) ao afirmar que a intervenção das pessoas na tomada de decisões requer ao menos dois processos comunicativos: o de informação e o

de diálogo; assim não há participação popular sem informação, qualitativamente pertinente e quantitativamente abundante.

A informação torna-se então um elemento fundamental para o enfoque participativo, enfatizado atualmente pela extensão rural. Entretanto, vale mencionar que o processo de transferência de informações (comunicação) pode ser visualizado sob dois ângulos distintos:

- é um processo através do qual a ideologia do grupo dominante circula na sociedade como forma de reproduzir as relações sociais, ou;

- é um veículo de mudança social, um meio de superar as contradições presentes na própria estrutura de relações da sociedade.

Tal idéia reforça a tese de que informação é poder e seu controle uma forma de dominação, ressaltando, pois, a responsabilidade do profissional da informação que atua nessa área. Esse profissional deve fomentar um consumo mais crítico da informação quando atua diretamente com o extensionista rural (fornecendo-lhe informações que auxiliem a efetividade do processo de extensão rural) como também propiciar à população rural o acesso à informação em todos os níveis. Nesse sentido espera-se

que a biblioteca, enquanto Instituição disseminadora da informação e seu profissional atuem de forma dinâmica, tal qual a dinâmica da informação para a sociedade moderna.

A ASSISTÊNCIA TÉCNICA À AGRICULTURA NO ESTADO DE SÃO PAULO

5 A ASSISTÊNCIA TÉCNICA À AGRICULTURA NO ESTADO DE SP

O estado de São Paulo é um dos mais desenvolvidos da Federação, tanto no plano industrial como no agrícola. Além das condições físicas e climáticas, essa preponderância se deve aos esforços realizados por grupos privados e públicos, podendo-se mencionar aqui o desenvolvimento da pesquisa, do ensino agrícola e da assistência técnica aos agricultores. Fazendo-se uma retrospectiva com relação a tais atividades vê-se que o desenvolvimento da pesquisa agrícola no estado foi pioneiro, através da criação do Instituto Agronômico de Campinas - IAC, em 1887, à época com o nome de Escola Agronômica de Campinas, sendo transformado quatro anos depois em Estação Agronômica.

O IAC foi pioneiro das pesquisas agrícolas no Brasil, sendo criado antes mesmo da Secretaria da Agricultura. Sua ação estendeu-se ao estudo dos problemas de transformação industrial dos produtos agrícolas.

No ano de 1892, pelo Decreto nº 28 de 1 de março de 1892 é criada, entre outras, a Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas.

A Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas foi desdobrada, posteriormente pela Lei nº 2.196 de 3 de setembro de 1927, que criou a Secretaria do

Estado dos Negócios da Agricultura, Indústria e Comércio e a Secretaria de Estado dos Negócios da Viação e Obras Públicas.

Outras duas modificações foram efetuadas. A primeira foi a de 1946, que alterou a sua denominação para Secretaria da Agricultura. A segunda modificação será dada pela Lei nº 2.960 de 26 de janeiro de 1955, a qual alterou a denominação da Secretaria da Agricultura para Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura. Através do Decreto nº 14.034 de 1 de outubro de 1979 é novamente alterada a sua denominação e ampliado o seu campo funcional.

O campo funcional da Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura e Abastecimento está expresso no artigo nº 2 do Decreto nº 14.034/79. A atuação da Secretaria se dá em três áreas: pesquisa, assistência técnica e prestação de serviços. Para tanto, conta com a seguinte estrutura básica :

1. Chefe de Gabinete;
2. Assessoria Técnica;
3. Instituto de Economia Agrícola;
4. Departamento de Cooperativismo;
5. Coordenadoria de Pesquisa Agropecuária (Instituto Agronômico, Instituto Biológico, Instituto de Zootecnia, Instituto de Tecnologia de Alimentos;
6. Coordenadoria de Pesquisa de Recursos Naturais

BIBLIOTECA "PROF.ª ETELVINA LIMA"
Escola de Biblioteconomia da UFMG

(Instituto de Botânica, Instituto Florestal, Instituto Geológico, Instituto de Pesca);

7. Coordenadoria de Assistência Técnica Integral;

8. Coordenadoria de Abastecimento;

9. órgãos Colegiados.

Atualmente a Secretaria de Agricultura e Abastecimento do estado de SP tem como objetivos estratégicos, de acordo com as diretrizes e programação 1989/90 (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1989):

- dar estabilidade econômica, política e social ao processo de desenvolvimento;

- propiciar a melhoria de qualidade de vida da população urbana e rural;

- colaborar para que a população tenha acesso aos alimentos básicos de boa qualidade e preços compatíveis com seu poder aquisitivo.

5.1 A Coordenadoria de Assistência Técnica Integral

A atividade de assistência técnica à agricultura, no estado de São Paulo é tão antiga quanto os trabalhos de pesquisa. Na verdade tal prática existe desde a criação do IAC - Instituto Agronômico de Campinas. Em 1899, por Lei Estadual, foi criada na Secretaria da Agricultura, Viação e obras Públicas uma "Seção

Agronômica", com cinco distritos, sede dos inspetores agrícolas incumbidos de realizar "excursões pelos distritos, informações mediante consultas, distribuição de publicações e sementes, inspeções a campos de demonstração e realização de conferências" (COORDENADORIA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA INTEGRAL, 1986).

Em 1907 foi criada a Diretoria da Agricultura. Entre as funções da Diretoria estavam "a propaganda de novos processos de cultura e o ensino agrícola ambulante, a estatística agrícola e a previsão de safras e a organização de sindicatos e cooperativas".

Em 1920 foi organizado o Serviço de Polícia Sanitária Animal.

No ano de 1927, uma nova alteração dá origem à Diretoria de Inspeção e Fomento Agrícola e em 1942 surge o Departamento da Produção Vegetal (DPV), com a Divisão de Fomento Agrícola e suas Casas da Lavoura e a Divisão de Sementes e Mudas. Em 1959 o DPV ganha a Divisão de Assistência Técnica Especializada (DATE), que tem como principal função a de ligar a pesquisa e a rede assistencial direta ao agricultor paulista.

Em junho de 1967, o Governo do estado de SP criou um Grupo Executivo encarregado de estudar e de aplicar um plano de reforma, visando a descentralização administrativa. Foram assim criadas dez regiões, subdivididas em 45 sub-regiões, compreendendo cada uma um certo número de municípios. O Relatório "Análise do

Sistema Paulista de Assistência à Agricultura", publicado pela CATI analisa a reorganização da assistência técnica à agricultura paulista (SECRETARIA DA AGRICULTURA DE SÃO PAULO, 1969).

Em 1968 a Secretaria da Agricultura é reorganizada com a criação das Coordenadorias. Aparece então a CATI (Coordenadoria de Assistência Técnica Integral), como órgão coordenador e executor de todos os serviços de assistência técnica direta à agricultura do estado de São Paulo. Com tal reforma, a Secretaria da Agricultura passa a ter a seguinte estrutura funcional (CATI, 1968):

- direção superior com uma assistência e um assessoramento jurídico;
- planejamento;
- assessoramento e pesquisa em economia rural;
- administração;
- assistência técnica integral, com as seguintes funções:
  - . assistência técnica educacional;
  - . fornecimento supletivo de bens de produção (sementes e mudas);
  - . inspeção e classificação de produtos agrícolas;
- pesquisa e experimentação no campo agronômico e no zootécnico-veterinário;
- pesquisa e experimentação sobre defesa sanitária

da agricultura e sobre tecnologia de alimentos;

- recursos naturais; pesquisa e levantamento de recursos naturais - vegetais; reflorestamento e pesquisas florestais e da vida silvestre; pesquisa e atividades relativas à pesca e ao pescado e defesa dos recursos naturais;

- comercialização, considerando o abastecimento e o armazenamento;

- colonização.

Para coordenar as atividades relacionadas com a nova estrutura funcional foram designados 4 coordenadores, responsáveis pela assistência técnica integral, pela pesquisa e experimentação, pelos recursos naturais e pelas atividades complementares.

A reforma da assistência técnica à agricultura paulista teve como base os seguintes princípios:

. unificação da assistência direta à agricultura , através das Casas de Agricultura;

. estabelecimento de áreas de supervisão, com um supervisor, através de agrupamentos de 6 a 12 Casas, conforme a região;

. criação, com base na regionalização administrativa do estado, de 9 Divisões Regionais Agrícola, DIRAS;

. centralização dos órgãos de suporte e de órgãos técnicos auxiliares em Campinas, sede de todo o Sistema;

. sistematização e planejamento regional da assistência técnica à agricultura, por meio do estabelecimento de planos regionais e conseqüentes projetos e programas para execução das Casas de Agricultura, conforme as características próprias de cada região agrícola do estado;

. preparação e aperfeiçoamento do pessoal através de cursos e outras atividades didáticas, abrangendo, inclusive o pessoal burocrático e administrativo;

. organização de um sistema de acompanhamento e avaliação dos resultados assistenciais.

O Sistema Paulista de Assistência Técnica à agricultura, através da CATI organizou-se inicialmente em quatro níveis distintos: nível de execução, nível de suporte, nível técnico auxiliar e nível de direção.

- Nível de execução: incluindo os órgãos ao nível de município (em ação direta junto ao produtor, à empresa, à família e comunidade), ao nível sub regional e divisões regionais com comando único sobre todo o trabalho assistencial da região;

- Nível de suporte: incluindo o corpo de especialistas do sistema e os órgãos de orientação e direção normativa nos campos em que, em caráter supletivo o Estado presta serviços ou fornece insumos;

- Nível técnico auxiliar: órgãos técnicos auxiliares de treinamento de pessoal e de comunicação

rural;

- Nível de direção: direção e área administrativa.

Os sistemas clássicos de assistência, que visavam pura e simplesmente aumentar a produção e a produtividade voltam-se nessa estrutura também para os campos social e econômico. Nas Casas da Agricultura a prestação da assistência é unificada, reunindo técnicos de todos os ramos para um trabalho de equipe, pondo fim aos sistemas de multiplicidade e independência dos agentes. Assim, uma propriedade é estudada como um todo, nos ramos da assistência fitotécnica, zootécnica e veterinária; conservacionista; sócio-econômica; do fornecimento supletivo de sementes e mudas, da inspeção e classificação de produtos agrícolas e insumos. A assistência técnica é planificada em cada DIRA. Seus planos baseiam-se em diagnósticos elaborados pela rede assistencial e em diretrizes emanadas da Coordenadoria e da Secretaria da Agricultura. O plano de cada DIRA integra-se por sua vez no Plano Diretor da CATI e este no Plano de Desenvolvimento elaborado ao nível do Governo estadual, com base em cada realidade e necessidade local e regional.

As nove DIRAS que formam a rede assistencial são unidades administrativas e orçamentárias subordinadas diretamente ao Coordenador da Assistência Técnica Integral. Por sua vez subordinam-se às DIRAS, 45 sedes de

Supervisão Agrícola as quais são responsáveis pela supervisão das unidades executivas.

Seguem-se 573 Casas da Agricultura, unidades executivas da assistência técnica integral ao nível municipal e 573 Conselhos Agrícolas municipais, órgãos consultivos externos da Secretaria.

No campo dos órgãos de suporte o Departamento de Orientação Técnica (DOT) congrega os especialistas do Sistema Paulista de Assistência à Agricultura. Sua finalidade consiste em prestar assessoramento técnico à Coordenadoria de Assistência Técnica Integral, com vistas ao Plano Diretor.

São suas atribuições:

. prestar orientação técnica aos planos, projetos e programas de assistência, oriundos da rede assistencial;

. fornecer o material de divulgação de conhecimentos destinados à rede assistencial;

. colaborar com o Centro de Treinamento em Assistência Técnica (CETATE) no treinamento e preparação de pessoal;

. estabelecer elo de ligação entre a experimentação e pesquisa e a rede assistencial;

. atuar nos campos de assistência técnica em fitotecnia e defesa sanitária vegetal, conservação do solo e da água, zootecnia e defesa sanitária animal e

sócio-economia.

O Departamento de Orientação Técnica compreende as seguintes divisões:

. direção e conselho técnico departamental;

. divisão de orientação fitotécnica e defesa sanitária vegetal, com unidades especializadas em cereais, plantas fibrosas, plantas oleaginosas, raízes e tubérculos, plantas tropicais, plantas sacarinas, olericultura e floricultura, leguminosas, fruticultura, café, silvicultura e defesa sanitária vegetal;

. divisão de orientação zootécnica e defesa sanitária animal com unidades especializadas em grandes animais, médios animais, pequenos animais, nutrição animal e pastagens e defesa sanitária animal;

. divisão de orientação sócio-econômica com unidades especializadas em administração rural, promoção e organização rural, trabalho com a juventude rural, economia doméstica rural e crédito, legislação e tributação rural;

Por sua vez, o Departamento de Assistência Supletiva (DAS), é um órgão normativo e de orientação das atividades relacionadas ao fornecimento supletivo de bens de produção e à inspeção e classificação de produtos agrícolas e de outros destinados à agricultura. Sua

finalidade consiste em elaborar o Plano Estadual de Sementes, assessorar e orientar sua execução, estabelecer e fazer cumprir normas referentes à produção, preparo, distribuição, certificação e análise de sementes produzidas nos diversos campos de cooperação. Está organizado em Direção e Conselho Técnico Departamental; Divisão de Sementes e Mudas; Divisão de Inspeção e Classificação Agrícola.

Nos campos dos órgãos técnicos auxiliares encontram-se:

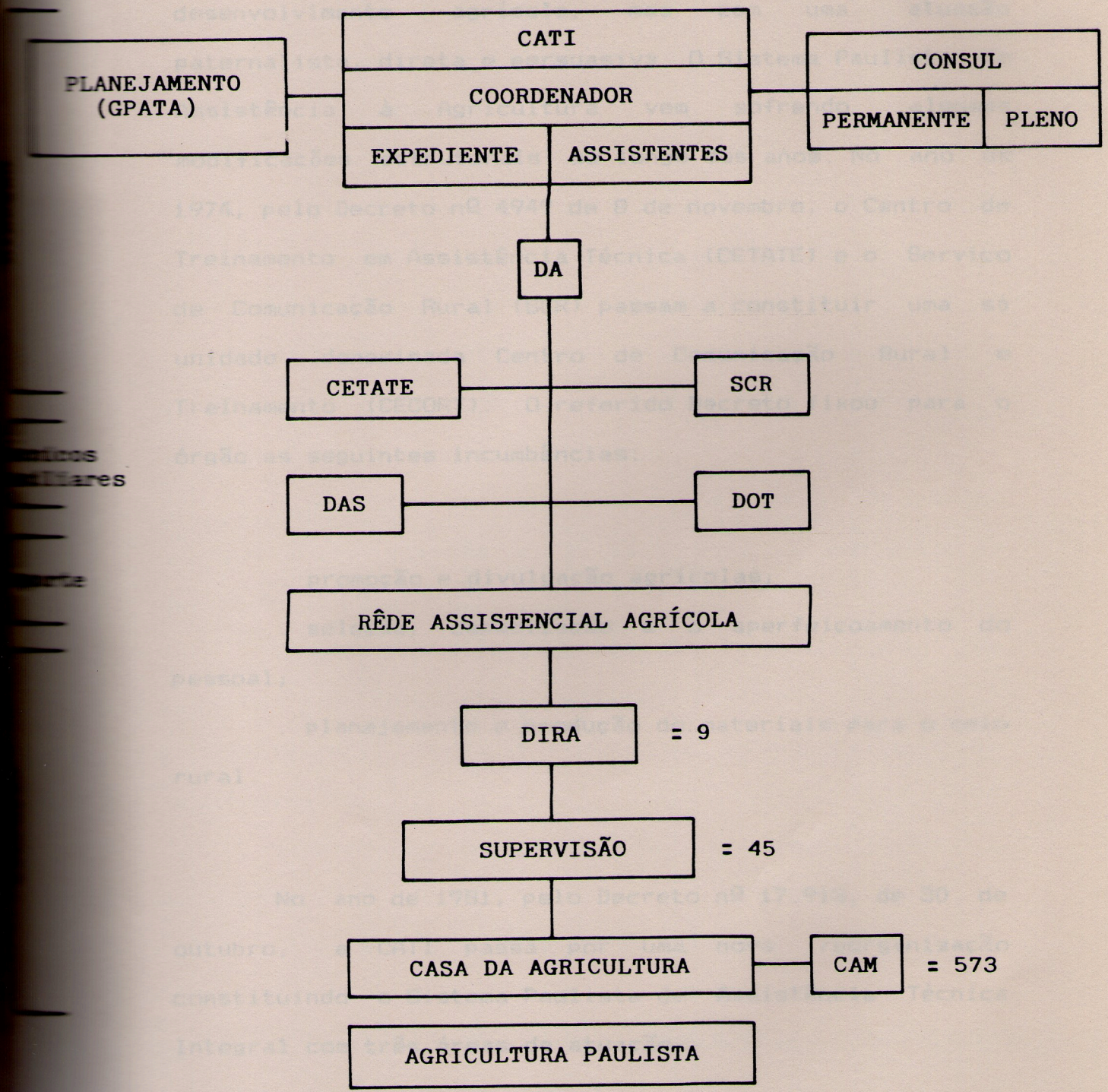
. CETATE - Centro de Treinamento em Assistência Técnica, constituído pela Unidade de Treinamento e Unidade de Estudos;

. SCR - Serviço de Comunicação Rural que conta com unidades especializadas em estudos e avaliação, produção e campanhas e certames, cuja finalidade é adequar e multiplicar material de informação, destinados à Rede Assistencial e à outros órgãos do Sistema Paulista de Assistência à Agricultura; orientar e assessorar a produção de comunicação, promover e sugerir normas para a realização de campanhas e certames agrícolas de âmbito estadual; fornecer material bibliográfico e de consulta especializada; realizar estudos sobre os meios de comunicação; produzir material audio-visual de interesse do Sistema.

No plano mais elevado, compete ao Coordenador da

Assistência Técnica Integral decidir sobre os assuntos, nos limites que lhe forem delegados pelo Secretário de Agricultura, assessorar o Secretário no exame e despacho de assuntos de sua área e participar como membro permanente da Junta Deliberativa da Secretaria. Conta com o assessoramento de um Conselho Consultivo Permanente, órgão constituído pelos Diretores do Departamento de Orientação Técnica, de Departamento de Assistência Supletiva, da Divisão de Administração e pelo assessoramento de um Conselho Consultivo Pleno, composto dos mesmos Diretores do Conselho Permanente e mais os Diretores do Centro de Treinamento em Assistência Técnica, do Serviço de Comunicação Rural e das nove Divisões Regionais Agrícolas, de acordo com a estrutura expressa na Figura III.

FIGURA III SISTEMA PAULISTA DE ASSISTÊNCIA À AGRICULTURA



Na década de 70 a idéia central que guiava a assistência técnica em São Paulo era a de transferência de tecnologia considerada essencial para o desenvolvimento agrícola, mas com uma atuação paternalista, direta e persuasiva. O Sistema Paulista de Assistência à Agricultura vem sofrendo algumas modificações estruturais ao longo dos anos. No ano de 1974, pelo Decreto nº 4949 de 8 de novembro, o Centro de Treinamento em Assistência Técnica (CETATE) e o Serviço de Comunicação Rural (SCR) passam a constituir uma só unidade denominada Centro de Comunicação Rural e Treinamento (CECORT). O referido Decreto fixou para o órgão as seguintes incumbências:

. promoção e divulgação agrícolas;

. seleção, capacitação e o aperfeiçoamento do pessoal;

. planejamento e produção de materiais para o meio rural.

No ano de 1981, pelo Decreto nº 17.913, de 30 de outubro, a CATI passa por uma nova reorganização constituindo o Sistema Paulista de Assistência Técnica Integral com três áreas de atuação:

. Extensão rural;

. Defesa agropecuária e fiscalização;

. Sementes, mudas e matrizes.

De acordo com tal Decreto tem-se a respeito dos objetivos básicos:

1. prestar assistência técnica à agricultura para promover o desenvolvimento rural e a elevação do padrão de vida da população do setor agrícola;

2. executar atividades de prevenção, controle e erradicação de pragas e moléstias para preservar o potencial agropecuário do estado;

3. executar atividades de fiscalização de insumos agropecuários visando contribuir para a melhoria da produção do estado;

4. executar atividades de classificação de produtos agropecuários visando contribuir para o desenvolvimento dos sistemas de comercialização e abastecimento;

5. produzir supletivamente sementes, mudas e borbulhas;

6. produzir, em regime de monopólio, sementes de algodão;

7. atuar como entidade certificadora e fiscalizadora da produção de sementes e mudas;

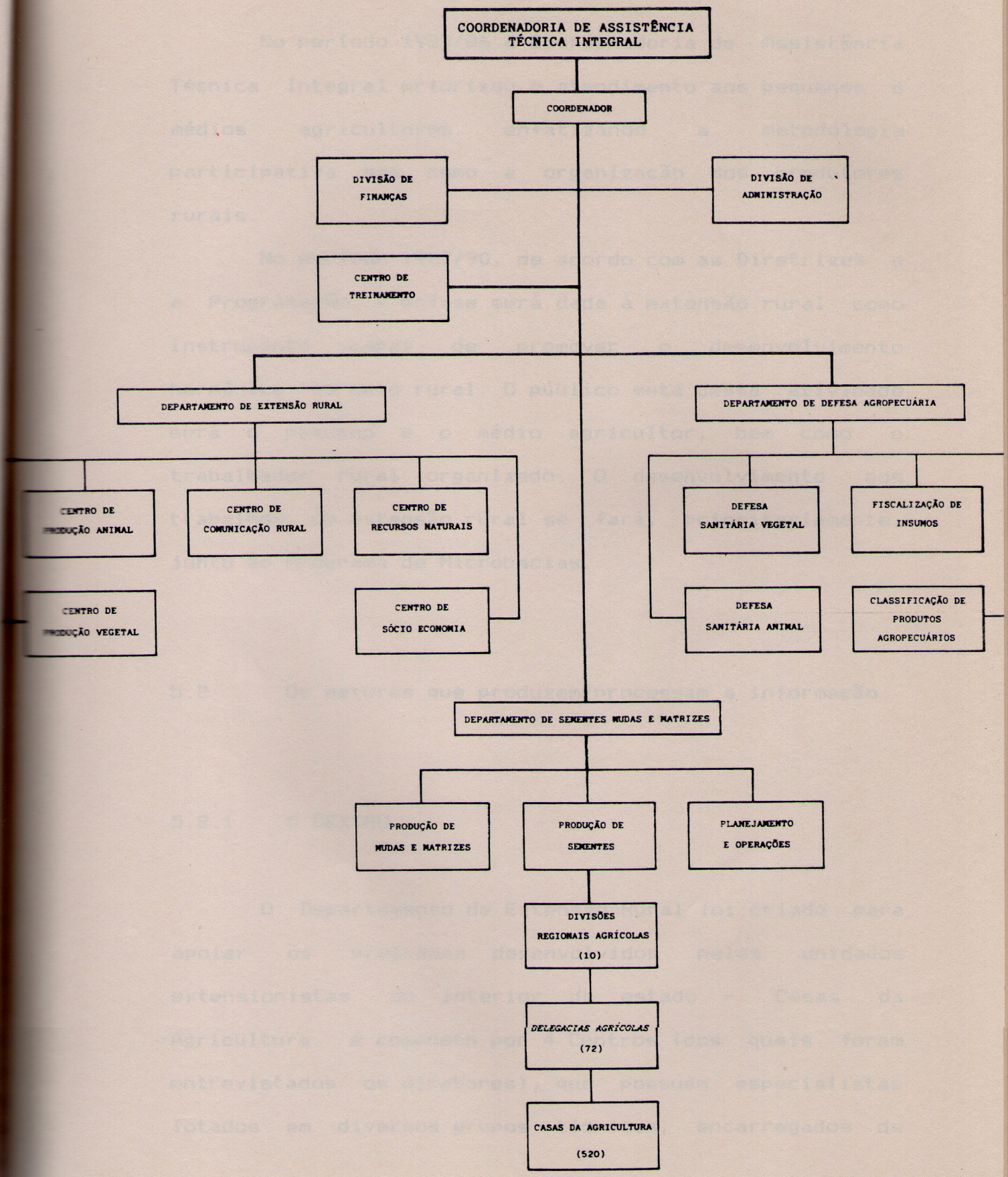
8. desenvolver atividades relacionadas com o

suprimento de matrizes animais e vegetais.

Atualmente é a seguinte a estrutura da Coordenadoria (Figura IV):

1. Gabinete do Coordenador;
2. Conselho Consultivo;
3. Divisão de Administração;
4. Divisão de Finanças;
5. Departamento de Extensão Rural;
6. Departamento de Defesa Agropecuária;
7. Departamento de Sementes, Mudas e Matrizes;
8. Centro de Treinamento;
9. Divisões Regionais Agrícolas;
10. Delegacias Agrícolas;
11. Casas da Agricultura.

FIGURA IV COORDENADORIA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA INTEGRAL



No período 1983/86 a Coordenadoria de Assistência Técnica Integral priorizou o atendimento aos pequenos e médios agricultores enfatizando a metodologia participativa bem como a organização dos produtores rurais.

No período 1987/90, de acordo com as Diretrizes e a Programação, a ênfase será dada à extensão rural como instrumento capaz de promover o desenvolvimento harmônico do meio rural. O público meta dessa atividade será o pequeno e o médio agricultor, bem como o trabalhador rural organizado. O desenvolvimento dos trabalhos de extensão rural se fará, prioritariamente, junto ao *Programa de Microbacias*.

5.2 Os setores que produzem/processam a informação

5.2.1 O DEXTRU

O Departamento de Extensão Rural foi criado para apoiar os programas desenvolvidos pelas unidades extensionistas do interior do estado - Casas da Agricultura. é composto por 4 Centros (dos quais foram entrevistados os diretores), que possuem especialistas lotados em diversos grupos técnicos, encarregados de

prestar suporte técnico à Rede.

São suas atribuições:

1. elaborar estudos para a definição da política de extensão rural do estado, bem como acompanhar seu desempenho;

2. prestar apoio à Rede de Extensão Rural da Coordenadoria;

3. adequar tecnologia às condições da agricultura do estado de SP;

4. propor sistemas integrados de produção e comercialização para o setor agrícola;

5. desenvolver sistemas e métodos de extensão rural;

6. acompanhar e avaliar programas regionais e projetos específicos;

7. desenvolver sistemas e métodos de comunicação rural;

8. colaborar no desenvolvimento de recursos humanos de extensão rural;

9. manter intercâmbio técnico e científico com instituições públicas e privadas, nacionais, estrangeiras e internacionais que atuam nas áreas de extensão rural;

10. desenvolver atividades para a definição de prioridades de alocação de recursos orçamentários destinados à extensão rural.

O Departamento de Extensão Rural conta, além do corpo técnico, com 4 Centros a saber:

. Centro de Adaptação e Transferência de Tecnologia da Produção Vegetal - CPV;

. Centro de Adaptação e Transferência de Tecnologia da Produção Animal - CPA;

. Centro de Sócio Economia - CSE;

. Centro de Adaptação e Transferência de Tecnologia de Preservação de Recursos Naturais - CRN.

O CPV possui 10 grupos técnicos:

GT1 - Café;

GT2 - Algodão;

GT3 - Cana-de-açúcar;

GT4 - Plantas Tropicais;

GT5 - Citricultura e Frutas Tropicais;

GT6 - Viticultura e Frutas de Clima Temperado;

GT7 - Olericultura e Floricultura;

GT8 - Leguminosas e Cereais;

GT9 - Oleaginosas;

GT10 - Raízes e Tubérculos.

Ao Centro incumbe, por meio de seus grupos técnicos estudar, adequar e difundir tecnologias de produção vegetal, especialmente no que se refere a:

1. regionalização de culturas;

2. sementes e mudas melhoradas;

3. técnicas agronômicas de implantação das culturas;

4. controle de pragas e doenças;

5. técnicas básicas e auxiliares para o rendimento econômico das culturas;

6. manejo e adequação de máquinas e implementos agrícolas;

7. técnicas de colheita, beneficiamento, armazenamento e industrialização de produtos agrícolas.

O CPA possui cinco grupos técnicos:

GT1 - Pequenos animais;

GT2 - Nutrição animal e pastagens;

GT3 - Técnicas básicas e auxiliares;

GT4 - Grandes animais;

GT5 - Médios animais.

Ao Centro incumbe, por meio de seus grupos técnicos estudar, adequar e difundir tecnologias de produção animal especialmente no que se refere a :

1. criação, manejo, nutrição, melhoramento, higiene e profilaxia;

BIBLIOTECA "PROF.ª ETELVINA LIMA"
Escola de Biblioteconomia da UFMG

2. inter-relação dos animais com o meio ambiente;

3. produção, preservação e utilização de alimentos;

4. formação, utilização e melhoramento de pastagens;

5. manejo e adequação de máquinas, equipamentos e instalações para animais;

6. planejamento da produção animal;

7. técnicas básicas e auxiliares para o rendimento econômico da produção.

O CSE possui cinco grupos técnicos:

GT1 - Crédito e seguro rural;

GT2 - Administração rural;

GT3 - Formação profissional rural;

GT4 - Comercialização e agroindústria;

GT5 - Promoção e organização rural.

Ao Centro incumbe por meio de seus grupos técnicos identificar, adequar e difundir funções, variáveis e parâmetros sócio-econômicos do setor rural, especialmente no que se refere a:

1. promoção e organização da população rural;

2. comercialização e agroindústria;

3. administração rural;

4. crédito e seguro rural;

5. pesquisa, análise e interpretação de dados econômicos e sociais dosetor rural;

6. tributação e legislação rural;

7. desenvolvimento de recursos humanos de setor rural.

O CRN possui cinco grupos técnicos:

GT1 - Energia no meio rural;

GT2 - Manejo de água;

GT3 - Conservação de solo;

GT4 - Defensivos agrícolas;

GT5 - Fotografia aérea, climatologia e mecanização agrícola.

Ao Centro incumbe, por meio de seus grupos técnicos estudar, adequar e difundir tecnologias de preservação de recursos naturais, especialmente no que se refere a:

1. uso racional do solo e da água;

2. uso adequado de máquinas e equipamentos

agrícolas;

3. produção e uso de energia no setor rural;

4. clima;

5. uso de fotografia aérea para conhecimento do meio físico;

6. uso adequado de defensivos agrícolas.

5.2.2 O CECOR

O Centro de Comunicação Rural atua prestando suporte ao trabalho desenvolvido pelo corpo técnico, auxiliar e administrativo, gerando uma grande variedade de material informativo.

São elaboradas publicações:

. Para técnicos;

. Para o produtor e público em geral.

O CECOR abrange três grupos técnicos:

GT1 - Som e Imagem;

GT2 - Editoração;

GT3 - Programação.

Ao Centro incumbe por meio de seus grupos

técnicos:

1. programar e desenvolver os/ trabalhos de comunicação rural da área de extensão;

2. acompanhar o desempenho das atividades do Centro;

3. apropriar e analisar custos de produção de materiais e comunicações;

4. propor preços de venda e locação de materiais de comunicação e de anúncios;

5. manter intercâmbio com as Instituições públicas e privadas nacionais, estrangeiras e internacionais que atuam na área de comunicação;

6. desenvolver atividades de comunicação rural em regime de cooperação com instituições públicas e privadas nacionais, estrangeiras e internacionais;

7. elaborar instruções técnicas e operacionais;

8. participar do treinamento de pessoal técnico;

9. elaborar estudos e propor normas técnicas e operacionais;

10. produzir filmes e materiais audiovisuais para cinema, emissoras de rádio e TV, unidades móveis de divulgação.

5.2.3 A Biblioteca da CATI

Por sua vez, a biblioteca da CATI constitui-se em uma Seção do Centro de Treinamento e tem como atribuições:

1. organizar e manter o acervo bibliográfico da Coordenadoria;

2. prestar serviços de consultas e empréstimos;

3. manter intercâmbio de publicações com instituições congêneres públicas e privadas, nacionais e estrangeiras e internacionais;

4. selecionar, com a colaboração de técnicos da Coordenadoria, o material bibliográfico;

5. executar os trabalhos de indexação e documentação;

6. providenciar a encadernação e a conservação de livros e publicações;

7. propor normas de funcionamento da Biblioteca.

Procurou-se através da descrição do Sistema Paulista de Assistência à Agricultura e da estrutura da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral verificar como evoluiu a atividade de assistência técnica no estado, assim como caracterizar o meio ambiente organizacional. Acredita-se que seja fundamental aos setores que lidam com a informação o conhecimento dos

objetivos da Organização, das atribuições de cada setor, a fim de que se possa planejar as atividades em consonância com as necessidades institucionais e do meio rural.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

6 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Inicialmente apresentar-se-á a rotina dos setores, segundo a descrição dos entrevistados objetivando verificar como se processam os fluxos de informação na Instituição, bem como as diretrizes e prioridades de cada setor, com relação à informação.

Num segundo momento foram criadas categorias, objetivando analisar a concepção dos profissionais a respeito da informação, extensão e desenvolvimento rural, bem como levantar aspectos relacionados às condições de trabalho e fatores que interferem na atuação dos profissionais.

Assim, concomitantemente à apresentação dos resultados em categorias, pretende-se efetuar a discussão dos aspectos relativos aos objetivos do estudo.

A rotina dos setores

6.1.1 O CECOR - Centro de Comunicação Rural

O Centro de Comunicação Rural não possui estrutura própria enquanto unidade orçamentária. No entanto equipara-se a um Departamento em termos de política, direcionando as linhas de trabalho em comunicação junto

ao produtor rural. O Centro trabalha em conjunto com a Assessoria de Imprensa da CATI produzindo material informativo (audiovisuais, produções radiofônicas, materiais escritos) para a Rede Assistencial (extensionistas), para o produtor e público em geral. A produção de material informativo pauta-se na programação de eventos da CATI (campanhas que estão sendo implementadas, etc), bem como nas demandas advindas do trabalho da Rede Assistencial.

O CECOR possui 3 grupos técnicos:

. Grupo Técnico de Editoração;

. Grupo Técnico de Som e Imagem, com duas Seções (Radiodifusão e TV e Cinema);

. Grupo Técnico de Programação.

6.1.1.1 Grupo Técnico de Editoração

O grupo técnico de Editoração atua na elaboração, adaptação e revisão de material informativo editado para produtores e técnicos da CATI. A produção desse material é efetuada juntamente com o Departamento de Extensão Rural, que atua na elaboração da informação técnico-científica.

Para os produtores rurais são editadas as

instruções práticas (foto-folhetos). Para os extensionistas são editados os boletins técnicos, os documentos técnicos, os testes regionais, os comunicados técnicos e os manuais. Todas as publicações são editadas de acordo com as normas de editoração da ABNT. Esses materiais são produzidos conforme a solicitação (demanda) dos extensionistas. Alguns são refeitos anualmente, seguindo a programação da CATI.

Além disso, há peças promocionais, "folders", volantes, convites dirigidos a produtores, e ao público em geral. A produção desses segue, normalmente, o calendário de eventos da Secretaria de Agricultura do Estado de SP.

Objetivando ilustrar a atuação do Setor junto aos técnicos e produtores será apresentado um fluxograma de rotina de trabalho na campanha de um produto.

CAMPANHA DO MILHO

Ocorrência	Responsabilidade
. Constatação de perdas na produção do milho, devido ao mal armazenamento	. TÉCNICO DA CATI
. Discussão sobre o caso, planejando ações futuras	. TÉCNICO DA CATI + GRUPO EDITORAÇÃO
. Editoração de Cartazes, Boletins Técnicos	. TÉCNICO DA CATI + GRUPO EDITORAÇÃO
. Elaboração de Instrução Prática sobre "Armazenamento de Milho"	. TÉCNICO DA CATI + GRUPO EDITORAÇÃO
. Teste do texto elaborado e dos cartazes da campanha junto aos produtores rurais	. TÉCNICO DA CATI
. Correção do material	. GRUPO EDITORAÇÃO
. Composição, revisão, arte final acabamento	. GRUPO EDITORAÇÃO
. Distribuição do material	. TÉCNICO DA CATI + SETOR DE VENDAS + BIBLIOTECA

No quadro I tem-se os materiais produzidos pelo Grupo, por tipo de informação e público.

QUADRO I MATERIAIS PRODUZIDOS PELO GRUPO TÉCNICO DE EDITORAÇÃO (CECOR-CATI)

TIPO DE MATERIAL	PÚBLICO	QUANTIDADE	TIPO DE INFORMAÇÃO
BOLETINS TÉCNICOS	TÉCNICOS (PRIORITARIAMENTE)	DE ACORDO COM A DEMANDA TÉCNICA	INFORMAÇÕES SOBRE TÉCNICAS E CULTURAS EM GERAL
DOCUMENTOS TÉCNICOS	" "	" "	RESULTADOS DE PESQUISA (APERFEIÇOAMENTO TÉCNICO DE CARÁTER CIENTÍFICO/PRÁTICO)
COMUNICADOS TÉCNICOS	" "	" "	ATUALIZAÇÃO TÉCNICA
TESTES REGIONAIS	" "	" "	RESULTADOS DE TESTES EFETUADOS EM DIFERENTES REGIÕES
MANUAIS	" "	" "	INFORMAÇÕES ESSENCIAIS SOBRE TÉC.E CULTURAS
INSTRUÇÕES PRÁTICAS	PRODUTORES RURAIS	" "	INSTRUÇÕES EDITADAS EM LINGUAGEM SIMPLES ILUSTRADAS C/DESENHOS/ FOTOGRAFIAS
PEÇAS PROMOCIONAIS	PRODUTORES/PÚBLICO EM GERAL	DEMANDA/CALENDÁRIO EVENTOS	DIVULGAÇÃO
FOLDERS	" "	" "	"
VOLANTES	" "	" "	"
CONVITES	" "	" "	"

6.1.1.2 Grupo Técnico de Som e Imagem

Seção de TV e Cinema

A Seção de TV e Cinema produz vídeos documentários e educativos principalmente para os produtores rurais e instituições congêneres. A produção desse material baseia-se prioritariamente na programação da CATI. Assim são produzidos vídeos para os diversos programas da Coordenadoria: microbacias, produção e melhoria do leite, conservação do solo, etc, e para campanhas que estão sendo implementadas. Além dos vídeos são produzidos também "takes" para TV a fim de veicular mensagens mais curtas, como ex: "O caso do bicudo". Atualmente a área de Cinema encontra-se desativada.

Seção de Radiodifusão

A Seção de Radiodifusão produziu até o início do ano de 1989 programas agrícolas denominados "Atualidades Agropecuárias", veiculados para 45 emissoras do Estado de SP, de segunda a sábado, com duração de 10 minutos. A seleção de informações a serem veiculadas baseava-se na programação da CATI, mais especificamente no cronograma de culturas. Os programas eram elaborados com 15 dias de antecedência e enviados às emissoras para serem divulgados. Atualmente estuda-se uma maneira de continuar

a elaboração dos programas, suspensos temporariamente devido à falta de recursos.

6.1.1.3 Grupo Técnico de Programação

Incumbe-se de elaborar a Programação e Calendário de Eventos da CATI. Os responsáveis pelo Grupo de Programação não foram entrevistados, por não ser esse o objetivo central do estudo.

6.1.2 O DEXTRU

O Departamento de Extensão Rural engloba quatro áreas técnicas: Centro de Produção Animal, Centro de Produção Vegetal, Centro de Recursos Naturais e Centro de Sócio-Economia, que atuam na prestação de orientação técnica à Rede de Assistência Técnica (Divisões Regionais Agrícolas, Delegacias Agrícolas, Casas de Agricultura) e, eventualmente, ao Gabinete do Secretário da Agricultura. O DEXTRU pode ser considerado um órgão meio, uma vez que participa do processo de extensão como apoio, produzindo e difundindo a informação aos técnicos.

6.1.2.1 O Centro de Produção Animal

Também denominado Programa de Zootecnia, atua no assessoramento à Rede Assistencial na área de Zootecnia,

através de palestras, redigindo e divulgando publicações técnicas para os técnicos da CATI. Eventualmente efetua seu trabalho diretamente com o produtor rural, dando cobertura ao trabalho do técnico, embora não seja sua função propriamente dita.

A assessoria aos técnicos dá-se após o levantamento de problemas por esses, através de visitas, palestras, da produção e divulgação de informação (boletins técnicos). Atualmente, um recurso que tem sido utilizado com freqüência, devido à rapidez e facilidade de uso, é a informação prestada via telefone. O especialista do Centro é consultado sobre determinado assunto e, após recorrer às fontes de informação, dentre elas a biblioteca, retorna a informação ao técnico via telefone.

No caso de informação de caráter mais geral, sua divulgação se dá pela edição de publicações, juntamente com o CECOR. A edição desses materiais também segue o planejamento da CATI, projetos em andamento, etc.

6.1.2.2 O Centro de Produção Vegetal

O Centro de Produção Vegetal atua na preparação da informação agrícola para assessoria à Rede de técnicos da CATI, especificamente relativa à área de produção vegetal. Na mesma linha dos demais Centros, a produção da informação baseia-se nas demandas dos técnicos e em

programas que estão sendo implementados.

6.1.2.3 O Centro de Recursos Naturais

O Centro de Recursos Naturais tem como função dar assessoria à Rede de Assistência Técnica, ao Coordenador da CATI e Secretário da Agricultura, na área de recursos naturais (água, fauna e flora), adaptando a tecnologia oriunda da pesquisa. Basicamente sua atuação diz respeito à produção de informações e treinamentos. A produção de informações se dá através da demanda dos técnicos (extensionistas) e por iniciativa do próprio Centro. O material produzido é distribuído pelo CECOR, após previsão do Centro de Recursos Naturais, em função do assunto, dos problemas regionais, do número de técnicos, etc.

6.1.2.4 O Centro de Sócio-Economia

O Centro de Sócio-Economia atua no mesmo Sistema do Departamento de Extensão Rural, basicamente em 5 áreas distintas ou 5 grupos técnicos: Crédito e Seguro Rural, Administração Rural, Formação Profissional Rural, Comercialização e Agroindústria, Promoção e Organização Rural. Cada Grupo Técnico tem um ou mais técnicos trabalhando nos assuntos relacionados, como suporte ao trabalho dos extensionistas, em nível de município. As

ações do Centro dizem respeito à orientação (treinamento) dos novos funcionários da CATI: os novos técnicos recebem, antes de irem ao campo, orientação relativa à Organização e aos assuntos técnicos respectivos, bem como à produção de informação. No caso do CSE, a produção se dá com base em projetos ou programas, produzindo informação e contando, em alguns casos, com a colaboração de outras Instituições como o Banco Central do Brasil, a COSESP (Companhia de Seguros do estado de SP) e FUNDACENTRO respectivamente em programas como Crédito/Proagro, Seguro agrícola, Prevenção de acidentes de trabalho. Em outros casos o próprio Centro produz e distribui as informações, como no caso de programas de formação de mão de obra rural/treinamento de mão de obra.

6.1.3 A Biblioteca da CATI

A função da biblioteca da CATI é auxiliar os técnicos no trabalho de assistência técnica. A biblioteca atua através de intercâmbio com outras Instituições, para renovação do acervo e divulga seus serviços através da publicação "Biblioteca Informa".

Pretende-se implementar a articulação de um trabalho junto às DIRAS, no que se refere à coleta e disseminação de informações, trabalho esse já iniciado e suspenso, temporariamente, devido à escassez de recursos.

Através da descrição da rotina dos setores que

6.2 Extensão e desenvolvimento rural - concepção

Em função da obtenção de diferentes opiniões a respeito da informação, extensão e do desenvolvimento rural, que parecem estar relacionadas à formação e área de atuação dos profissionais inquiridos, decidiu-se apresentar os dados separadamente, de acordo com as seguintes áreas: comunicação, técnica, biblioteca/chefia. Tal apresentação facilitará a comparação das informações obtidas. Serão transcritos trechos relevantes das entrevistas e destacadas as palavras-chave. Esclarece-se que, em função da confidencialidade das entrevistas não serão identificados os informantes.

6.2.1 A opinião dos profissionais da área de comunicação

Os entrevistados da área de comunicação (Centro de Comunicação Rural - Grupo Técnico de Editoração, Grupo Técnico de Som e Imagem) enfocaram a extensão, o desenvolvimento rural e a informação como parte de um processo. Para fins de análise procurou-se fragmentar esses discursos.

Assim, 3 aspectos são de suma importância para esses profissionais:

a) objetivo da extensão rural;

b) definição do público;

c) avaliação dessa atividade.

Primeiramente apresenta-se a necessidade de definir-se os objetivos da extensão rural. Essa questão mostra-se presente em todas as entrevistas dessa área. Constatou-se que na concepção desses profissionais a extensão rural é um trabalho eminentemente educativo objetivando, através da informação, o desenvolvimento e a melhoria de qualidade de vida da população rural. Vê-se também a globalização da noção de desenvolvimento uma vez que a informação a ser difundida diz respeito não somente à técnica para produção de determinado produto como abrange outros aspectos da vida rural, de acordo com a análise do contexto no qual o público desse trabalho está inserido.

Vale salientar também que parece haver uma preocupação com a constante revisão desse fim educativo de acordo com o público, como será ilustrado no item avaliação.

> "Não é apenas **divulgar**, é ir além, quer dizer, divulgar **prá quem** e com que **finalidade**."

> "Eu entendo que a **extensão** é uma **continuação**

> da pesquisa, mas eu acho também que a extensão é pesquisa, a partir do momento em que você começa a implantar alguma coisa, você está colhendo resultados, é um ciclo, você está recebendo alguma coisa e repassando; nesse repasse você colhe outras informações que têm que voltar prá cá. O desenvolvimento era a base do programa que a gente fazia: você quer que o agricultor fique sabendo daquilo, prá que ele adote essa tecnologia, esse novo conhecimento prá que isso reverta em maior produção prá ele e essa maior produção se reverta em benefício, em retorno financeiro, prá que ele melhore de vida e tenha acesso a outras coisas e se aculture mais, busque mais conhecimento."

A extensão rural é considerada uma ação educativa, mediada pela informação. A dinâmica desse processo é ressaltada quando o entrevistado afirma ser a extensão uma continuação da pesquisa, um ciclo e também pesquisa na medida em que ao repassar informações ao agricultor deve-se coletar outras que serão utilizadas para o planejamento de novas ações. Isso demonstra que o processo utilizado é o de comunicação (o extensionista e o agricultor são sujeitos da ação educativa) objetivando como foi dito uma mudança (conhecimento + adoção da tecnologia + aumento da produção + retorno financeiro + melhoria de vida + cultura/conhecimento).

> "É o papel educativo mesmo. É educar, atualizar tecnicamente nos mais variados assuntos e é fazer o agricultor se desenvolver não somente numa técnica de plantio, de criação, mas também fazer ele aberto para como melhor comercializar sua safra ou sua criação... fazer com que o produtor, o

> agricultor consiga entender tanto de economia agrícola, quanto técnica de produção, de conservação do solo; mas eu vejo que o papel mesmo é educativo para o desenvolvimento... não é somente a parte técnica agrícola do meio rural, é também a parte humana do meio rural - higiene, saúde, alimentação, englobava tudo, para o desenvolvimento do público rural como um todo. Esse é o nosso papel, é o educativo, a atualização técnica, a assistência técnica onde a economia privada não vai."

Aqui a ação educativa da extensão rural é reiterada, ressaltando-se o objetivo de desenvolvimento do agricultor, tanto técnico como humano.

A concordância destes depoimentos revela que a preocupação dos técnicos vai além do ato de estender conforme mencionado através da crítica de FREIRE (1980). O ato educativo requerido e presente nos depoimentos se mostra extremamente complexo sendo determinado pela informação. Essa deverá ser trabalhada a fim de abordar tanto a prática produtiva quanto induzir os agricultores a uma atitude relativa ao desenvolvimento social/humano.

O segundo aspecto levantado diz respeito à definição do público a quem se dirige o serviço de extensão rural, mostrando a importância em identificar em que contexto, em que realidade ele se insere e colocando-o assim como sujeito desse trabalho. Vê-se novamente a preocupação em difundir além de informações técnicas aquelas consideradas básicas para a participação da população rural no processo produtivo. Isso também diz respeito à definição do objetivo da extensão:

> "Eu tenho muito claro que se você, como é o nosso caso, vai trabalhar com **pequeno e médio produtor**, puxa, prá ele não ser engolido nesse sistema todo o que ele tem que fazer, como ele tem que atuar: **ele tem que se organizar**, então a primeira medida e fazer com que eles **entendam o que é a organização**: ora se você se juntar com o fulano, mais o fulano, mais o fulano, vocês vão estar fortes, vocês vão ter **condições até de dirigir**, de direcionar a produção da região."

A partir da definição do público a ser abordado pelo serviço de extensão rural (pequeno e médio produtor) defini-se a atuação em nível de organização (ação/atitude).

> "Hoje no **estado de São Paulo**, alguns **agricultores já são quase industriários**, mas o **nosso espaço ainda existe**, porque as firmas agropecuárias vão mais nas grandes fazendas, sítios e o **pequeno agricultor** ainda **necessita** da **assistência da CATI**, numa **informação geral**."

Apesar da complexidade das relações de produção na agricultura paulista reitera-se a definição do público a ser atingido, pequenos agricultores, os quais ainda necessitam da assistência em nível de informações.

> "**Não é aquele pobrezinho** que faz o picadão ou um palheiro e que não tem nenhuma perspectiva de vida, é **incutir** nele a **importância que ele tem** dentro do **processo produtivo** e que passa mais ainda pelo **processo educativo**, quer dizer

você tem que ter consciência do seu papel."

> "Prá eu ter condições de propor uma realidade eu tenho que, acima de tudo estar em contato com ela, não de ouvir falar ou passada por alguém mas vista por quem está trabalhando... outra coisa que eu gostaria de ter definido, não por deleitismo, mas para ser utilizado é um perfil atualizado do que é o produtor paulista hoje... nós fizemos uma pesquisa em 80, 81, então ela está super desatualizada porque durante 10 anos muitas coisas aconteceram, o público com quem eu trabalho tem esse perfil marcado, mas que já está defasado, então o que ele evoluiu, como ele evoluiu, seria interessantíssimo ter isso; é um projeto pro ano que entrar, prá década de 90... possivelmente eu fizesse esse trabalho com uma Universidade."

Vê-se a importância de definir-se o público a ser atingido pela extensão rural como também determinar as características desses usuários, sua evolução nos últimos anos considerando-os sujeitos desse processo.

Constatou-se também que há por parte dos profissionais da área de comunicação uma preocupação em considerar a cultura (saber) da população rural:

> "... o importante do rádio, nessa adoção de novas tecnologias e no desenvolvimento é que o rádio não é comercial que você tenta iludir, que tem um retorno rápido... a importância é que ele é repetitivo, não impõe nada, pelo menos no programa que a gente fazia não impunha, ele tentava convencer de que a melhor forma de se fazer o plantio de tal coisa era aquela, por quê ? porque a pesquisa indica que a planta vai encontrar o dia mais longo e mais curto e isso favorece, previne o ataque de

> pragas, qualquer coisa assim, tem uma parte teórica em cima disso e é isso que você tem que tentar colocar; as vezes te perguntam assim, uma vez eu recebi uma carta perguntando se existia influência da lua sobre o plantio, aí você fica numa situação; você vai dizer que não, tem gente que até afirma que sim, então, a colocação que eu fiz é que se ele só confiasse na lua ele podia plantar em qualquer época, a lua pode ter influência, só que se ele não preparar bem a terra, se ele não adubar, se ele não tirar o mato, não colher na hora certa, nada vai resolver, então é simples você dar uma fórmula tal época é melhor para plantar tal coisa, mas na realidade você não pode também afirmar isso, você não pode negar a sabedoria que eles trazem, às vezes de família, então você tem que mostrar prá ele o outro lado; você pode até plantar em tal lua que ela vai dar melhor, mas tem esse cuidado que também vão influenciar no resultado final, por ex. milho, se você plantar em tal mês você vai ter milho, mas vai produzir menos do que se plantar em outubro, a produção vai ser menor, você tem que tentar explicar o porque disso, não é porque a Secretaria quer que você plante no mês de outubro, então é todo esse processo educativo que a gente acredita que vai mudando a mentalidade e que vá levar realmente à adoção de tecnologia."

Esta percepção com relação ao público desse programa de rádio, no sentido de não imposição de uma mensagem e sim mostrar para o usuário o porque da técnica, coloca o produtor em condições de diálogo. Novamente aparece o desafio para o técnico, no sentido de trabalhar pedagogicamente as informações, considerando também o universo cultural do produtor rural (crenças, valores), colocando-o como sujeito da comunicação rural.

Por fim o último aspecto levantado diz respeito à avaliação do trabalho efetuado, considerando os itens

anteriores (objetivo da extensão rural e o seu público). Parece haver a preocupação com a avaliação do próprio objetivo (educativo) da extensão, com base no perfil do homem rural e diagnóstico do contexto em que ele vive:

> "O momento é de **retomada**; nós estamos realmente pregando o que estamos dizendo, a posição está sendo tomada dentro de um **processo educativo**; eu estou considerando meu **público**, meu **interlocutor** ou quem quer que seja a quem eu estou me dirigindo enquanto mensagem como o **sujeito da ação** ou eu me posiciono como **sujeito** e tento colocá-lo como **objeto**."

> "Você tem todo um **sistema de informação bombardeando** o produtor...Eu estou direcionando todo um trabalho dentro de uma **linha educativa** e será que essa linha educativa não está sendo **contestada**?"

Novamente aparece a preocupação com a recepção da informação por parte do agricultor e com a captação de informações por parte do técnico que as transmite, no sentido de identificar o impacto do trabalho junto ao produtor. Atualmente, considerando-se a existência de inúmeras fontes de informação que trabalham basicamente em uma linha comercial, pode-se indagar como o produtor rural recebe a informação educativa. Será que ela está sendo contestada? Essas preocupações fazem parte do trabalho dos técnicos que produzem e divulgam a informação e demonstram haver um interesse constante com a avaliação do trabalho que está sendo executado.

> "Enquanto Instituição pública nesse campo específico da informação para o meio rural, da informação agrícola, você se depara com uma série de firmas e de entidades privadas que estão aí, batalhando o mesmo campo; então elas chegam com um bombardeio de visual muito mais sofisticado, um produto melhor elaborado, quer dizer visualmente muito melhor produzido, levando vantagem sobre o seu trabalho até e esse é um outro campo que você tem que entrar."

Pode-se concluir que a produção e difusão da informação está sujeita a variáveis externas (outros sistemas de informação atuando junto ao meio rural), bem como ao perfil do agricultor (público), considerando suas características, evolução, colocando-o como sujeito da ação educativa. Há uma preocupação com a emissão e recepção da informação.

6.2.2 A opinião do bibliotecário e de sua chefia

Através das entrevistas constata-se que o bibliotecário não tem uma opinião formada a respeito da contribuição da biblioteca para o processo de extensão rural, e da extensão propriamente dita. Pelos dados coletados parece haver por parte deste uma separação um tanto rígida dos profissionais envolvidos nesse processo como se coubesse somente ao extensionista (que atua junto ao produtor) e profissional da área técnica opinarem a

esse respeito:

> "Tecnicamente eu não tenho uma opinião assim formada, porque isso daí abrange mais as DIRAS, porque aqui o pessoal dá instruções pro pessoal que trabalha em DIRAS e Casas da Agricultura, então eu não tenho uma opinião sobre a extensão rural, mesmo porque aí eu não tenho vivência".

A biblioteca é considerada como um órgão separado dos outros setores. Tal fato parece ser um contrasenso se considerar-se o fato de o bibliotecário ter mencionado a falta de cooperação, de um trabalho conjunto desses profissionais quando da elaboração da informação:

> "...a biblioteca tem um papel na divulgação da informação, mas deveria ser um trabalho em conjunto, por ex. os próprios técnicos fazem um trabalho eles teriam eu acho que passar para a biblioteca esse trabalho para divulgar."

Segundo este profissional o papel da biblioteca restringe-se à divulgação da informação, ao invés de atuar também em nível da produção.

Deve-se ressaltar que o bibliotecário não precisa ser um especialista em comunicação ou extensão rural. No entanto, devido ao objeto de seu trabalho, a informação, à sua dinâmica e à já mencionada complexidade de fluxos

de informação na extensão rural, acredita-se que deva haver por parte desse profissional o conhecimento conceitual sobre as características do público com que trabalha, bem como da atividade da Instituição a qual a biblioteca está vinculada. Assim, o bibliotecário poderá agir no sentido de identificar o tipo de informação que deverá ser veiculada, bem como o tratamento a ser dado a essa informação, determinando diretrizes de ação. Em outras palavras isso significa estar atento ao ambiente interno (organizacional) e externo (meio rural, políticas de informação para o setor rural) já que sua atividade deve ser influenciada por essas variáveis. De acordo com grande parte dos estudos realizados nos últimos anos sobre a biblioteca e seu profissional é esse o papel esperado do bibliotecário; não mais uma atitude passiva na administração dos recursos informacionais, mas trabalhar significativamente na dinâmica da circulação da informação, onde sua eficácia, alcance e importância estão diretamente relacionados com o grau de integração com outros setores que devem trabalhar conjuntamente na consecução dos objetivos institucionais. Nesse caso, biblioteca, área técnica e de comunicação, coletando, processando e disseminando informações relativas ao setor rural.

O responsável pelo Centro ao qual subordina-se a biblioteca apresentou uma visão bastante ampla da extensão e do desenvolvimento rural abordando temas como

geração de tecnologia (pesquisa) e conseqüente informação produzida na área agrícola.

Essa concepção vem ao encontro da discussão teórica a respeito da geração de tecnologia além de reafirmar a idéia de que a informação está vinculada a esse processo:

> "... numa **Instituição** que trabalha com **organização de produtores** e tem como **instrumento de trabalho a tecnologia** e tem como **objetivo a difusão de tecnologia**... eu diria que o Centro tem cumprido seu papel no sentido de fazer a **transferência da informação** no que se refere à reciclagem, capacitação, etc e nós temos um **problema** muito sério de eu diria **inadequação** de **conhecimento gerado** pela pesquisa em relação a determinados **tipos de público** ..."

O entrevistado relaciona a inadequação do conhecimento à informação produzida e que deverá ser utilizada pelo extensionista. Nesse sentido vê-se a importância das políticas agrícolas e de que maneira elas interferem no fluxo de informações no meio rural: as prioridades da pesquisa são determinadas pelas políticas agrícolas; por sua vez o conhecimento é gerado em consonância com tais prioridades e nem sempre é adequado ao público alvo do serviço de extensão rural - pequenos e médios produtores.

Igualmente à opinião dos profissionais da área de comunicação, os aspectos relativos ao objeto da extensão

rural, ao seu sujeito e à informação a ser veiculada são prioritários. É mister destacar que esses aspectos foram diretamente relacionados por esse profissional ao papel da biblioteca e à informação.

> "Eu diria que a biblioteca tal como a gente tem hoje ela é ...pouco veloz ela é pouco utilizada, ela se incorpora pouco no tipo de atividade que a gente faz".

A biblioteca não é considerada, por parte dos usuários adequada à dinâmica de trabalho exigida pela extensão rural. Foi mencionada a falta de agilidade da biblioteca dentro da dinâmica do processo de geração e difusão de tecnologia reforçando a idéia de que essa deve se incorporar de maneira mais ativa à Instituição.

> "As nossas bibliotecas não são como as européias ou de alguns centros de pesquisa da Europa, de alguns centros de informação, o núcleo da vida estudantil e o núcleo, a área central onde estão armazenados todos os projetos, onde a medida em que se vai gerando conhecimento lá vai sendo cadastrado e socializado, não. Aqui o pesquisador senta em cima de sua pesquisa até ela estar absolutamente pronta. Portanto a biblioteca só tem o conhecimento acabado, pronto e publicado, quer dizer, a defasagem que tem aí... então a biblioteca é sempre uma biblioteca desatualizada...agora se você pega uma área de conhecimento específica como é a agricultura, a situação é mais grave, porque já tem uma defasagem na geração do conhecimento e a defasagem entre geração e publicação é maior ainda, o tempo de geração do conhecimento é longo então nós temos hoje aqui uma biblioteca com o acervo desatualizado... eu diria que a extensão não tem o hábito de estudo, de pesquisa, que tem a pesquisa, eu acho que realmente o extensionista não tem o hábito de estudar..."

Esse depoimento aponta o caráter negativo da biblioteca como um órgão passivo, que armazena somente o conhecimento publicado, ao invés de atuar durante a geração do conhecimento **socializando-o**. Este termo é bastante interessante e vem ao encontro do modelo que acredita-se deva ser o ideal: a atuação da biblioteca na coleta e processamento de vários tipos de informação e a difusão aos usuários = democratização da informação. Em um estudo onde analisa os usuários da informação agrícola MONGE (1977) menciona que grande parte dos trabalhos, resultados de investigação não são publicados em meios convencionais e consequentemente não acessíveis em sua maioria em bibliotecas. Desse modo o bibliotecário deve procurar conscientizar esses profissionais da importância das publicações técnico-científicas como mecanismo de difusão do conhecimento e, ao mesmo tempo, procurar coletar tais tipos de trabalhos e aqueles ainda não publicados nos meios formais, disponíveis muitas vezes de forma mimeografada, dentre outras.

> "Então quer dizer que a **biblioteca** não é das melhores e o **nível de consulta** é **baixo** e uma coisa puxa a outra, quer dizer **não tem pressão** para a **atualização do acervo, não tem critério** adequado para atualização do acervo, na medida em que as próprias **áreas não conseguem saber** realmente o que elas **precisam**; somando isso há um **empasse da extensão** que é uma especialidade **à procura de seu sujeito e do seu objeto**"

Vê-se que a indefinição quanto ao objeto da extensão rural interfere diretamente na organização administrativa e no estabelecimento de uma política de informação reforçando a hipótese deste trabalho de que os fluxos de informação são determinados pelas diretrizes da Instituição e pelo contexto no qual a mesma se insere.

> "Por onde vamos, qual é a nossa, quem é o nosso sujeito, quem é o nosso objeto, qual é o nosso compromisso, com que realidade; com as duas, com uma, como nós estamos em cada uma? Essa é uma questão não resolvida, fruto de conflito interno e portanto fruto de problemas na priorização de todas as coisas e uma Instituição ou uma especialidade que tem esse tipo de problema, ela tem problemas de todas as naturezas, com que tipo de informação, qual o tipo de informação que ela vai veicular prioritariamente, tecnologia de ponta prá quem, tecnologia adequada prá quem. Não está resolvido, isso é uma coisa que oscila; que muda de um poder prá outro."

Pode-se constatar que a priorização do tipo de informação é dificultada pela ambiguidade e dificuldade da Instituição em relação às variáveis externas.

A falta de literatura em determinadas áreas (tecnologia apropriada) como citado remete à questão da geração de tecnologia e ao já conhecido modelo de articulação pesquisa-extensão, no qual a extensão deve retroalimentar a pesquisa. Questiona-se então se de fato ocorre esse intercâmbio entre extensionistas e pesquisadores e de que modo são definidas as linhas de pesquisa na área agrícola. O Documento "Pesquisa,

Assistência Técnica e Extensão Rural: integração EMBRAPA/EMBRATER" (EMBRATER, 1976) afirma que "substancial parcela do processo de transferência de tecnologia constitui um continuum que nasce num projeto de pesquisa inspirado nos problemas do produtor rural e termina quando este incorpora às suas atividades as práticas recomendadas. Visto que o processo de transferência de tecnologia, tal como concebido não pode ser dividido, depreende-se que o trabalho dos dois grupos de Instituições deve ser realizado dentro do mais amplo entrosamento e interdependência".

No entanto, o que se observa na prática são ações isoladas nas quais a extensão participa timidamente da priorização de linhas de pesquisa. Em parte isso se deve ao próprio tipo de atividade, já que o processo de transferência de tecnologia envolve aceitação, adoção e avaliação da mesma o que demanda bastante tempo.

> "Nem sempre a pesquisa gerada serve a todos os tipos de público. Então você tem o pequeno, micro-produtor e as culturas de subsistência: arroz, feijão, milho, mandioca, onde dificilmente você tem uma tecnologia adequada. Então, existem parcelas, extratos da população onde você praticamente não tem bibliografia, nem tecnologia, por conseqüências e o material que se produz é na maior parte das vezes inadequado, é voltado por ex. o milho o que se produz é voltado prá produção comercial, então o pequeno e os micro produtores não são atendidos, a não ser em casos especiais. Eu diria que as culturas de exportação são altamente privilegiadas do ponto de vista de quantidade de informações

> disponíveis e em se tratando de tecnologia de ponta também temos suficiente quantidade de materiais e num momento em que a organização se preocupa com pequenos e médios produtores, você tem uma quantidade inversa de informação. A prioridade é pequeno e médio, no entanto a pesquisa acumulada, a informação acumulada é relativa ao grande, ao médio produtor e ela é voltada prá uma tecnologia de alto custo que é capital intensivo e, enfim, as lógicas são diferentes, a lógica que tem o produtor, tanto a lógica do pensamento e da cultura do pequeno produtor, da lógica do produtor capitalista."

A priorização dos sistemas de informação não está de acordo com as necessidades do pequeno e médio produtores, que são os usuários do serviço de extensão rural, já que nem sempre há tecnologia e informação adequados às demandas. Reiterando a interpretação deste estudo de que a informação é relacional, pode-se perceber neste depoimento que a priorização quanto à produção e disseminação da informação é, além de técnica, política. Desse modo não se pode esperar que o bibliotecário atue somente em nível técnico, permanecendo alheio a essas questões. Ele deve ter conhecimento dos fatores que interferem em seu trabalho. Cabe também ao bibliotecário identificar as áreas em que não há informação suficiente (como as relacionadas às culturas de subsistência) conscientizando os encarregados da produção da informação a respeito dessas necessidades (deve ser efetuado um trabalho conjunto entre os setores). Isso significa avaliar as falhas e verificar novas possibilidades de produção da informação.

Quanto ao outro ítem levantado na entrevista, relativo à eficácia da biblioteca como canal no processo de transferência da informação, vale lembrar que grande parte dos estudos realizados sobre o assunto demonstram a eficiência de canais informais (reuniões, simpósios, colégios invisíveis, contato com colegas, etc), devido em grande parte ao tempo dispendido entre a conclusão de uma pesquisa, sua publicação e acessibilidade aos usuários.

CURVO FILHO (1983) em um estudo onde analisa o processo de comunicação informal entre pesquisadores e extensionistas na área agrícola, mostra que os índices de utilização de Bibliotecas tendem a cair dos pesquisadores aos agentes locais de extensão. Dentre as razões pela baixa utilização o autor menciona o insuficiente grau de atualização nos materiais de bibliotecas. Isso reforça então a necessidade de um maior contato informal entre pesquisadores e extensionistas, bem como de o bibliotecário estar ciente da eficiência dos canais informais, procurando coletar, junto às Instituições de pesquisa, materiais que poderão suprir as necessidades de informação desses usuários (pesquisas em andamento, comunicados técnicos, etc).

6.2.3 A opinião dos profissionais da área técnica

As opiniões dos profissionais da área técnica a respeito da extensão e do desenvolvimento rural,

mostraram-se diferenciadas. Os profissionais das 4 áreas (Produção Animal, Produção Vegetal, Sócio-Economia e Recursos Naturais) encaram a extensão rural como um processo educativo para uma mudança (desenvolvimento). No entanto aprofundando a percepção de desenvolvimento que tem esses profissionais percebe-se haver divergências quanto à informação a ser veiculada e ao tipo de trabalho a ser efetuado junto à população rural o que, em última instância diz respeito ao objetivo da extensão rural.

> "Eu acho que a **extensão rural** é um **agente de mudanças**. Então você tem uma situação atual e uma situação projetada e a extensão rural é o agente que vai atuar junto ao produtor para que essa situação mude... eu acho que para **mudanças** só pode ser **educativo**, não tem outro jeito. Então a extensão rural por exemplo ela trabalha com **educação pura e simplesmente**. É um trabalho que não se obtém resultados imediatos. São resultados que se obtém a médio e longo prazo. Agora isso aí é o que a gente pensa no ideal, mas na prática nem sempre é assim. Na maioria dos casos, a extensão tenta resolver problemas do agricultor que surgem; ora é um problema, ora é outro, mas eu acho que no fundo a extensão tem que fazer um papel; o **papel** dele é **educativo**."

Este depoimento reitera o caráter educativo do processo de extensão rural.

> "O **papel** da **extensão rural**, olha isso fica um pouco **difícil nós falarmos** disso porque nós estamos aqui há muitos anos num **órgão de tecnologia**, quer dizer, a **extensão rural** é **feita pela Rede**, então, as **DIRAS** se preocupam, tem seu **interesse pela extensão**, agora ***nós participamos*** *dessa extensão como um* ***apoio***,

> porque nós levamos a informação para o técnico, agora essa parte de extensão rural já não é mais aqui do órgão central; parece um contrasenso porque o nosso Departamento se chama Departamento de Extensão Rural mas é bom lembrar que ele foi iniciado com o nome de DATE - Divisão de Assistência Técnica Especializada, depois um nome que definia mais, um DOT - Departamento de Orientação Técnica, essa é a função do departamento, a orientação técnica, então nós estamos como um elemento do conjunto que eu considero bastante importante, porque sem informação precisa, informação agrícola, a extensão rural é deficiente, nós estamos providenciando isso, então não nos dedicamos à extensão propriamente dita, por isso um detalhamento do papel da extensão eu acho que você teria que procurar um órgão que está fazendo extensão."

Neste depoimento verifica-se a divisão do trabalho dentro da extensão rural: planejamento e produção da informação e extensão propriamente dita. O Departamento responsável pela produção da informação técnica é considerado um órgão de apoio. Interessante observar novamente a integração entre os vários setores da Instituição, entre aquele que atua no planejamento da extensão e aquele que a executa. Na opinião deste entrevistado só cabe ao profissional da execução opinar quanto ao papel da extensão rural. Pode-se indagar então como se dá o planejamento da extensão rural já que nessa atividade deve haver o conhecimento dos objetivos e metas que se pretende-se atingir. Evidencia-se aí a falta de integração entre os vários setores envolvidos.

> "O desenvolvimento rural é uma preocupação da extensão, é o ponto principal realmente, mas veja bem, no meu entender nós somos um órgão técnico e nós deveríamos levar a técnica para esses produtores, não é uma coisa fácil, porque há vários sistemas de produção no Estado, se você pegar gado de leite, existem vários sistemas de produção de gado de leite, então, você leva um pacote de informações técnicas, nem sempre ele é recebido em todos esses sistemas da mesma maneira... o serviço de extensão é uma coisa meio doutrinária; nós trabalhamos, levamos idéias e aquelas idéias nem sempre são seguidas ou aquele momento não propicia seguir aquela determinada técnica, então é um serviço até, eu podia dizer, meio ingrato, porque não é uma coisa imediata, é uma coisa que demora anos e nem sempre surte efeito e as vezes não dá prá ser contabilizado, como eu diria; não se pode extrair dados se aquilo realmente está sendo conduzido de maneira eficiente, ou não, porque é um negócio muito vago... como medir nossa participação é que é difícil e acredito que em todas as EMATERes isso é um problema; mas que nós estamos presentes e que a nossa função está sendo cumprida eu não tenho dúvida, agora se ela está sendo bem cumprida hoje em dia, com a interferência política que existe, e se ela está sendo eficiente ou não, aí já é uma coisa que precisa ser medida."

É importante verificar que na concepção desses profissionais a avaliação do trabalho que está sendo efetuado é bastante difícil, em parte devido ao tempo dispendido entre a difusão e a adoção de uma tecnologia. Tal afirmação reforça a idéia de que a pesquisa e a extensão caminham em compassos diferentes já que a retroalimentação dá-se após a obtenção de resultados o que, como mencionado, demanda muitas vezes anos.

Através da indagação quanto ao tipo de informação a ser veiculada procurou-se obter mais dados a respeito do objetivo da extensão e da concepção de

BIBLIOTECA "PROF.ª ETELVINA LIMA"
Escola de Biblioteconomia da UFMG

desenvolvimento rural, que, a princípio, não pareceram explícitos.

> "... eu acho que em algumas áreas é talvez mais importante, por exemplo; talvez seja muito importante, o produtor está sempre preocupado com problema de **preço**, às vezes é essa **informação** para ele, de **como produzir** de **maneira mais econômica**, ou **quais são os preços** que estão sendo praticados na praça, para ele é muito **mais importante** do que eu levar uma **tecnologia** de como produzir, então **onde ele armazenar**, ou **como** ele **comercializar**; esse **tipo de informação** para ele é **fundamental**, ou se ele planta aquilo ou não, porque como é que vai comportar no ano que vem aquele determinado produto, esse tipo de informação, para ele, não sei como ele está obtendo agora, acredito que é através de alguma cooperativa, porque nosso aqui não tem, ou é pouco, eu desconheço porque não é minha área, mas eu acredito que não é também eficiente, eu tenho impressão, pelo que a gente vê, inclusive pela TV, esse tipo de informação, ele recebe mais a nível de cooperativa, hoje indiscutivelmente as cooperativas, desde que eles sejam cooperados, as cooperativas realmente são eficientes nesta parte... **na nossa área** que é **estritamente técnica a informação é técnica** mesmo, ela **não é uma informação educativa**, se a técnica que nós estamos levando pode ser considerada um meio educacional, tudo bem, mas ela é uma informação técnica com a **finalidade principal** de **produzir um determinado produto**, produzir bem um determinado produto; não é educativo naquele aspecto que você está, talvez você esteja pensando um aspecto educativo, seria no aspecto de **bem viver** da **família rural? Não**, não é essa, nós levamos às vezes uma informação estritamente técnica e ou acho, é um ponto de vista meu, que você fazer, confundir a informação técnica com uma informação que envolve outros aspectos do produtor rural é sonhar muito..."

Ao ser questionado se a organização rural seria

papel da assistência técnica e extensão rural, o entrevistado expressou o que segue:

> "Não, eu particularmente acho que não. Porque se já é difícil e nós já temos muitas falhas em levar uma informação técnica correta, e levar bem essa informação, você imagina se eu quiser ampliar essa mensagem, derivar para outros assuntos, como por ex. como se organizar melhor, como vender melhor seu produto, como comercializar melhor, ou então como influir para que a família rural tenha melhores condições de vida, então a coisa fica tão ampla que eu acho não é, não está ao nosso alcance fazer e eu acho que nós não devemos confundir isso com levar informação técnica, se mal nós conseguimos levar a informação técnica no sentido real da palavra, você imagina ampliar isso."

Essa opinião contraria o que já foi apresentado pelos profissionais da área de comunicação, segundo os quais é de suma importância definir quem é o produtor rural paulista atualmente, bem como auxiliá-lo nas atividades de organização rural.

É interessante observar que esse entrevistado reconhece a importância desse tipo de informação para o agricultor mas acha que não cabe ao serviço de extensão divulgá-las. Isso leva a concluir o que já foi expresso por um entrevistado: o problema básico da extensão é definir seu objetivo e posteriormente questões como tipo de público, prioridades, tipo de informação a ser veiculada.

6.3 Condições de trabalho

Com relação às condições de trabalho dos profissionais que atuam na produção/disseminação da informação, constatou-se a existência de diversos problemas. Vale mencionar que há por parte dos profissionais entrevistados uma predisposição em solucionar as deficiências e certa criatividade no uso de recursos disponíveis. Pode-se inferir que as condições de trabalho apresentam variáveis que interferem na produção e no fluxo da informação.

A política de extensão rural, vinculada à política governamental e à situação econômica foi uma variável mencionada na maioria das entrevistas. Dessa variável originam-se diversos problemas como orçamento deficitário, pouca agilidade do serviço público (estrutura do serviço público interferindo na "fluidez" do trabalho), falta de continuidade de projetos e serviços, deterioração de aparelhos/equipamentos, recursos humanos insuficientes. É interessante observar que as instituições públicas que prestam serviço desempenham importante papel na formação e no treinamento de profissionais especializados. No entanto, devido aos baixos salários e à falta de condições de trabalho os mesmos acabam se transferindo para instituições privadas onde são melhor remunerados. No caso da extensão rural esse aspecto foi bastante mencionado já que atualmente há de

um lado inúmeros veículos de comunicação e empresas privadas dirigidas à comunicação rural, apresentando produtos bem elaborados quanto à forma, mensagens bem trabalhadas e, de outro lado, a instituição pública com recursos deficientes, preocupada prioritariamente com o conteúdo e a qualidade da informação prestada. Esse é um problema sério, considerando-se que a informação para a extensão deve ter segundo os entrevistados:

a) atualidade;

b) periodicidade;

c) disseminação.

Desse modo, as condições de trabalho acabam interferindo na produção e no fluxo de informações.

A determinação das linhas de trabalho vinculadas à política vigente parece o maior entrave já que a extensão rural é uma atividade que leva muitas vezes anos para colher resultados satisfatórios. Uma tecnologia adaptada da pesquisa pode levar muito tempo até ser transferida. Assim, muitas vezes não há a devida continuidade de programas e projetos pois mudando-se uma Secretaria muda-se o Coordenador e conseqüentemente diretrizes de ação.

Essa observação remete à questão da avaliação já mencionada como de suma importância nessa atividade. Por ser uma atividade de prestação de serviços com um objeto

pouco mensurável, a extensão rural defronta-se com a dificuldade em quantificar a contribuição que vem dando ao desenvolvimento do meio rural, contribuição essa que só pode ser observada a longo prazo, pela continuidade, avaliação e implementação de projetos e serviços.

Questionando o bom desempenho nas instituições em que prestam serviço DRUCKER (1976) afirma que esse quando ocorre é exceção e não regra. Dentre as causas para o mal funcionamento dessas empresas o autor menciona o fato de os objetivos e resultados dessas Instituições serem intangíveis, considerando essa justificativa um tanto limitada já que para a maioria das atividades há dificuldade em definir claramente os objetivos.

O autor menciona a má orientação causada pelas verbas orçamentárias, salientando que "a grande e básica diferença entre uma Instituição de serviço e uma Empresa é o modo pelo qual a Instituição de serviço é paga." As Instituições de serviço são pagas através de verbas orçamentárias advindas de um orçamento geral, desligado de suas atividades e que é obtido por meio de impostos, taxas ou tributos.

As empresas, ao contrário são pagas para satisfazerem os clientes.

A falta de recursos orçamentários para o desenvolvimento das atividades, bem como o fato de a agricultura não ser prioridade foram mencionados pelos setores que produzem/processam a informação:

"Hoje no serviço público a gente tem muito pouco recurso, prá treinamento, prá aquisição de material permanente, como livros que por uma distorção da Administração pública é considerado material permanente... os recursos orçamentários que nós temos são de pequeno porte, o nosso orçamento aberto prá esse ano é em torno de 10% daquele que a gente solicitou."

"O dinheiro público é um dinheiro que tem que se respeitar e se a situação em que a gente vive hoje é uma situação terrível, caótica em termos de bolso, ela também é em termos de cofres públicos, então você tem que ter todo um redimensionamento ..."

"A gente está agora num momento de muita turbulência, eu acho que o momento político é delicado, o momento da CATI, do governo também é, a CATI está perdendo um pouco da posição que ela ocupava e isso repercute no trabalho da gente, o que culminou inclusive no momento de quebra, de deterioração dos próprio material" (sobre o Programa de Rádio "Atualidades Agropecuárias", produzido pela CATI para 46 emissoras, suspenso por falta de recursos).

"A biblioteca da CATI não tem renovação de acervo, devido a problemas econômicos, a gente vive de intercâmbio, permuta com outras bibliotecas..."

Concomitantemente aos diversos problemas levantados pelos profissionais entrevistados constatou-se a predisposição por parte dos mesmos em minimizar essas dificuldades, levando-se em consideração basicamente dois objetivos:

1) o produto final (seja produção dos programas de rádio, folhetos, campanhas);

2) o aspecto qualitativo da informação produzida.

Nesse sentido é importante destacar que a maior preocupação desses profissionais, quando da solução desses problemas diz respeito ao conteúdo e credibilidade da informação:

> "Você tem que **buscar fórmulas** de prender a atenção, você imagina dentro de uma programação total de rádio da emissora, você ter um programa de 10 minutos e conseguir fazer esse programa ser notado, porque você tem **retorno**, a gente tinha retorno por cartas, então você tem que **criar uma identidade** prá que quem estivesse ouvindo identificasse aquele programa como relacionado à Casa da Agricultura, como um programa da Secretaria, e sem forçar a barra, porque a gente sempre tentou fazer isso de uma forma não política, não oficial, a gente nunca falava nome de governador, nunca buscou badalação oficial, a gente falava a **informação pela informação**..."

> "**Nosso material**, podem achar que poderia ser melhor, o colorido, isso e aquilo, mas de uma coisa nunca podem nos acusar: de ter publicado alguma coisa errada, nunca podia até dizer: a fotografia está meio desfocada, mas o **conteúdo técnico sempre foi perfeito**. Esse cuidado nós sempre tivemos muito... por ex. o pessoal pode achar lindo uma revista Globo Rural, um programa Globo Rural, só pode achar lindo, só que a gente sabe muito bem que o Globo Rural, eles apenas fazem "flashes" de assuntos, abordam os assuntos de uma maneira superficial, muitas vezes eles generalizam o assunto para o Brasil inteiro...Então eu não posso falar em trigo no Estado de SP do mesmo

moda que eu falo em trigo em Goiânia ou no RS; são variedades diferentes, formas de cultivo diferentes e eles generalizam muita coisa, o que dá muitos problemas."

"O Programa Telecurso Rural tem ótimos vídeos. é um material riquíssimo em informações, não é muito moderno, mas como informações é ótimo e todo mundo procura isso; não tem importância que a imagem não está muito boa, a informação é o que manda e realmente é isso mesmo; as vezes você faz um vídeo você não consegue captar uma imagem muito boa, muito bonita, muito fotogênica, vamos dizer assim, mas desde que a informação seja bastante precisa , é isso o que interessa..."

"A comunicação na CATI está dentro de um sistema, então como tudo funciona naquela corrente você também tem que se adaptar para sobreviver ... a CATI estava sempre gerando informação, mas como entra muita gente na jogada você acha que a coisa começa a não funcionar, fluir bem, então a gente criou uma política própria de comunicação, então tinha um problema, às vezes não ficávamos esperando a linha hierárquica, era ligação daqui prá rádio, não resolvia, ligava prá Casa da Agricultura, não resolvia, ligava pro Delegado Agrícola, o objetivo maior era a fluidez do trabalho, independente da forma como ele funcionasse...a gente achou por bem que não tinha que sacrificar o ouvinte, a informação, a troco de um problema que estava acontecendo no meio... é difícil você entender comunicação dentro de uma Instituição pública porque tudo o que você faz em termos de comunicação tem que ser dinâmico, tem que ser rápido e,normalmente a máquina do Estado é lenta..."

Tem-se bastante explícito nestes depoimentos a dinâmica da informação e da comunicação rural e de que maneira a administração pode interferir negativamente na produção e disseminação da informação. Novamente é

ressaltado o caráter educativo da extensão quando prioriza-se a **qualidade** da informação produzida, diferentemente de outros órgãos nos quais há maior preocupação com o **aspecto** do que com o **conteúdo** da informação. Isso diz respeito à pedagogia da informação (credibilidade) e demonstra um respeito ao receptor (sentido ético). Também pode-se verificar a preocupação desses profissionais no sentido de identificar falhas e propor soluções que objetivam basicamente preservar a agilidade necessária ao processo de comunicação.

6.4 Papel da biblioteca da CATI na circulação da informação

A opinião dos usuários da biblioteca quanto a seu funcionamento e o depoimento do bibliotecário levam a um processo de avaliação tanto da organização da biblioteca quanto de sua dinâmica, evitando assim reduzir a informação e a biblioteca a um papel secundário.

A chamada Sociedade da Informação exige da biblioteca, enquanto disseminadora de informação, processos técnicos para dinamizar suas funções e recursos humanos altamente treinados, não somente para administrá-la como também para tornar acessível o conhecimento a fim de que os usuários tenham todas as possibilidades de acesso às várias formas e versões da informação sobre um mesmo assunto, de acordo com a sua

demanda.

No caso da biblioteca vinculada à extensão rural, considerando o papel da informação para o desenvolvimento do meio rural, acredita-se que deveria estar organizada de modo a servir aos seus diversos tipos de usuários:

a) homem rural;

b) instituições;

c) técnicos da extensão rural;

d) população em geral.

Há que se considerar entretanto que todo processo de avaliação pauta-se na definição dos objetivos da atividade em questão.

Nesse sentido, julgou-se importante coletar, além da opinião dos usuários e bibliotecário, dados relativos à definição de objetivos/planejamento de atividades, bem como dados quantitativos, relativos a recursos materiais/humanos, e prestação de serviços por parte da biblioteca da CATI, seção do Centro de Treinamento.

Seus objetivos, conforme o INFORMATIVO CATI, n.4, 1981 foram assim definidos:

1. organizar e manter o acervo bibliográfico da Coordenadoria;
2. prestar serviços de consultas e empréstimos;
3. manter intercâmbio de publicações com Instituições

congêneres públicas e privadas, nacionais e estrangeiras e internacionais;

4. selecionar, com a colaboração de técnicos da Coordenadoria o material bibliográfico;

5. executar os trabalhos de indexação e documentação;

6. providenciar a encadernação e a conservação de livros e publicações;

7. propor normas de funcionamento da Biblioteca .

Seu objetivo foi definido pelo bibliotecário como sendo " auxiliar os técnicos nos trabalhos que eles se propõem a fazer - assistência técnica..."

A definição dos objetivos da biblioteca é fundamental já que é a partir dela que se definem tipo de público, necessidades dos usuários, tipo de informação a ser veiculada, serviços oferecidos, recursos, dentre outros. Vale lembrar que esses objetivos devem estar em consonância com os da Instituição. Através da definição institucional pode-se identificar dois tipos de objetivos:

a) organizativos/internos;

b) relacionais.

Constatou-se que a falta de planejamento e a indefinição quanto aos objetivos são o ponto fundamental de onde se originam aspectos negativos levantados pelos usuários e pelo bibliotecário e chefia.

Procurar-se-á apresentar esses aspectos juntamente com dados quantitativos obtidos junto à biblioteca.

Usuários:

Segundo dados da biblioteca todos os funcionários da Coordenadoria estão automaticamente inscritos. Assim, são usuários potenciais aproximadamente 1000 funcionários. Considerando esse dado, tem-se que a biblioteca deveria atender às várias áreas da Coordenadoria: técnica, comunicação, administrativa, etc, e portanto prover material informativo para as diversas categorias de usuários. Essa definição quanto ao tipo de público não está no entanto objetivamente expressa em termos de planejamento. Conseqüentemente parece haver áreas em que não há informação suficiente. Questionado sobre o papel da biblioteca da CATI um usuário expressou o que segue:

> "Em termos de **comunicação** eu acho que **não** funciona, porque nós **não temos** uma grande **informação** de matéria **relacionada à comunicação**; se há incentivo prá comprar, é **incentivo** prá compra de **livro técnico**, da área de biologia, agronomia, das áreas específicas e prá gente **como comunicadores**, como **jornalistas**, se você quiser uma informação, normalmente você **tem que comprar** do bolso porque é **muito escasso** o material, além disso é difícil; na área de **comunicação** a gente não tem quase o que pesquisar, a gente tem **matéria antiga, não entra nada novo**, então quando você vai ler, são sempre os mesmos, nem dá subsídios, nem provoca na gente a **necessidade**

> de escrever, acho que nós também teríamos esta função de escrever algum artigo sobre comunicação."

Verifica-se haver por parte da biblioteca dificuldades quanto à priorização das áreas a serem atendidas. Considerando-se haver poucos recursos para aquisição de material bibliográfico, estes quando existentes parecem ser utilizados para prover informação às áreas técnicas.

É interessante registrar que, apesar das deficiências mencionadas quanto ao acervo, o usuário acredita que caberia à biblioteca a motivação quanto à produção do conhecimento, motivação esta que deveria estar relacionada aos serviços prestados e materiais disponíveis, atribuindo-lhe desse modo o papel dinâmico que, acredita-se, seja o ideal.

Acervo:

Outro aspecto levantado refere-se ao acervo da biblioteca:

> "Eu acho que a contribuição da biblioteca da CATI tem sido pequena; ela não tem renovação de acervo, devido à problemas econômicos, a gente vive de intercâmbio, permutas com outras bibliotecas."

> "Nossa biblioteca não é considerada boa, ela não é uma biblioteca que a gente pode

considerar importante, ela é pequena, os volumes e a correspondência dela são muito limitados, não tem verba praticamente, eu diria que ela é até relegada a um segundo plano."

"Infelizmente a biblioteca da CATI não tem o apoio muito grande, porque ela não tem recursos, não é por causa da bibliotecária, do pessoal que trabalha lá que é gente super dedicada, mas é porque não tem recurso. Os livros que nós temos hoje na biblioteca são os mesmos livros que nós tínhamos há 10 anos atrás, quer dizer todo ano a biblioteca pede um número x de livros e daquele número, até de 100 vem 1, 2, 5, 10; então é uma pena e o que a biblioteca tem recebido mais são doações, publicações que vem de fora, gratuitas, mas não é só isso, porque a biblioteca tem que comprar livros também, e tem que ter um intercâmbio maior com outras organizações."

Consultando os relatórios anuais da biblioteca no período de 1989 a 1991 vê-se que o crescimento do acervo foi mínimo, levando-se em consideração o tamanho e objetivos da Instituição e as necessidades já expressas pelos usuários.

QUADRO II ACERVO DA BIBLIOTECA POR TIPO DE MATERIAL, NOS ÚLTIMOS 3 ANOS

TIPO DE MATERIAL / ANO	1989	1990	1991
LIVROS	5541	5674	5796
FOLHETOS/SEPARATAS/BOLETINS	10734	10919	11104
TESES	161	162	174
PERIÓDICOS*	530	545	552
MAPAS	288	292	292

* Títulos não correntes

Juntamente com a questão do acervo verifica-se a falta de previsão de recursos para aquisição de material bibliográfico. Não há orçamento específico para biblioteca, seção subordinada ao Centro de Treinamento e conseqüentemente à verba do Centro.

Consultando a direção do Centro de Treinamento constatou-se que há dificuldades em gerir recursos para *diversas áreas além da informacional:*

> "Há pouco recurso prá aquisição de material permanente e livro, por uma distorção da Administração pública é considerado material permanente, então uma das dificuldades de se ampliar o acervo da Biblioteca, que seja por vias de aquisição, é o problema dos recursos orçamentários. Os recursos orçamentários que a gente tem são de pequeno porte, o nosso orçamento aberto prá esse ano é em torno de 10% daquele que a gente solicitou: temos Cz$1.629.000,00 no nosso orçamento e enquanto temos prá aquisição de livro e de materiais para Biblioteca, mapas e outros tipos de material que foram solicitados, inclusive os recursos audiovisuais que a gente armazena no Centro de Comunicação Rural, uma importância de 366.000,00. Eu diria que é bastante expressiva percentualmente em relação às importâncias dos outros anos... é verdade que não é uma quantia muito expressiva, considerando a subida dos livros e numa Instituição que trabalha com organização de produtores e tem como instrumento de trabalho a tecnologia e tem como objetivo a difusão da tecnologia..." (dados de 1989).

Pode-se a partir desses dados analisar alguns aspectos levantados, quanto ao funcionamento da biblioteca.

Constatou-se que a biblioteca desenvolve suas atividades contando atualmente com apenas 1 funcionário.

Pelo quadro III tem-se os recursos humanos da biblioteca nos últimos 3 anos:

QUADRO III RECURSOS HUMANOS DA BIBLIOTECA NOS ÚLTIMOS 3 ANOS

ANO / RECURSOS HUMANOS	1989	1990	1991
BIBLIOTECÁRIO	02	01	01
ESCRITURÁRIO	01	01*	-
AUXILIAR DE SERVIÇOS GRÁFICOS	01	01	01*

* os funcionários permaneceram até o mês de junho dos respectivos anos

Devido à escassez de recursos humanos e materiais é de se supor que os serviços prestados pela biblioteca sejam deficientes. Assim, levantou-se dados quantitativos sobre serviços de atendimento ao usuário; nos últimos 3 anos.

QUADRO IV CONSULTAS, POR TIPO DE MATERIAL NOS ÚLTIMOS 3 ANOS:

TIPO DE MATERIAL	CONSULTAS		
	1989	1990	1991
LIVROS	102	255	275
FOLHETOS/SEPARATAS/BOLETINS	88	408	327
TESES	20	-	16
PERIÓDICOS	86	341	464
MAPAS	06	15	05

Verifica-se que a relação consulta (serviços)/recursos humanos é inversa. Enquanto tem aumentado o número de consultas por tipo de material, diminuiu o número de recursos humanos, contando a biblioteca atualmento com apenas um funcionário, o bibliotecário, para atender a crescente demanda, bem como efetuar tarefas não profissionais (xerox dentre

outras). Obviamente a qualidade dos serviços prestados não pode se manter, assim como a necessária agilidade que o tipo de atividade em questão exige. Este é um problema basicamente administrativo e novamente há que se tomar uma decisão no sentido de priorização de serviços.

QUADRO V EMPRÉSTIMOS,POR TIPO DE MATERIAL NOS ÚLTIMOS 3 ANOS:

TIPO DE MATERIAL	EMPRÉSTIMOS		
	1989	1990	1991
LIVROS	268	180	208
FOLHETOS/SEPARATAS/BOLETINS	196	203	114
TESES	06	-	08
PERIÓDICOS	214	169	152
MAPAS	-	01	-

Considerando o já exposto com relação ao quadro de pessoal e a pequena atualização do acervo, acredita-se ser considerável o número de empréstimos que parece manter uma média nos últimos 3 anos.

QUADRO VI EMPRÉSTIMOS ENTRE BIBLIOTECAS POR TIPO DE MATERIAL NOS ÚLTIMOS 3 ANOS:

TIPO DE MATERIAL	EMPRÉSTIMOS ENTRE BIBLIOTECAS		
	1989	1990	1991
LIVROS	07	08	03
FOLHETOS/SEPARATAS/BOLETINS	06	–	–
TESES	02	–	–
PERIÓDICOS	–	–	–
MAPAS	–	–	–

Vê-se pelo quadro VI que o número de empréstimos-entre-bibliotecas é bastante reduzido em função de o acervo existente não estar, de acordo com os dados já mencionados, atualizado e de não ser em número suficiente. Essa questão remete então ao uso da biblioteca e ao hábito, por parte dos usuários de leitura/pesquisa. Nesse sentido, acredita-se que o baixo uso relaciona-se à ineficiência da biblioteca que por sua

vez relaciona-se à falta de recursos materiais/humanos/financeiros. Procurar-se á registrar as opiniões dos usuários e da diretoria do Centro de Treinamento, responsável pela distribuição de recursos à biblioteca, bem como verificar o papel do profissional da informação nesse contexto.

> "Se você vê fora, em outros países, todo mundo consulta a biblioteca como uma atividade normal, e é isso que tem que ser feito; inclusive, o que é que aconteceu por a biblioteca não ter esse rol de informação, essa quantidade de livros; nosso pessoal não tem o hábito de consultar a biblioteca, pouca gente vai à Biblioteca, a não ser aquela meia dúzia que já está acostumada, que está aqui; porque nós tínhamos que ter bibliotecas regionais, distribuídas nas diversas DIRAS do Estado..."

É importante destacar a questão da acessibilidade à informação, relacionada à dificuldade por parte dos técnicos lotados nas DIRAS e Casas de Agricultura em consultar a informação. Inúmeros estudos da área de biblioteconomia apontam a acessibilidade (seja ela física ou intelectual) como um dos principais fatores na escolha de um canal de informação. CURVO FILHO (1983) realizou um estudo sobre comunicação informal entre pesquisadores e extensionistas na área agrícola no qual verificou que os índices de utilização de bibliotecas são baixos por parte dos agentes locais (extensionistas). A principal razão pela baixa utilização expressa pelos próprios

extensionistas foi o difícil acesso. Nesse sentido é mister relacionar a iniciativa por parte da biblioteca em processar tecnicamente material bibliográfico enviando-os às "bibliotecas regionais". Infelizmente essas não dispõem de pessoal especializado para administrar os recursos disponíveis.

> "A **Biblioteca**, principalmente nas **Instituições públicas** teria que passar por um **processo de modernização**, porque não é só um controle do acervo, não é só o empréstimo de livros, mas facilitar a consulta - como **formar o hábito** de atualização no próprio **técnico**, que **não tem tempo**, que de repente, **tem a informação circulando de uma outra maneira muito mais fácil**, então eu vejo, que passaria nesse esquema ainda a **formação do hábito**, porque se você vê aí fora, em **outros países** você tem as **bibliotecas** como que **dirigindo**, praticamente junto a um **processo de informação**, você tem videoteca, você tem um catálogo super atualizado..."

Impõe-se aqui um desafio para a biblioteca no sentido de uma atuação mais dinâmica, formando o hábito da pesquisa, participando desse processo, considerando as características do usuário (não tem tempo para consultar a biblioteca, não tem como prática essa consulta) e a existência de outras fontes de informação com maior facilidade de uso. A biblioteca deve criar mecanismos que facilitem o acesso à informação, atuando além do nível técnico, trabalhando a informação para colocá-la à disposição dos usuários. Seu trabalho nesse sentido assemelha-se ao do técnico que atua na produção da

informação para a extensão rural. A informação deve ser pedagogicamente trabalhada para ser utilizada pelos usuários e não somente armazenada. Assim, não se trata somente da coleta e armazenamento de informações, mas da criação de meios que facilitem o acesso e promovam o uso da informação.

> "Eu acho que a biblioteca tem contribuído de uma maneira muito pequena, uma que a biblioteca da CATI é centralizada em Campinas, me parece que existem agora a nível de DIRA as bibliotecas regionalizadas, mas nosso técnico de linha de frente é um generalista, ele não consulta a Biblioteca, ou quando consulta é um problema específico dele, que ele vai fazer uso daquilo, mas é muito difícil esse acesso a uma boa biblioteca...nós dos órgãos centrais, que somos obrigados a fazer acessoria aos técnicos da Rede, nós temos que recorrer à bibliotecas mais importantes, do Instituto de Zootecnia, do Instituto Agronômico de Campinas, da EMBRAPA, à Biblioteca da CATI a gente recorre prá coisinha rápida..."

Identificam-se aqui outras fontes de informação utilizadas. Verifica-se que a biblioteca da CATI não está de fato envolvida no processo de produção da informação rural. Ela é uma fonte de informação utilizada para assuntos de interesse mais superficial.

> "A atuação da biblioteca da CATI é muito pequena, ela se restringe aos órgãos centrais. Então, vamos dizer, os usuários da biblioteca da CATI são os técnicos dos órgãos centrais e

> o que eu acho que deveria acontecer é ela ter ramos que atingissem até lá embaixo e ela não consegue fazer isso..."

> "Se você perguntar quantos técnicos a biblioteca atende por dia vai dar 2, 3, então a biblioteca é muito pouco consultada e o acervo dela não é tão desatualizado porque existe uma troca de materiais, existe um volume considerável de publicações, de aquisições que são feitas através de troca e de novas aquisições, que estão lá, não consultados nem pelo usuário que solicitou. O extensionista não tem o hábito de estudar. Então, a biblioteca não é das melhores, e o nível de consulta é baixo e uma coisa puxa a outra, quer dizer não tem pressão para a atualização do acervo, não tem critério adequado para a atualização do acervo na medida em que as próprias áreas não conseguem saber realmente o que elas precisam; somando isso a um empasse da extensão que é uma especialidade a procura de seu sujeito, do seu objeto..."

Vê-se também que a facilidade de uso foi mencionada como fator no uso da biblioteca, juntamente com o hábito de pesquisa/leitura por parte dos extensionistas. É interessante observar a visão que os usuários têm das funções da biblioteca. Apesar das limitações da biblioteca da CATI, seus usuários conferem à biblioteca um papel importante, relacionando-a à formação do hábito de leitura, à produção do conhecimento, atribuindo-lhe o dinamismo que, acredita-se ser fundamental para atingir seu objetivo de disseminadora da informação.

Pode-se questionar qual seria o papel do

bibliotecário nesse contexto, onde faltam recursos de toda ordem para o desenvolvimento de produtos/serviços. Seu trabalho parece estar, de certo modo, facilitado por não ser preciso efetuar junto aos usuários um trabalho em nível de conscientização da importância da biblioteca e de sua atuação. Esse seria necessário ao que tudo indica, junto aos administradores da Instituição. Nesse sentido, pode-se mencionar a falta de planejamento da biblioteca como o maior entrave para o pleno desenvolvimento de suas atividades. É interessante observar que o bibliotecário está apto a coletar e disseminar informações aos usuários, relativas aos assuntos de seu interesse. No entanto, não tem como hábito coletar informações de seu próprio ambiente, úteis quando da negociação de recursos e justificativa de implementação de serviços. Assim, verificou-se a deficiência na coleta de dados para elaboração de relatórios, desconsiderando-se ítens como relação custo/benefício, usuários potenciais, demanda reprimida (relativa à seleção/aquisição de materiais bibliográficos). Essa parece ser uma deficiência advinda da formação do bibliotecário que enfatiza o aspecto técnico, relegando a um plano secundário habilidades administrativas no gerenciamento de recursos informacionais. Conseqüentemente todas as atividades da biblioteca são atingidas. Até mesmo a seleção de material bibliográfico carece de critérios adequados de priorização; o que acaba interferindo na

aquisição de material bibliográfico e de outros recursos:

> "A biblioteca é conseqüência de todo esse quadro... foram comprados 20 computadores e a CATI não entende porque a biblioteca precisa ter um computador, então deu o nosso prá outra área e daí vai; esse ano nós temos dinheiro prá comprar livro, espero que a compra saia; existe critério mais ou menos sistemático prá fazer uma seleção, ou tem que ser no bom senso, você conhece? "

Verificando o aspecto relativo ao papel do profissional na empresa, constatou-se não haver cargo para bibliotecário, que é contratado como escriturário e recebe complementação relativa ao cargo. Essa situação parece ser reflexo da política estadual de pouca valorização do funcionário público. Diante disso, espera-se do profissional a reivindicação de seus direitos que incluem salários condizentes com sua função e condições de trabalho. No entanto esse aspecto parece ser considerado negativo por parte da administração da empresa, a mesma que espera que a biblioteca seja dinâmica:

> "Eu quero uma biblioteca como a da Europa, que não é assim, que o cara tá fazendo uma pesquisa aqui, emite uma lista de bibliografia prá ele, que corrija o material bibliográfico que ele tá usando, que é capaz de ir atrás das pessoas e ver o que elas estão precisando porque aí é depósito de livros; bom aí quando nós tínhamos, treinamos uma bibliotecária que foi ao CENAFOR fazer estágio prá ver o tipo de dinamismo que eles tinham na biblioteca, foi

> prá Brasília, aprendeu base de dados, enfim, tudo isso de processamento que está aí na moda, e quando nós estávamos prá receber um computador aí a bibliotecária foi contratada pela UNICAMP, ficou boa, passou no concurso; então começa toda a luta de novo, aquela que a gente tinha formado e que de repente começou a articular o sistema aqui com o das regionais, e começou a captar livros em diversas fontes e distribuir para as regionais, ensinar 10 bibliotecárias que nem eram bibliotecárias nas regionais a cadastrar os livros e começou a se estabelecer um sistema interno de circulação de livros daqui prás regionais, aí a UNICAMP contratou, ficou boa, aprendeu, ensinou e então ... voltamos lá embaixo, estou procurando bibliotecário, não tem cargo de bibliotecário, quem queira trabalhar como escriturária e ganhar a substituição; quer dizer, o esquema do Estado, ele não favorece..."

Embora possa-se relativizar o fato de não haver cargo para bibliotecário, considerando-o isoladamente, deve-se evidenciar a pouca importância da biblioteca diante de alternativas orçamentárias e administrativas. Soma-se a isso o pequeno crescimento do acervo, a falta de pessoal em seu quadro, a não inclusão da biblioteca no organograma, a falta de orçamento específico, a não explicitação de uma política que a integre aos outros setores da Instituição. Essas são demonstrações do papel secundário que a biblioteca cumpre no processo de processamento e circulação de informações na extensão rural. Esta situação é parte do contexto em que está inserida tal atividade. Como já mencionado, uma área que tem problemas de definir o seu objeto de trabalho tem

problemas de toda ordem. é também consequência da administração e da falta de planejamento da biblioteca. Seus objetivos não estão claramente definidos, o que dificulta a execução de qualquer atividade, principalmente na extensão rural, onde são vários os fluxos de informação existentes.

A falta de informatização da biblioteca é um ponto que merece reflexão. Ainda que haja dificuldades orçamentárias não é possível que este setor continue, na prática, sendo considerado unm depósito de livros, relegado a um certo ostracismo funcional no processo de informação já que é essa a matéria-prima da extensão rural. Nesse sentido, cabe ao bibliotecário uma postura ativa e o melhor gerenciamento de informações administrativas (planejamento de atividades, elaboração de relatórios) já que esses dados são importantes para a justificativa de recursos.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

7 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

O objetivo deste trabalho foi verificar o papel da informação e da biblioteca na extensão rural. Através de entrevistas e da coleta de dados quantitativos foi possível identificar a relação da biblioteca da CATI com a organização, sua contribuição no processo da circulação da informação, bem como a opinião dos profissionais que atuam na CATI, a respeito da Instituição e da importância *da informação para o desenvolvimento do meio rural*.

Todos os entrevistados consideram a extensão rural uma atividade educativa pautada na disseminação de informações. Divergem no entanto, quanto ao tipo de informação a ser veiculada (técnica, sócio-econômica) e, conseqüentemente quanto aos objetivos da extensão rural. Essa questão parece relacionar-se à formação dos entrevistados:

a) profissionais da área de comunicação, com uma formação basicamente humana visualizam a extensão rural como um processo educativo pautado na **organização de produtores**;

b) profissionais da área técnica visualizam a extensão rural como um processo educativo, pautado na **transferência de tecnologia** e na difusão da **informação técnica**.

A existência de diferentes concepções com relação à extensão rural e à informação pode interferir no estabelecimento de uma política de informação para a extensão. Nesse sentido é importante que a Instituição tome conhecimento das concepções de trabalho das áreas que produzem/processam a informação de modo a estabelecer uma política de informação adequada às necessidades do meio rural.

O bibliotecário demonstrou não ter uma opinião formada a respeito da contribuição da biblioteca para a extensão rural e da extensão propriamente dita, como se coubesse somente aos profissionais que executam tal atividade opinarem a este respeito.

A extensão rural foi considerada pelos profissionais da área de comunicação/treinamento como uma atividade à procura de seu sujeito e do seu objeto. Há desse modo a preocupação com a discussão sobre os objetivos da extensão rural, tipo de público a ser atendido, tipo de informação a ser veiculada e avaliação dessa atividade. A informação aparece como reflexo desse contexto: à medida em que não se tem claramente definidos os objetivos da extensão não se sabe exatamente que tipo de informação deve ser veiculada. Além disso não há, como esperado, informação suficiente para determinadas áreas e tipos de público (culturas de subsistência/pequenos produtores). A biblioteca também é condicionada por essas variáveis.

Acredita-se que a atuação do bibliotecário não deve se ater à coleta de informações disponíveis. Deve haver um trabalho conjunto com os outros profissionais, no sentido de se identificar as áreas onde não há informação para que se possa a partir daí definir linhas de pesquisa, em consonância com as necessidades dos usuários que foram mencionados pela Instituição como prioritários (pequenos/médios produtores). A questão é, *se não há informação para esses usuários não caberia* ao bibliotecário, juntamente com os produtores da informação identificar esta situação e criar possibilidades de pesquisa nessas áreas?

Verificou-se que a extensão rural é considerada *uma ação educativa mediada pela informação*. A preocupação dos profissionais que atuam na produção dessa informação vai além do ato de estender, enfatizando o processo de comunicação, no qual extensionista e agricultor são sujeitos da ação educativa. Nesse sentido há um interesse por parte dos profissionais em considerar aspectos relativos à cultura do agricultor, enfatizando a pedagogia da informação, tanto em um sentido técnico quanto enfocando o desenvolvimento social/humano.

Constatou-se haver dificuldades por parte dos *profissionais em executar atividades de produção/* processamento da informação. A maior preocupação desses profissionais quando da elaboração da informação refere-se ao seu conteúdo, contrariamente às Instituições

privadas que trabalham em uma linha de "marketing" e valorizam prioritariamente o aspecto e a "embalagem" da informação. Assim, há dificuldades em relação à produção da informação, no entanto a informação produzida é sempre precisa, produto da investigação e pesquisa. As condições de trabalho interferem diretamente no fluxo de informações. Este por ?sua vez, mostrou-se bastante complexo havendo na Instituição vários tipos de informação circulando e sendo produzida (administrativa, técnico/científica, jornalística), como também diferentes usuários (funcionários em geral, técnicos, comunicadores). Não há por parte da biblioteca, enquanto sistema de informações, a definição exata do tipo de usuário a que ela deve servir e a provisão de serviços segundo as várias categorias de usuários; consequentemente há falta de planejamento e de definição de objetivos.

Considerando que a informação na extensão rural deve ter, de acordo com os entrevistados, atualidade, periodicidade e disseminação, além da complexidade da estrutura da CATI pressupõe-se ser de grande importância um sistema de informações dinâmico, trabalhando nas mesmas diretrizes da extensão rural. Nesse sentido, verificou-se que os profissionais consideram a biblioteca um instrumento imprescindível tanto no armazenamento da informação (relacionado à memória e história da extensão e CATI) quanto na disseminação e motivação à produção do conhecimento. Esse é um aspecto bastante interessante

considerando-se que os usuários mantém uma imagem positiva da biblioteca, em termos de uma concepção idealizada, embora isso não signifique uma contrapartida política e orçamentária que a induza a assumir um papel mais dinâmico e ativo no processamento e na circulação de informações. A atuação da biblioteca condiciona-se a aspectos administrativos e políticos e, tal qual a extensão rural, carece de definição de objetivos e planejamento. Desse modo, o papel do profissional da informação torna-se ainda mais importante já que lhe é cobrada, por parte dos usuários, uma maior atuação. A escassez de recursos e a falta de previsão orçamentária para a biblioteca requerem do bibliotecário a administração mais eficiente dos recursos disponíveis, a efetiva promoção do uso da informação (fundamental para a obtenção de novos recursos). Como foi mencionado, a organização "não entende porque a biblioteca precisa de um microcomputador", em consequência de sua subutilização por parte dos usuários. Pode-se indagar se, em havendo por parte dos usuários o reconhecimento dos benefícios da informação, o interesse pelo funcionamento da biblioteca, a exigência quanto a materiais em maior quantidade e serviços de qualidade, uma visão idealizada da biblioteca, por que não há uma contrapartida institucional, já que o processamento da informação, sua recuperação e a promoção do seu uso exigem recursos materiais, financeiros e humanos. Nesse sentido, espera-se que o bibliote-

cário conscientize a administração da Instituição da importância da biblioteca, agindo com criatividade no seu trabalho e suprindo na medida do possível a insuficiência de recursos. Isso só poderá ser efetuado se houver a integração entre os setores que trabalham com a informação e o conhecimento das características e necessidades dos usuários. Poder-se-ia pensar em mostrar à Instituição o que aconteceria se não houvesse a biblioteca. Ficou claro pelos dados coletados que os usuários não deixam de usar a informação devido à ineficácia da biblioteca, recorrendo a outras fontes, como foi mencionado. Isso por sua vez ocasiona desperdício de tempo, de trabalho, elevando os custos e comprometendo o resultado do trabalho desses profissionais, que deveriam ter um sistema de informações acessível. Como menciona BIANCHI (1991) a consulta a outras bibliotecas que não a da Instituição longe de ser uma atitude reprovável é algo saudável para o pesquisador que amplia as possibilidades de suas fontes. Preocupante seria se o usuário procurasse outra biblioteca por sentir a de sua Instituição ineficiente quanto ao acervo e serviços, o que parece ser o caso dos usuários deste estudo. O que poderia ser feito por parte da biblioteca, já que não há um acervo adequado às necessidades dos usuários, é aproveitar a estrutura de informação agrícola existente na região (IAC, EMBRAPA), já utilizada pelos usuários, implementando mecanismos de intercâmbio, empréstimo entre bibliotecas e

compartilhamento de recursos, auxiliando desse modo os usuários que necessitam localizar pessoalmente a informação.

Analisando os fatores associados à produção de literatura por parte de investigadores agrícolas RHEINECK ; DIAZ-BORDENAVE (1967) identificaram variáveis institucionais que interferem, mencionando não haver motivação devido ao não incentivo por parte da instituição. Em se tratando de usuários da área agrícola, especialmente técnicos e extensionistas sabe-se que possuem características próprias e que não têm como hábito a utilização da biblioteca. Neste estudo reforça-se essa idéia, tendo sido mencionados a falta de incentivo institucional (motivação) e a falta de hábito de leitura e pesquisa, o que exige do bibliotecário atenção especial para este fato, além das dificuldades já mencionadas. Este deverá ser criativo buscando meios de tornar essencial seu trabalho em um ambiente de pouco incentivo ao uso da informação e de poucos recursos. Também deve-se mencionar que o processo de comunicação rural pressupõe a circulação de informação por meio de canais formais e informais. Grande parte dos resultados de pesquisa agrícola apresenta-se de forma não convencional. Impõe-se assim um desafio ao bibliotecário no sentido de coletar materiais além daqueles convencionais (impressos e difundidos por meios formais), procurando participar, tanto quanto possível, das redes

informais relevantes aos usuários da Instituição. Verificou-se também que há dificuldades por parte dos técnicos lotados nas Divisões Regionais Agrícolas, distantes da Sede da Coordenadoria e da biblioteca, em utilizar a informação devido à sua inacessibilidade, corroborando vários estudos efetuados na área de biblioteconomia que apontam a acessibilidade e a facilidade de uso como fatores que afetam a escolha de um canal de informação. Desse modo deve-se pensar em criar mecanismos para prover de informação os técnicos que trabalham diretamente com os agricultores. Recuperando a discussão inicial a respeito da biblioteca e da extensão rural, acredita-se que deva haver um trabalho conjunto dos vários setores envolvidos na produção da informação e na extensão rural. No caso da biblioteca da CATI, acredita-se que ela deva atuar como um sistema, servindo à Organização como um todo. Considerando o papel da informação para o desenvolvimento do meio rural, tem-se que a biblioteca vinculada à extensão rural deveria estar organizada de modo a servir aos seus diversos tipos de usuários:

a) homem rural;

b) Instituições;

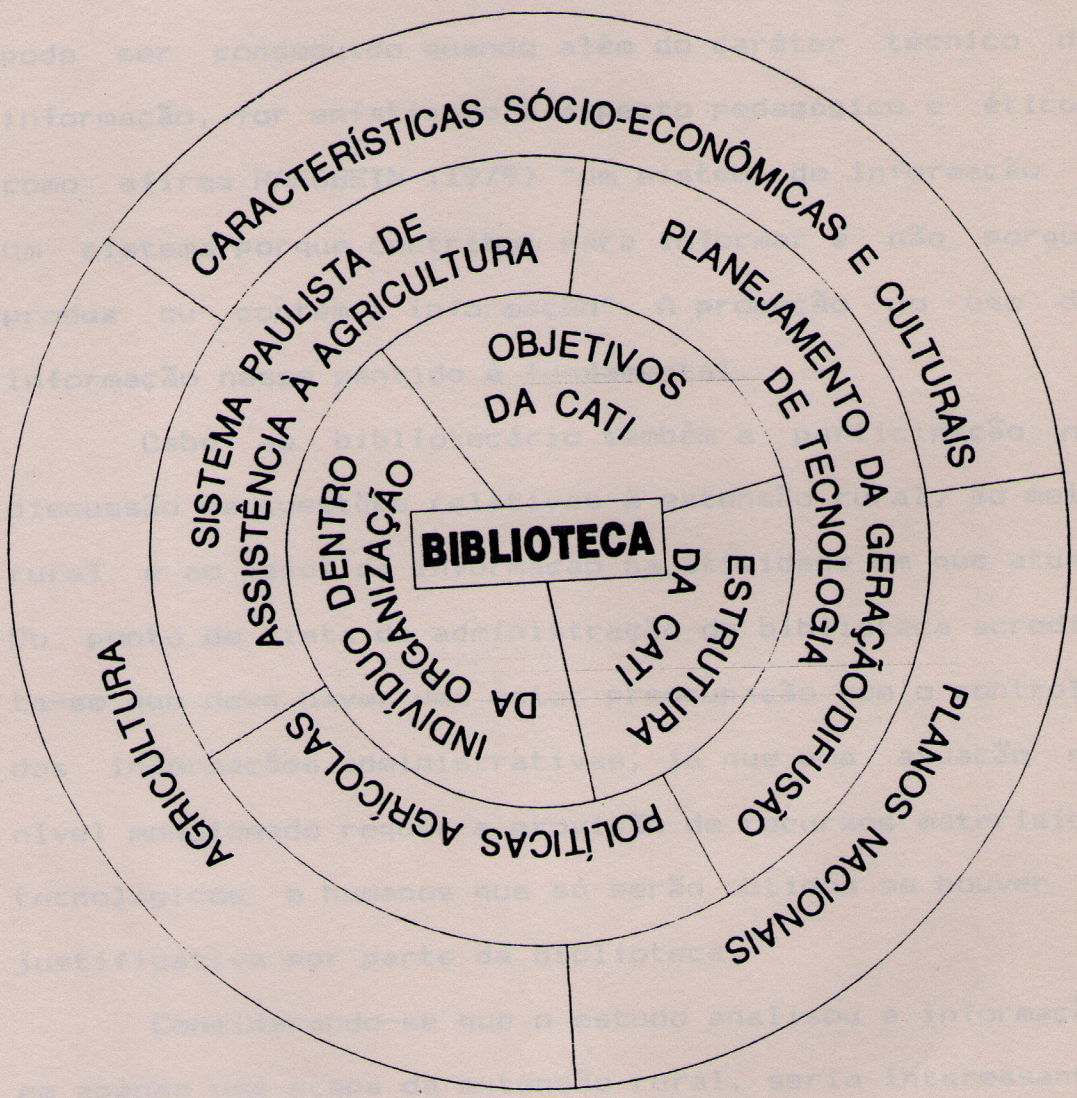
c) técnicos da extensão rural;

d) população em geral.

A falta de definição de objetivos, por parte da biblioteca parece comprometer a utilização dos recursos informacionais, reforçando as conclusões de NOCETTI (1978) "de modo geral, a infra-estrutura de informação agrícola no Brasil apresenta carências de planejamento sendo sub-aproveitada em termos de seu potencial informativo".

Deriva da análise e conclusões deste estudo que a evolução da biblioteca não se reflete em todas as áreas com a mesma intensidade. Neste caso, a biblioteca mostrou-se extremamente dependente da organização administrativa, mantendo a função tradicional de armazenamento de documentos ao invés da função ativa que caracteriza um sistema de informações. Em parte esta conclusão corrobora a hipótese deste trabalho de que a biblioteca é influenciada pelo meio ambiente interno (organizacional) e externo, bem como de que a organização e administração da informação e o grau de integração entre os setores que compõem a Instituição interferem nos fluxos de informação da extensão rural e no papel da biblioteca. Em parte porque o que deve haver é a **integração** da biblioteca ao seu meio ambiente. Através do conhecimento do contexto em que se dá a produção de informação ao meio rural, bem como das necessidades dos vários usuários, pode-se promover a integração da biblioteca ao meio ambiente organizacional e geral, conforme Figura V.

FIGURA V INTEGRAÇÃO DA BIBLIOTECA DA CATI AO MEIO AMBIENTE INTERNO (ORGANIZACIONAL) E EXTERNO



Assim, o que se espera e acredita-se seja possível é uma atitude ativa por parte do bibliotecário, de modo que a biblioteca não só seja influenciada, como também influencie seu ambiente, deteroinando diretrizes. Isso pode ser conseguido quando além do caráter técnico da informação, for enfatizado o aspecto pedagógico e ético; como afirma KAEGBEIN (1979) "um sistema de informação é um sistema porque contribui para informar e não porque produz ou contém a informação". A promoção do uso da informação nesse sentido é fundamental.

Cabe ao bibliotecário também a participação na discussão de questões relativas à extensão rural, ao meio rural e ao papel da informação na atividade em que atua. Do ponto de vista da administração da biblioteca acredita-se que deva haver uma maior preocupação com o controle das informações administrativas, já que uma atuação no nível mencionado requer a provisão de recursos materiais, tecnológicos e humanos que só serão obtidos se houver a justificativa por parte da biblioteca.

Considerando-se que o estudo analisou a informação em apenas uma etapa da extensão rural, seria interessante verificar como os profissionais envolvidos diretamente na transmissão da tecnologia suprem suas necessidades de informação. Sugere-se também estudos em nível de projeto de atuação da biblioteca aos diversos segmentos do meio rural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMINO, J. **O segredo e a informação**. São Paulo, Brasiliense,1986.

ANDRADE, A.M.C.; METCHKO,D.M.B.; SOLLA,S.R.C. Algumas considerações acerca da situação epistemológica da Biblioteconomia. **R. Esc.Bibliotecon. UFMG**, v. 10, n.2, p.153-62, 1981.

ARAÚJO, V.M.R. Estudos dos canais informais de comunicação técnica: seu papel na transferência de tecnologia e na inovação tecnológica. **Ci. Inf.**, v.8, n.2, p. 79-100, 1979.

ARAÚJO, V.M.R.H. Papel do profissional da informação em uma sociedade de mudança. **Ci. Inf.**, v.15, n.1, p.11-3, 1986.

BELTRÃO, L. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo, Cortêz, 1980.

BIANCHI, M.A. **Opinião de pesquisadores e dirigentes sobre a importância da informação especializada**: o caso da EMBRAPA. Belo Horizonte, UFMG, 1991. (Dissertação de Mestrado).

BORGES, M.A.G. **A demanda de informação técnica do extensionista**. Brasília, UNB, 1981. (Dissertação de Mestrado).

CATI: ajuda integrada e direta. **O Dirigente Rural**, julho, p.43, 1968.

COLÓQUIOS Filosóficos de Royaumont: el concepto de la informacion en la ciencia contemporânea. México, 1966.

COORDENADORIA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA INTEGRAL. **Relatório 1983/86**. p.1.

CUNHA, I.M.R.F. Informação e informações. **Ci. Inf.**, v.14, n.1, p.47-50, 1985.

CURVO FILHO, P.F. Comunicação informal entre pesquisadores e extensionistas na área agrícola. **Ci. Inf.** , v.12, n.2, p.25-42, 1983.

CURVO FILHO, P.F. Informação e documentação agrícola na comunicação rural. **Ci. Inf.**,v.8, n.1, p.37-46, 1984.

DIAZ-BORDENAVE, J.E. **O que é comunicação rural**. 2.ed. São Paulo, Brasiliense, 1985. (Coleção Primeiros Passos, 101)

DIAZ-BORDENAVE, J.E. **O que é participação**. 5.ed. São Paulo, Brasiliense, 1987. (Coleção Primeiros Passos, 95).

DRUCKER, P.F. Managing the public service institution. **College and Research Libraries**, v.37, n.1, p.4-14, 1976.

EMBRATER. **Pesquisa, assistência técnica e extensão rural**: integração EMBRAPA/EMBRATER. Brasília, EMBRATER, 1976. p.17.

EPSTEIN, I. **Teoria da informação**. São Paulo, Ática, 1986.

FARINAS, V.H.P. Sobre Biblioteconomia. **R. Bibliotecon. Brasília**, v.1, n.2, p.141-4, 1973.

FESSARD. Importância del concepto de conciencia posible para la comunicacion: discussion. In: **COLóQUIOS FILOSóFICOS DE ROYAUMOUNT**: el concepto de la informacion en la ciencia contemporanea. México, 1966. p.41.

FIGUEIREDO, R.P. Extensão rural no Brasil: novos tempos. **R. Bras. Tecnol.**, v.15, n.4, p.19-25, 1989a.

FIGUEIREDO, V. O trabalhador rural e a modernização da agricultura. **Rev. Bras. Tecnol.**, v.15, n.4, p.12-18, 1984b.

FONSECA, L. **A comunicação científica no Brasil**: um estudo para sua sistematização. Brasília, 1977. 11 p.

FREIRE, I.M. **Transferência de informações tecnológicas para produtores rurais**. Rio de Janeiro, IBICT, 1987. (Dissertação de Mestrado).

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação**. 4.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.

GOLDMANN, L. Importancia del concepto de con posible para la comunicacion. In: COLóQUIOS FILOSóFICOS ROYAUMONT: el concepto de la informacion en la ciencia contemporanea. México, 1966. p. 31-41.

GOMES, M.N.G. O papel do conhecimento e da informação nas formações políticas ocidentais. **Ci. Inf.**, v.16, n.2, p.157-67, 1987.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Secretaria da Agricultura e Abastecimento. **Diretrizes e programação oficial** 1989/90. p. 17.

GREEN, A. Rural information provision in Leicestershire. **J. Librarianship**, v.18, n.2, p.93-113, 1986.

INFORMATIVO CATI, n.4. Campinas, CATI, 1981.

KAEGBEIN, P. As bibliotecas como sistemas especiais de informação. **R. Bibliotecon. Brasília**, v.7, n.1, p.26-35, 1979.

LEITÃO, D.M. A informação: insumo e produto do desenvolvimento tecnológico. **Ci. Inf.**, v.14, n.2, p.93-107, 1985.

LEWIN, M. A temática do "mundo rural" nos planos brasileiros de desenvolvimento econômico. **Debate & Crítica**, n.4, p.83-105, 1974.

LUCAS, C.R. **Sistema de informação no processo de transferência tecnológica**. Campinas, PUCCAMP, 1987. (Dissertação de Mestrado).

MARTELETO, R.M. Informação: elemento regulador de sistemas, fator de mudança social ou fenômeno pós-moderno. **Ci. *Inf., v.16, n.2, p.169-80, 1987.***

MONGE, F. Los usuarios de la información agrícola. **Ci. Inf,**, v.6, n.2, p.79-85, 1977.

MUELLER, S.P.M. Biblioteca e sociedade: evolução da interpretação de função e papéis da Biblioteca. **R. Esc. Bibliotecon. UFMG**, v.15, n.1, p.7-54, 1984.

NOCETTI, M.A. **Estudo analítico da informação agrícola**. Rio de Janeiro, IBICT, 1978. (Dissertação de Mestrado).

ORDONEZ, J.A. La informacion como factor de desarrollo. **Revista Interamericana de Bibliotecologia**, v.3, n.113, p.19-30, 1990.

QUEDA, O.; SZMERECAANYI, T. O papel da educação escolar e da assistência técnica. In: SZMRECSAANYI, T.; QUEDA, O. **Vida rural e mudança social**. São Paulo, Nacional, 1979. p.216-33.

RHEINECK, F. ; DIAZ-BORDENAVE, J.E. **Fatores asociados con la producción de literatura científica por investigadores agrícolas**. Caracas, IICA, 1967. 17p.

ROHDEN, V. A informação como fator de progresso social. In: JORNADA SUL-RIOGRANDENSE.DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 7., Porto Alegre, jul. 1982. Porto Alegre, ARB, 1982, p.22-31.

ROSZAK, T. **O culto da informação**. São Paulo, Brasiliense, 1988.

SARACEVIC, T. Tecnologia de informação, sistemas de informação e informação como utilidade pública. **Ci. Inf.**, v.3, n.1, p.57-69, 1974.

SECRETARIA DA AGRICULTURA DE SÃO PAULO. Coordenação da Assistência Técnica Integral. **Análise do Sistema Paulista de Assistência à Agricultura**. Paris, SATEC, 1969.

SHERA, J.H. **The foundations of education for librasianship**. New York, Becker & Hayes, 1972. 511p.

SHERA, J.H. Toward a theory of librarianship and information science. **Ci. Inf.**, v.2, n.2, p.87-97, 1973.

SILVA, J.G. **O que é questão agrária**. São Paulo, Brasiliense, 1986. (Coleção Primeiros Passos, 18).

SOLARI, A.B. O objeto da sociologia rural. In: SZMRECSANYI, T.; QUEDA,O. **Vida rural e mudança social**. São Paulo, Nacional, 1979. p.3.

SZMRECSANYI, T. ; QUEDA, O. **Vida rural e mudança social**. São Paulo, Nacional, 1979.

STAVENHAGEN, R. A comunidade rural nos países subdesenvolvidos. In: SZMRECSANYI, T.; QUEDA, O. **Vida rural e mudança social**. São Paulo, Nacional, 1979.

TARAPANOFF, K. Biblioteca integrada e sociedade: referencial teórico. **Ci. Inf.**, v.13, n.1, p.3-9, 1984.

ZEMAN, J. Significacion filosófica de la idea de informacion. In: COLóQUIOS FILOSóFICOS DE ROYAUMONT: el concepto de la informacion en la ciencia contemporanea. México, 1966. p.203-15.

ANEXOS

EVOLUÇÃO DA IMPORTÂNCIA DA INFORMAÇÃO

SOCIEDADE ANTIGA

- Demanda de informação maior que oferta
- Custos de reprodução dos registros do conhecimento muito altos
- Difícil acesso à informação
- Informação relacionada ao suporte impresso

MUDANÇA NA CONCEPÇÃO DA INFORMAÇÃO

SOCIEDADE MODERNA

- Explosão documentária/poluição de documentos
- Oferta da informação excede a demanda
- Implementação das tecnologias da informação
- Surgimento da teoria da informação
- A informação é vista como mercadoria, adquirindo valor de uso e troca
- Informação = produto de consumo, recurso, capital, moeda
- Informação = bem de produção (> produtividade)
- Informação = bem cultural (> conhecimento)
- Informação é produzida e veiculada em diversos meios
- Sociedade da informação - surgimento de novos especialistas (gerenciadores de recursos informacionais)

A BIBLIOTECONOMIA E A INFORMAÇÃO

SOCIEDADE ANTIGA

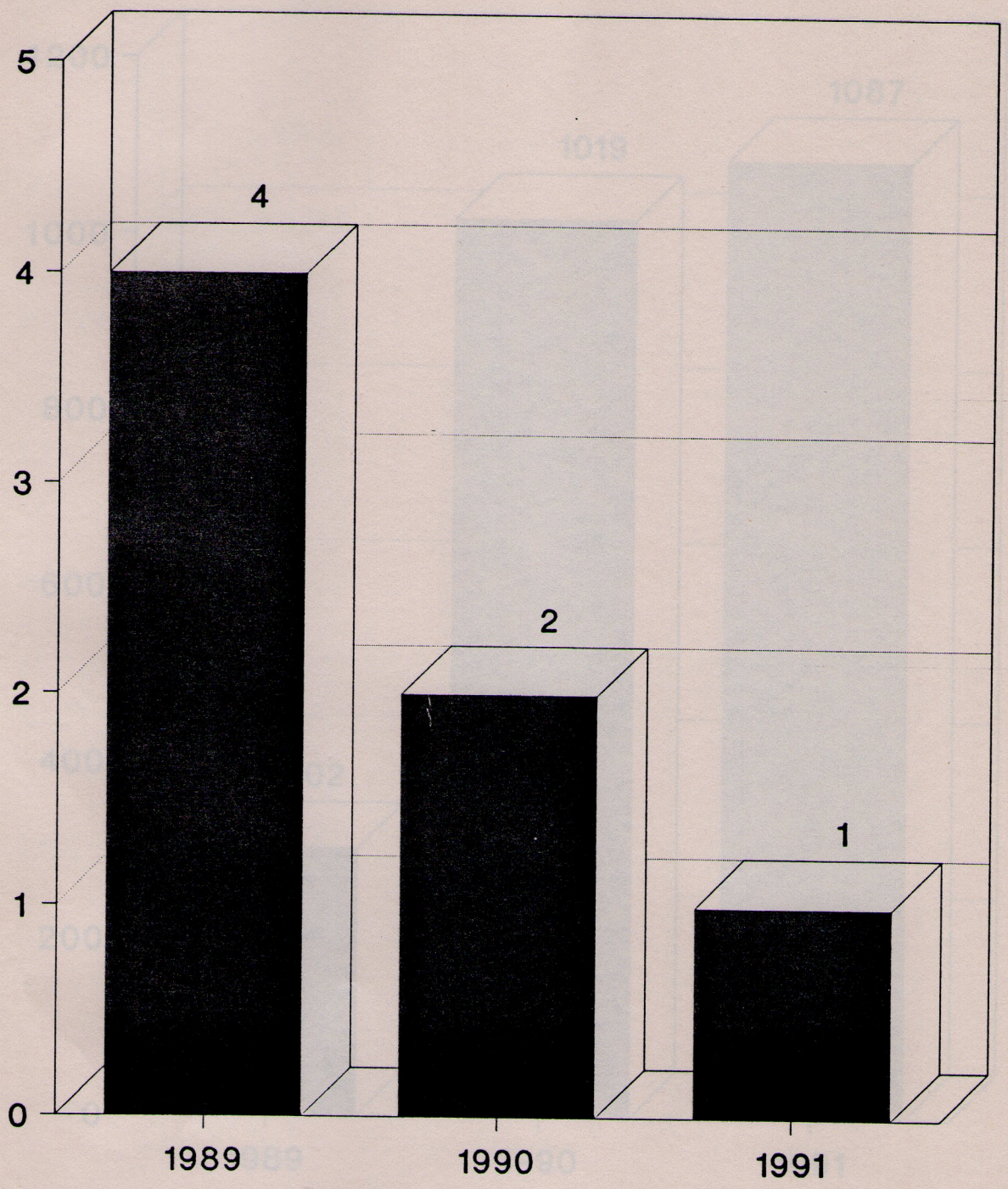
- Biblioteca = coleções de informações
- Biblioteca = depósito
- Ênfase no armazenamento (caráter passivo)
- Bibliotecário = erudito
- Difícil acesso à informação
- Acesso restrito à uma elite
- Bibliotecários determinavam quem poderia ler, que livros, por quanto tempo

MUDANÇA NA CONCEPÇÃO DA BIBLIOTECA

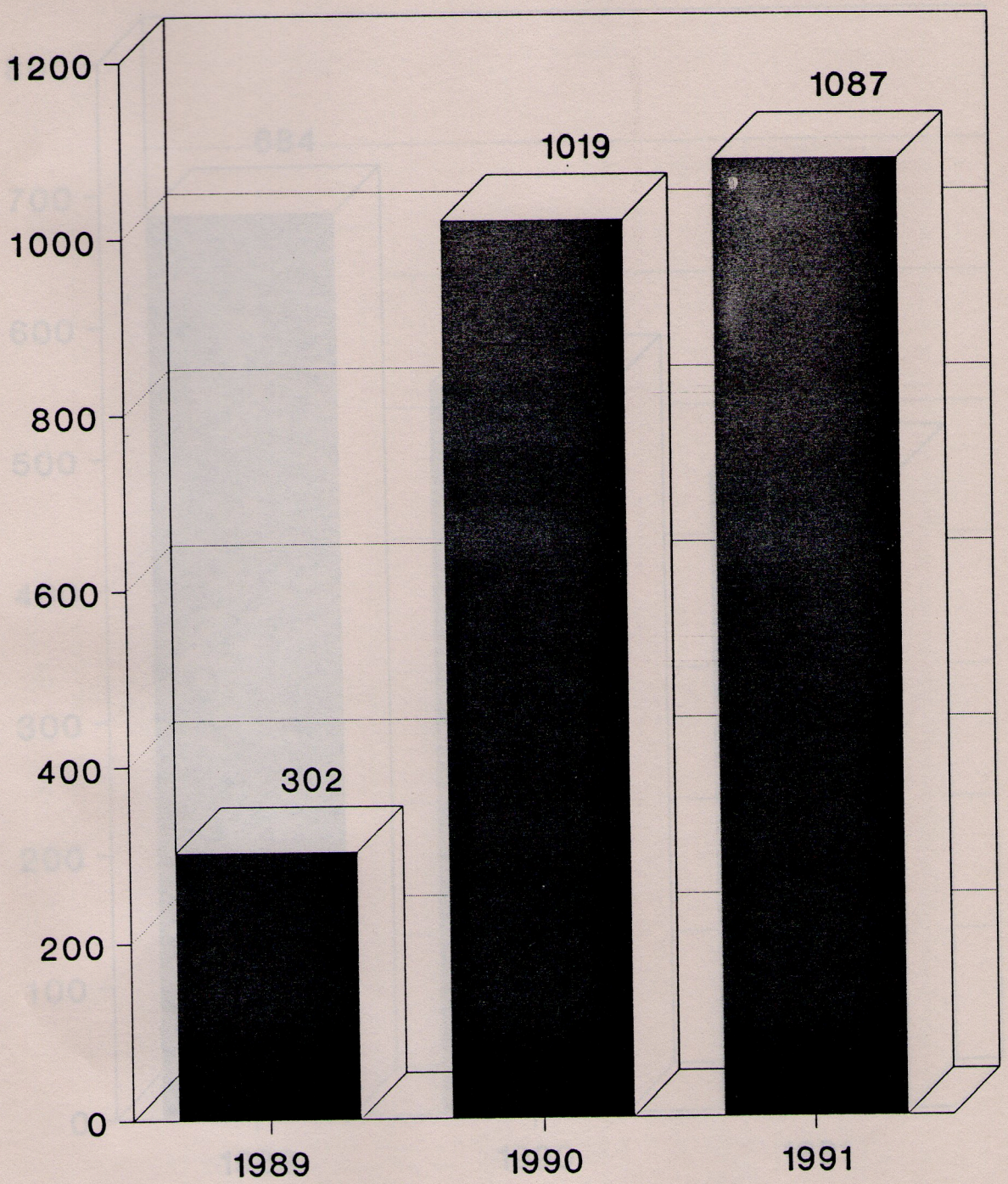
SOCIEDADE MODERNA

- Biblioteca = sistema de informação
- Ênfase na disseminação (caráter ativo)
- Bibliotecário = técnico especializado
- Maior disponibilidade de informação
- Ênfase aos usuários, necessidades e serviços
- Socialização do conhecimento
- Necessidade de aplicação de novas tecnologias de controle, processamento e disseminação da informação
- Preocupação com o aspecto quantitativo e qualitativo da informação

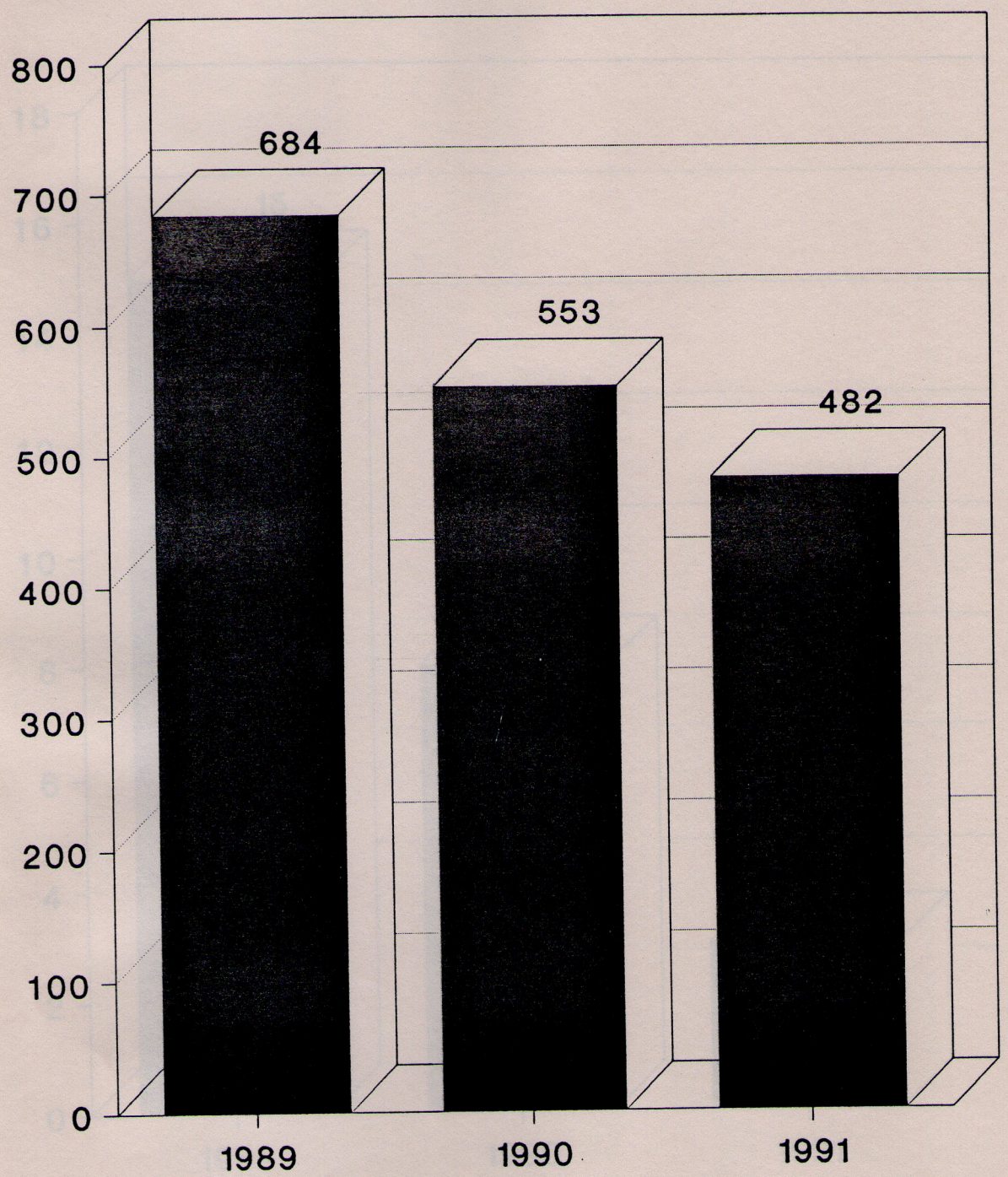
RECURSOS HUMANOS NOS ULTIMOS 3 ANOS



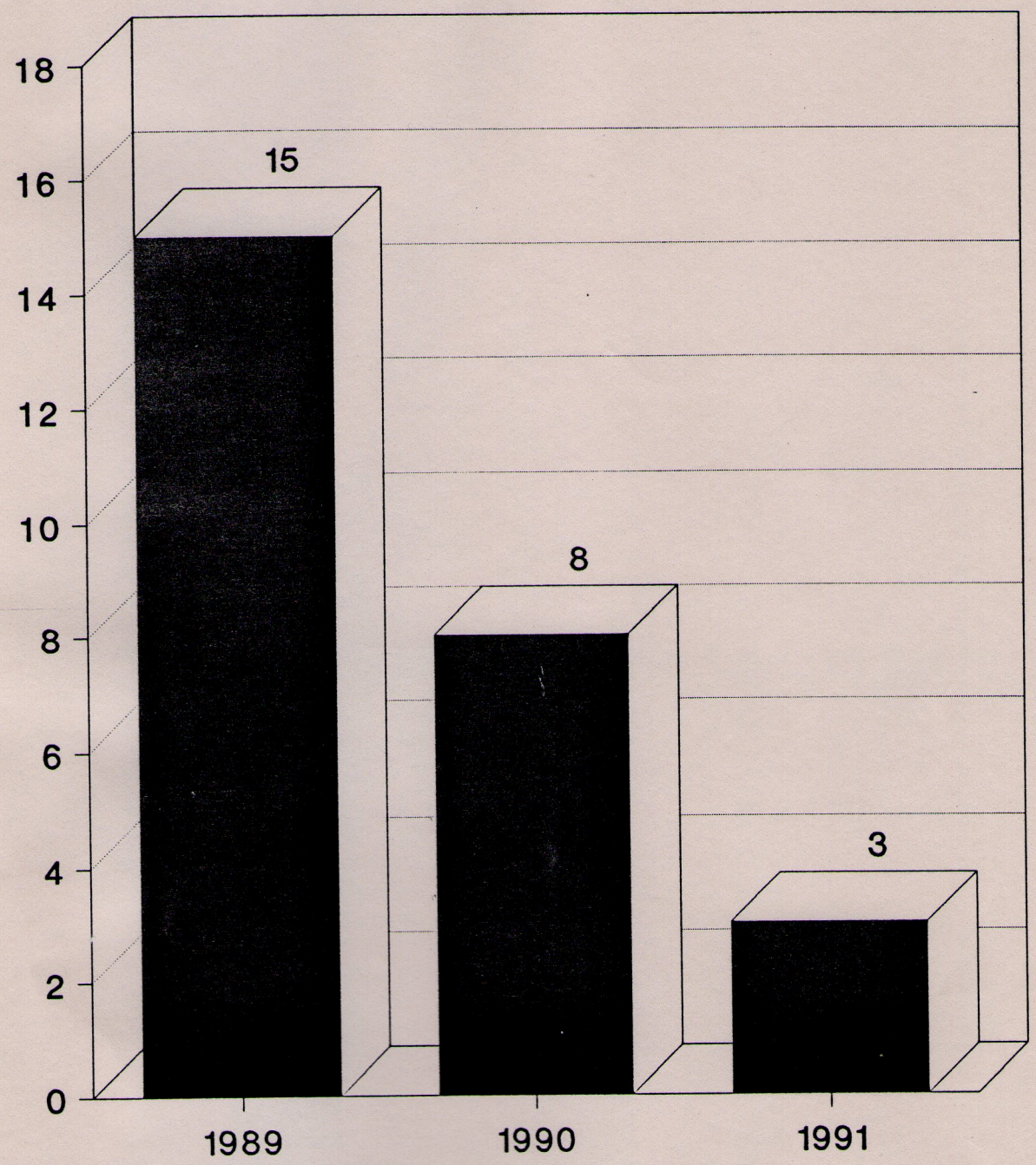
CONSULTAS NOS ULTIMOS 3 ANOS



EMPRESTIMOS NOS ULTIMOS 3 ANOS



EMPRESTIMOS ENTRE BIBLIOTECAS NOS ULTIMOS 3 ANOS



AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Eduardo José Wense Dias e Prof. Waldir de Castro Oliveira, pela orientação e constante estímulo;

Aos colegas do curso de pós-graduação pela oportunidade de uma rica convivência;

Aos professores do curso de pós-graduação em Administração de Bibliotecas da EB-UFMG;

Aos entrevistados que colaboraram para obtenção dos dados desta pesquisa;

À Sra. Dília Escolástico do Centro de Comunicação Rural da CATI, pela atenção com que fui recebida;

Ao Prof. Dr. Nelson Fontana Margarido, Presidente da Comissão de Ensino e Pesquisa do Hospital Universitário da USP pelo incentivo, orientação e sugestões a este trabalho;

À Sra. Maria Cecília Gonzaga Ferreira, Diretora do Serviço de Biblioteca e Documentação Científica do Hospital Universitário da USP pela compreensão durante a conclusão deste estudo;

À Luciana Rita S. Papaiz do Nascimento pela elaboração das Figuras;

A todos aqueles que colaboraram para a realização deste.